

Germaine BEAUGUÏTTE et Pierre NEUVILLE

# MARIE-LISE

INVISIBLE  
ET  
PRÉSENTE

*Une aventure  
historique  
revécue en  
hypnose*

ÉDITION DES AUTEURS

CRILLE

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## **Sobre nós:**

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



*[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)*

*As páginas em branco foram retiradas desta versão digital.  
Consequentemente, a numeração das páginas não é a mesma que a da versão  
impressa.*

**MARIE-LISE**  
**invisível e presente**

## **OBRAS PUBLICADAS POR PIERRE NEUVILLE**

**LES MEILLEURS GUERISSEURS DE FRANCE** (Agence parisienne de distribution). *Esgotado.*

**SDR LES CHEMINS DE LA GUERISON** (Agence parisienne de distribution). *Esgotado.*

**CENT CAS DE GUERISONS MIRACULEUSES** (Agence parisienne de distribution).

**LES MEILLEURS GUERISSEURS DE FRANCE.**

Nova edição revista e ampliada, contendo os estudos publicados nos dois volumes da primeira edição de *Meilleurs guérisseurs de France* e de *Sur les chemins de la guérison*. (Agence parisienne de distribution).

**LES EXPLORATEURS DE L'AU-DELA.** — Les médiums, leur vie. (Robert Laïloni).

**Germaine BEAUGUITTE e Pierre NEUVILLE**

---

**MARIE-LISE**  
**invisível e presente**

**EDIÇÃO DOS AUTORES**

*Todos os direitos de reprodução e adaptação  
reservados para todos os países.  
Direitos autorais de Germaine Beauguitte e Pierre Neuville*

**IMPRESSO NA FRANÇA**

...Encontramo-nos em um mundo que nos é quase inteiramente desconhecido e do qual nos é mesmo muito difícil provar a existência...

ALEXIS CARREL

## INTRODUÇÃO

*O que há de agradável com os americanos é que, nação nova, eles redescobrem, sem experimentar a menor complexidade, coisas tão velhas quanto o mundo.*

*É a reflexão que nós fazíamos lendo o livro de Morey Bernstein <<A la recherche de Bridey Murphy, no Brasil publicado como O caso de Bridey Murphy >>, no qual o autor conta que, tendo adormecido, em uma noite de outono de 1952, uma jovem americana de 29 anos, Ruth Simmons, ele pôde, perguntando a ela, fazê-la remontar o curso do tempo e contar sua existência anterior, que ela tinha vivido em Cork, na Irlanda, com o nome de Bridey Murphy.*

*A experiência não era, certamente, desprovida de interesse e o livro merece ser lido — foi, aliás, durante muitos meses, um bestseller nos Estados Unidos. Tudo o que podemos criticar de Morey Bernsteins é ignorar que experiências hipnóticas similares tiveram êxito no passado e foram levadas além de sua própria demonstração pelos pesquisadores, os quais todos os entusiastas*

*do mistério, todos os apaixonados pelas ciências ocultas conhecem os nomes. Para não citar que ele, o Coronel Albert de Rochas, diretor da Escola Politécnica desde 1893, se apaixonava por este problema de regressão da memória e que suas experiências, que prosseguiram até 1910, não são focadas sobre um, mas sobre 19 sujeitos, nos quais ele fez reviver, em estado de hipnose, até onze experiências sucessivas.*

*O Coronel de Rochas relatou em um livro <<Les Vies successives, no Brasil publicado como As vidas sucessivas>> suas surpreendentes explorações pelo passado e quais conclusões suas observações científicas conduziram-no. O livro, hoje não encontrado, não teve na época sucesso algum; o Coronel de Rochas não teve a sorte de nascer no estado do Colorado.*

*O desprezo que a ciência oficial manifesta, em nosso país, para com estes problemas metafísicos, é a origem do insucesso de trabalhos prosseguidos por pesquisadores como Albert de Rochas e da ignorância que nos leva a subverter os resultados obtidos. Podemos somente lembrar e sermos gratos a Morey Bernstein por ter publicado seu livro, uma vez que, realçada de prestígio americano, a história de Bridey Murphy seduziu a Europa, seu entorno e todas as gazetas se enfeitiçaram, trazendo de volta ao primeiro plano da atualidade um problema que, afinal, não é menos apaixonante que aquele dos discos voadores ou das viagens interplanetárias.*

*Da nossa parte, a aventura de Morey Bernstein e a vedete dada a Bridey Murphy nos incitaram a levar essa experiência mais adiante e, seguindo os traços do Coronel de Rochas, tentar devassar, cientificamente, o mistério sobre o “lado de lá” — ou mais exatamente deste “além de cá” — de onde nós todos viemos e para onde parece que é preciso retornar.*

*Entendamos bem, este livro não é nem uma tese, nem um manifesto a favor de uma doutrina qualquer. Nós apenas relatamos aqui o que vimos e escutamos ao longo de experiências complicadas e que, assim esperamos, prenderão a atenção do leitor.*

*O que nós podemos certificar é a perfeita autenticidade destas experiências, a veracidade dos fatos, a propósito do que nós relatamos e temos sido testemunhas objetivas.*

*Ademais, tendo a maior parte das sessões de hipnose sido registradas no gravador, será sempre possível, para aqueles cuja história de Marie-Lise deixaria céticos, verificar no disco a perfeita exatidão do nosso relato.*

*Para melhor tornar compreensível ao leigo o que é a hipnose e como o sono hipnótico pode ser utilizado, não poderíamos fazer melhor do que expor algumas certezas, aquelas que conduziram o Coronel de Rochas depois 17 anos de experiências, permitindo-nos enfatizar que o Coronel de Rochas não era um sonhador, nem um excêntrico, mas o espírito científico mais cartesiano de seu tempo e o chefe de uma das maiores escolas de nosso país.*

*“É certo”, escreve o Coronel de Rochas, “que por meio de procedimentos magnéticos, pode-se, em alguns sujeitos dotados de sensibilidade suficiente, provocar uma série de fases de letargia e estados sonambúlicos que se sucedem regularmente como as noites e os dias, e ao curso dos quais a alma parece se desprender mais e mais dos laços que a prendem ao corpo para se lançar nas regiões do espaço e do tempo, geralmente inacessíveis para ela, em um estado de vigília normal.”*

*“É certo que, em meio a certas operações magnéticas, pode-se reconduzir progressivamente a maior parte dos sensitivos a épocas anteriores da sua vida*

*atual, com as particularidades intelectuais e fisiológicas, características destas épocas e isso até o momento do seu nascimento. Não são lembranças que vêm à tona; são os estados sucessivos da personalidade que se evoca; essas evocações se produzem sempre numa mesma ordem e através de uma sucessão de letargias e de estados sonambúlicos.”*

*“É certo que continuando essas operações magnéticas além do nascimento, e sem precisar recorrer às sugestões, faz-se o sujeito passar por estados análogos, correspondentes às encarnações precedentes e aos intervalos que separam essas encarnações. O processo é o mesmo através de sucessões de letargias e de estados de sonambulismos. Estas revelações, quando se pôde controlá-las, não correspondem, geralmente, à realidade, mas é difícil de compreender como as mesmas práticas físicas, que determinam desde o começo regressões de personalidades reais até a época do nascimento, podem repentinamente tornar-se alucinações totalmente falsas.”*

*“É certo que, continuando os passes despertadores além da idade atual do sujeito, determinam-se fenômenos análogos àqueles que se produziu no passado, ou seja, fases alternadas de letargia e de estados de sonambulismo onde o sujeito desempenha papéis correspondentes à sua vida em um futuro — quer na vida presente, quer em suas vidas futuras. Ainda não se controlou a realidade dessas previsões, algumas das quais são devidas unicamente a projeções do sujeito. Está provado, no entanto, que em circunstâncias bastante numerosas e ainda não definidas, o Homem pôde ver claramente no futuro.”*

*Digamos, por obséquio, que mais feliz que o Coronel de Rochas — e mesmo que Morey Bernstein, cujo relato tem sido, em muitos detalhes, controvertido pelos fatos — pudemos, no que concerne a Marie-Lise, verificar, como*

*se verá mais adiante, a perfeita exatidão da maior parte dos fatos e gestos que ela revivia em hipnose. Se acrescentarmos que sua vida constitui, por sua vez, um episódio inédito da pequena História da época napoleônica, convencer-se-á de que a experiência merecia duplamente ser tentada e relatada.*

*Deixaremos ao leitor, em seguida, a tarefa de concluir por si mesmo.*

## CAPÍTULO I

### A VIDA SECRETA DE MIRANDA

Nosso desejo de reiterar e, se possível, exceder a experiência de Bridey Murphy se justificava, sobretudo, por termos à nossa disposição um dos ilustres magnetizadores e hipnotizadores da França: André Dupil.

Nós tivemos a chance de reencontrá-lo em prol de uma averiguação anterior e pudemos apreciar a excepcional eficácia de seus dons.

Este não é o espaço para falar das curas miraculosas que ele opera — o objetivo é que o leitor possa melhor apreciar o valor de nossas experiências. Deve-se saber que André Dupil pertence à categoria de magnetopatas no qual o fluido vence múltiplas doenças e mais particularmente àquelas pelas quais a medicina clássica admite-se impotente. André Dupil não é um curador de praça pública — ele é reservado. Ele teve a sorte, desde o início, de ser encorajado por autênticos médicos que reconheceram e apreciaram a preciosa ajuda que ele lhes trazia no tratamento

de inúmeras doenças. Ele pratica sua arte, em perfeita colaboração com a equipe médica, tanto em Meaux quanto em Paris.

Sobre o plano do hipnotismo puro — que ele é, algumas vezes, conduzido a utilizar como terapêutico — André Dupil não é menos dotado, e agora que as nossas experiências tiveram fim, podemos dizer que elas puderam ser bem conduzidas, somente graças à sua colaboração. Certamente, na França, ele é um dos magnetizadores e hipnotizadores que podem proceder a tais demonstrações e obter interessantes regressões de memória. Não há, em nosso conhecimento, quem possa dominar as experiências com tal autoridade, agilidade e segurança.

Fora de nossos trabalhos sobre o “caso” Marie-Lise, procedemos com André Dupil em centenas de experiências de hipnotismo, algumas fáceis e apaixonantes, outras difíceis e perigosas. Jamais o vimos em dificuldade, e o número de leigos que convidamos a essas sessões a fim de que o testemunhassem o consideram ainda hoje quase como um “feiticeiro”!

Abramos, a esse propósito, para contar em poucas palavras, a surpreendente aventura do pintor Marcel Caille, que foi testemunha de várias sessões consagradas pela história de Marie-Lise e que deve ele mesmo à hipnose suas mais surpreendentes composições artísticas.

Sofrendo, o senhor Caille foi se tratar com André Dupil; dessa forma ele foi informado de nossas experiências e um dia pede ao magnetizador para adormecê-lo “para ver qual a sensação”. Ele se revela, de repente, um sujeito particularmente fácil. Uma vez que ele esteve em hipnose, André Dupil teve a ideia de lhe pedir para pegar seus pinceis e executar um quadro de sua escolha. Calmo, Caille começou a trabalhar na obra. Para a estupefação dos assistentes, ele pinta

em tempo recorde uma alucinante composição, cujo simbolismo saltava aos olhos de todos: duas mãos imensas e radiantes ocupavam o centro da tela expelindo de frente a elas as nuvens escuras da doença, enquanto sobre o sol, o caduceu estava quebrado e inútil.

Pode-se, naturalmente, discutir sobre a parte consciente ou inconsciente que a hipnose tomou dentro da execução desta tela, o que é incontestável é que — como todos aqueles que Caille pintava em hipnose — ela é de uma técnica e inspiração absolutamente diferentes daquelas habituais do pintor.

O mais curioso é que Caille, uma vez despertado, não se recorda absolutamente de nada e sente-se impossibilitado de acrescentar qualquer retoque a suas telas, mesmo tendo a consciência das imperfeições que elas apresentam e da maneira que elas podem ser corrigidas.

Propomos, em outra ocasião, retomar e detalhar este caso, asseguradamente extraordinário, de Marcel Caille e analisar como, em hipnose, essas obras são executadas. Sua aventura serve, hoje, para provar a qualidade excepcional dos dons de André Dupil.

Todo o sucesso de nosso empreendimento dependia da eficácia do hipnotizador e da escolha do sonâmbulo ao qual iríamos pedir para nos guiar para o além misterioso e reviver, para nós, uma outra vida.

André Dupil escolheu, em meio aos sujeitos que ele tinha o costume de adormecer, uma jovem mulher que ele tinha tratado, reconstituído a saúde e parecia ser uma sonâmbula excelente.

De fato, Ghislaine — dessa forma nós a chamaremos para as necessidades da exposição — iria revelar-se uma pessoa excepcio-

nal, entretanto os resultados seriam decepcionantes, não pela culpa da sonâmbula: simplesmente os fatos evocados foram impossíveis de verificar.

Antes de examinar os fatos, talvez não seja inútil explicar àqueles que nunca tiveram a chance de assistir a tal sessão de hipnose, como e em qual ambiente ela se desenrola.

Estas sessões eram, frequentemente, realizadas no consultório de André Dupil, em Meaux. Portas e janelas fechadas para evitar os barulhos exteriores, alguns assistentes somente para evitar a dispersão de questões e o cansaço da sonâmbula.

Ghislaine se estira confortavelmente sobre o divã, em estado de completo relaxamento, tudo procede com alguns passes curtos e rápidos, o senhor Dupil “pede” para ela adormecer sem temor:

— Feche os olhos... Você vai adormecer... Você verá... Tudo ficará bem... Muita tranquilidade... Respire bem... Você dorme profundamente... Você não pode abrir os olhos... Não tenha medo, eu estou com você... Eu não te deixo... Está tudo bem...

Muito rapidamente — pois ela tinha o hábito — Ghislaine estava profundamente adormecida, em estado de completa letargia. André Dupil podia então começar a lhe perguntar.

No início nós não tínhamos a preocupação de preparar as perguntas e elas não eram sempre eficazes, mas logo adquirimos grande experiência e quando o hipnotizador “tropeçava” sobre uma resposta da sonâmbula, nós lhe soprávamos a melhor das questões. De maneira geral é comum que os assistentes — mesmo leigos — tenham perguntas a fazer à pessoa.

Nós fizemos, de julho a novembro de 1956, quatro dezenas de sessões de hipnose com Ghislaine; nós

daremos aqui somente um breve resumo, já que em definitivo é impossível verificar materialmente a exatidão dos fatos que ela revivia sob nossos olhos. O fato é que sua “história” é perturbadora e a experiência extraordinária. Era impossível à jovem Ghislaine inventar os detalhes que ela nos dava sobre sua existência, sobre a época (entre 1872 e 1898) que ela “vivia”.

Várias testemunhas, dignas de credibilidade, assistiram a estas sessões e podem atestar que nenhuma fraude, nenhum engano era possível, como o doutor H., bem como o senhor e senhora Thouvenot.

Não é pouca coisa transpor este “não” que separava a existência atual de Ghislaine de sua vida anterior.

André Dupil tinha remontado lentamente o curso do tempo: “Você tem 18 anos... Você tem dez anos... Você tem cinco anos...” Docemente, Ghislaine revivia sua vida passada, dava nomes de amigos, citava fatos que notamos escrupulosos, a fim de verificar a exatidão; com cinco anos ela dava nome às suas bonecas, com dois anos ela falava com voz de bebê, com um ela chupava o polegar.

Nós estamos presos aqui à primeira sessão. Na segunda, Ghislaine reconta detalhadamente — que nós pudemos verificar em seguida interrogando sua mãe — o casamento de... seus pais!

A experiência não tinha nada de excepcional, até então, a não ser pelo fato de nossa pequena sonâmbula estar se revelando uma pessoa extraordinária. As coisas tomam uma trajetória apaixonante quando André Dupil, também sensibilizado, faz a pergunta essencial: “E antes?... Quem você era?”

Um longo silêncio durante o qual o sujeito se agita sobre o divã e, de repente, sem transição, Ghislaine fala:

— “Eu sou Miranda... Eu tenho 18 anos... Uma casa com heras ao redor... Uma porta sobre o lado... uma grade...”

Nós todos queríamos fazer perguntas, mas é necessário deixar André Dupil conduzir o interrogatório.

— Quando você nasceu?...

— 17 de junho... de 1872...

— Onde?

Miranda — ou Ghislaine — nós não sabemos mais! — não responde à questão. Convém notar que, muito frequentemente, ao curso de outras sessões de hipnose, o indivíduo não responde as questões que lhe são perguntadas, seja porque essas perguntas parecem o constranger, seja porque elas são irritantes, muito indiscretas, inúteis ou porque há outra coisa mais importante a nos confidenciar.

— Onde você nasceu?

— Ela não está morta, velha Miranda... Ela não tinha 26 anos...

— Onde você morreu?

— Ao lado de Soissons... um pequeno vilarejo...

— Fale para nós sobre você, Miranda...

— Ela tem problema nas pernas... Ela deve ser parálitica... O lado direito... Oh!...

Oh!...

Ela se queixa e, visivelmente, sofre. É necessário acordá-la.

Ghislaine, ao despertar, não se recorda de absolutamente nada que ela contou em hipnose.

Nós detalharemos ao leitor estas sessões fatalmente longas e enfadonhas, visto que era necessário a cada vez remontar pacientemente o curso do tempo e fazer as mesmas questões antes de poder fazer novas.

Aqui, resumida, a história de Miranda tal qual nós pudemos reconstituí-la depois de cerca de três dezenas de sessões.

Miranda foi uma criança abandonada à assistência pública com cinco anos. Ela não se recorda de

seus pais. Uma velha senhora, madame Jeanne Dumesnil, a adotou e levou para casa, em uma pequena cidade perto de Soissons, na qual a sonâmbula não pôde jamais dar o nome.

Miranda era parálitica desde os cinco anos de idade. Cada vez que nós a fazíamos evocar esta enfermidade ela sofria, se queixava de suas pernas e do seu lado direito. O doutor J.-P.H... que examinou a sonâmbula em sono hipnótico pôde constatar que ela apresentava todos os sintomas de paralisia e não reagia a picadas nem a toques. Assim que acordada, Ghislaine retomava a usar as pernas, não se lembrando de nada.

Miranda vivia com sua “*Mémé*” — assim ela chamava sua mãe adotiva — em uma casa que ela descrevia minuciosamente. Ela contava que sua existência vegetativa era estendida ao jardim e a casa. A única visita que ela recebia era a do velho médico de campanha que a atendia e para o qual ela usava dois nomes: Dubois e Quelbec, sem que nós pudéssemos lhe fazer precisar qual era o bom. Ela recebia também a visita de alguns vizinhos.

A partir dos 18 anos, ela não se levanta mais, ela sofre do coração; o velho médico a visita quase todos os dias. Com 25 anos, ela se encontra em um hospital parisiense, devido aos problemas cardíacos. Ela não consegue dizer o nome deste hospital. O doutor J.-P.H... assiste a sessão e comete a imprudência de citar um a um todos os hospitais parisienses. A sonâmbula parece reconhecer na passagem do nome de Laënnec, mas é impossível medir a parte de sugestão que pode guiá-la para esta escolha.

Miranda, com 26 anos, voltou para a casa de sua mãe adotiva. É lá que ela vai morrer de ataque cardíaco. Ghislaine revive a cena em hipnose com um realismo que, a primeira vez, nos enche de medo.

Ela sofre, geme, respira com dificuldade. As sessões foram medicamente controladas. Todos os sintomas que ela apresenta são perfeitamente autênticos. Ela fala assim:

“O doutor veio... Ele não me disse nada... Mas ele disse à *Mémé* que eu não tenho mais muito tempo... Eu sofro... Eu não quero morrer!... Não, eu não quero morrer!... Ah!... Não! Não!... Há um buraco... Eu não quero descer... Não há mais ar...”

A gente compreenderá que, as primeiras vezes, nós estávamos apressados para acordar a sonâmbula que se retorcia sobre o divã. Em seguida, mais habituados, nós prosseguimos o interrogatório. Miranda nos descreveu seu sepultamento e seu túmulo, no cemitério de Soissons, com uma cruz de madeira com seu nome, Miranda.

Nossa grande preocupação era, sem dúvida, obter o máximo de detalhes para nos permitir reencontrar as pegadas de Miranda e também para provar que toda esta história não podia ser inventada por nossa jovem sonâmbula, que ignorava tudo que era revivido em hipnose.

Desta forma que Miranda nos explicita — respondendo as perguntas que nós lhe fazíamos — que sua *Mémé* recebia um jornal que custava um centavo; que o pão custava dois ou quatro centavos; que a carne era cara, sete centavos por duas. Ela nos relata que a casa era iluminada por velas; que carroças passavam pelas ruas. Ela nos dá o nome de uma vizinha, senhora Duhamel. Quando ela está no hospital, suas duas vizinhas de cama são: Madeleine à direita e senhora Poirère à esquerda.

Miranda nos disse ainda que ela é loira, de olhos verdes, que ela não é bem vestida, que usa uma calcinha de renda que desce até os joelhos. Elas não são ricas, sua *Mémé* recebe dinheiro pelo correio, ela não trabalha. O prefeito

se chama senhor Barrault e ela acredita que a igreja é dedicada a São Bernardo.

Infelizmente, nós não conseguimos que ela nos indique o nome de sua cidade. Ela acredita que é necessário virar à esquerda saindo de Soissons. André Dupil apresenta um mapa da região e Ghislaine, sempre em hipnose, indica Soissons, então ela acrescenta:

— Onde é o vilarejo há um número cinco, eu não vejo nada mais... um cinco é tudo...

Miranda jamais se contradiz nas respostas às perguntas que lhe fazemos e nós repetimos muito frequentemente para tentar obter o máximo de precisão.

Entretanto, essa experiência era tão apaixonante e devia, de fato, resultar em fracasso, pois não foi possível verificar as afirmações do médium, nem reencontrar a menor pista de Miranda, que pudesse verificar que sua história era autêntica.

A assistência pública não estava disposta a revelar fatos de 1877, que madame Dumesnil adotou uma pequena filha de nome Miranda. A regra da administração é o silêncio e nós não tínhamos a possibilidade de violar esta regra.

Em Soissons, onde nós voltamos, outras decepções nos esperavam. No cemitério, André Dupil adormeceu Ghislaine que logo em seguida se dirigiu em direção ao fundo do cemitério, sensivelmente ao caminho que ela tinha descrito em seu sonho hipnótico e parou diante de um túmulo sem nome. O guarda consultado não pôde nos fornecer nenhuma informação sobre o túmulo, nem dispunha de arquivos.

Outro dia, em Soissons, fizemos uma ronda pela região com a esperança de descobrir um indício, um detalhe que nos levasse à história de Miranda. Consentida, Ghislaine nos acompanhava. André Dupil a adormeceu no carro e lhe perguntou qual dire-

ção nós devíamos pegar para sair da cidade. Sobre suas indicações nós fomos à estrada, depois ela foi despertada. Nós parávamos, a cada cidade, para pedir informações e nos pareceu que muitas pessoas que nós perguntávamos nos achavam tolos.

Chegando a um pequeno vilarejo chamado Coeuvres, desde as primeiras casas, Ghislaine sentiu uma sensação dolorosa, uma onda de sonolência a deixou apreensiva, como se ela fosse entrar em sono hipnótico sem a intervenção do senhor Dupil. À medida que nós avançamos as ruas, o mal-estar se acentuava; no momento em que nós passamos em frente a uma casa, Ghislaine desmaiou. Refletindo um mal-estar estranho à nossa experiência, nós fizemos, em seguida, uma segunda tentativa, uma terceira e, cada vez, a sonâmbula sentia o mesmo indefinível mal-estar.

Tínhamos, enfim, encontrado o vilarejo onde Miranda tinha vivido? Nós esperávamos que fosse a verdade, mas nos foi impossível obter a menor confirmação. Grande parte dos arquivos da comuna foi destruída durante a guerra. Os registros civis sobre madame Jeanne Dumesnil e senhorita Miranda Dumesnil eram inexistentes. A imprecisão das datas não permitiu à dedicada secretária da prefeitura, que era amável e estava a nossa disposição, de fazer as pesquisas completas.

O assunto era muito antigo e os habitantes da cidade não podiam se lembrar, exceto os que eram muito velhos (se ela não tivesse morrido com 26 anos, Miranda teria 86 anos na época de nossa pesquisa) e nós não encontramos nenhuma testemunha desta idade.

Apesar de sentidos, era preciso convir nossa falha. Nós não fizemos melhor

que Morey Bernstein, muito menos melhor que o Coronel de Rochas.

Mas não deixamos Ghislaine sem assinalar uma estranha particularidade do seu caso. Quase sempre, em início de hipnose ou bem quando André Dupil a adormecia, uma segunda vez ao curso da mesma sessão ela parecia reviver um episódio de uma existência que não tinha, aparentemente, nenhum ponto em comum com a história de Miranda.

O tema, suficientemente vago, quase sempre era o mesmo:

— Passos... Passos... É um castelo... É bonito... É bonito... Há damas que dançam elas têm bonitos vestidos... Faz frio... Há pessoas que falam. Eu não entendo nada que elas dizem...

— Que língua elas falam?

— Eu não sei.

O marido de Ghislaine, que assiste à sessão, pronuncia várias frases em diversas línguas.

— Não, eu não entendo...

— Quando fala em alemão, Ghislaine reage:

— Sim, isso me diz alguma coisa, eu compreendo, ele disse “Bom dia, senhorita”...

— É exatamente a frase que seu marido pronunciou e Ghislaine não sabe nada da língua de Goethe!

— Onde é o castelo?

— Eu não sei, não é francês... É longe... Na Alemanha... É alto... Há damas, elas fazem tapeçaria... Elas me saudaram quando eu cheguei... Eu não sou alemã... Eu sou uma grande dama...

— Como te chamam?

— Marie... Não apenas Marie, Marie-Antoinette, eu não quero que me chamem de Marie...

— Em que ano nós estamos?

— Em 1812... Eu tenho 30 anos...

Outro dia, Marie afirmara que ela nasceu em 19 de janeiro de 1810 em Bordeaux.

Ela disse que veio de um castelo em carro fechado. Ela chegava de outro castelo onde era quase prisioneira. Não gostam dela e ela quer partir. É a guerra, há soldados com capacetes de ferro um pouco pontiagudos que querem trancá-la no castelo. Ela tem medo.

Finalmente, ela se salva, mas é presa e trancada em um quarto, onde dão de comer por uma pequena janela. Ela morrerá com 36 anos, sempre trancada.

Neste momento ela declara:

— Eu não sou mais Marie... Eu não sou mais Marie... Eu sou Miranda, eu vou pra casa da minha *Mémé*.

Tudo deixa supor que se trata aqui de um episódio de uma existência anterior àquela de Miranda, mas a sonâmbula manifesta pânico, um evidente terror quando ela se reencontra neste misterioso castelo e nós não pudemos avançar na experiência.

Miranda fica, portanto — até nova ordem — um mistério. Mas o magnífico sucesso que constituirá para nós o “caso” de Marie-Lise, permite afirmar que sua história não tem nada de improvável e que o menor testemunho descoberto amanhã pode confirmar a surpreendente veracidade.

## CAPÍTULO II

### REVELAÇÃO DE MARIE-LISE

O fracasso registrado com Miranda tinha levado um pouco nosso entusiasmo e nós começávamos a achar que este Morey Bernstein era realmente muito poderoso. A despeito de “buracos” e contradições que se revelaram na história de Bridey Murphy, ele ao menos provava, embora não a existência de sua heroína, que certos fatos relatados eram autênticos e correspondiam à realidade.

Profundamente tomados por nossos afazeres pessoais, nós paramos, por vários meses, de explorar o além.

Imagina-se, sem pena, o trabalho que constitui essas sessões, tanto para o sonâmbulo quanto para o hipnotizador, e a paciência necessária aos pesquisadores para obter, pergunta após pergunta, os indispensáveis registros que, teoricamente, devem permitir construir solidamente a história do personagem que eles fizeram reviver. Cada data, por exemplo, deve ser verificada e comparada às outras a fim de estabelecer a exatidão; cada nome, cada fato deve ser cuidado-

samente anotado e comparado com aqueles já conhecidos, com a intenção de verificar se eles correspondem à suposta realidade. As contradições são numerosas as incoerências não faltam, mesmo assim é necessário anotá-las para tentar explicá-las e, em todo o caso, eliminá-las.

A cada sessão é necessário retomar o que já foi dito, notar as eventuais diferenças e os novos detalhes. Entre as sessões de hipnose é necessário confrontar os resultados obtidos e preparar as questões que deverão ser postas ao sonâmbulo, para precisar pontos vagos ou controlar certas indicações que parecem suspeitas.

Nós tínhamos, durante meses, pesado, medido e repassado o caso de Miranda para nos conduzir a conclusões que, apesar de não serem negativas, eram decepcionantes. Isso não nos encorajava a persistir. Talvez nós não tivéssemos seguido com novas experiências se não tivéssemos encontrado Denise e, por seu intermédio, a extraordinária Marie-Lise.

É uma das testemunhas de nossas primeiras experiências que nos apresenta nosso novo sonâmbulo.

Concluindo que tínhamos chegado a um impasse e que quase tínhamos abandonado nossas pesquisas, um senhor propõe a André Dupil tentar outra pessoa, que não fosse Gislhaine, e indica tentar a aventura com Denise, que ele suspeitava ser um excelente sujeito.

Assim, em uma bela noite de agosto de 1957, André Dupil adormeceu Denise.

Ela revelou-se, de imediato, uma sonâmbula excepcional. A experiência desenrolava-se, como da primeira vez, dentro do consultório de André Dupil, em Meaux, com um pequeno grupo de pessoas.

Fiel a seus métodos, André Dupil começa, classicamente, remontando o passado da sonâmbula e, logo em seguida, as respostas surgem com tal precisão que reencontramos, imediatamente, o entusiasmo de nossas primeiras sessões com Ghislaine.

Sobre o divã, Denise respondia com uma docilidade e uma facilidade que dão um bom pressentimento para a nova série de consultas.

— Como você se chama?

— Denise C...

— Sua idade?

— Eu tenho 28 anos.

— Escute-me, você vai retornar a sua juventude, quando você tinha 12 anos.

— Eu fazia minha comunhão na igreja São Nicolau.

— Agora você tem cinco anos, onde você está?

— Eu estou no maternal...

— Qual o nome da sua professora?

— Senhora Hoël.

— Você tem um brinquedo preferido?

— Sim, minha boneca, Brunette. Ela é grande e morena.

— Com quantos anos você foi batizada?

— Eu fui batizada com dois meses, pelo padre Longuet. Meu padrinho não estava, meu tio Maurice substituiu o meu outro tio. Nós entramos na igreja, minha tia Marguerite me carrega nos braços; ela usa um vestido preto com flores brancas. Minha avó está aqui, ela usa seu mais belo vestido e um grande chapéu de pluma verde... É bonito... Eu uso um grande vestido branco...

As questões seguem aparentemente banais, mas cheias de interesse para nós que sabemos onde queremos chegar.

— Você se lembra de seu nascimento?

— Sim... Eu vim ao mundo... Mamãe chora... A parteira, senhora Dosmond, me mostra à avó que diz que sou bonita... Eu peso seis libras (2,7 quilos)... Todos estão aqui...

— É bom, mas você vai tentar me dizer o que havia antes... Antes, Denise... Antes de seu nascimento?

A pergunta é lançada. Denise permanece muda, ela

respira um pouco mais rápido, parece procurar o fôlego. André Dupil a acalma.

— Descanse alguns instantes e, em seguida, você me dirá quem você era antes de vir ao mundo.

— Eu ouço rodas...

Denise fica indisposta e André Dupil a acorda depressa. Ele não tem dúvida que ela se revelou uma sonâmbula excelente e com um pouco de sorte pode-se esperar, finalmente, chegar a um resultado satisfatório.

Nós não sabemos ainda em que ponto nosso desejo vai ser satisfeito. André Dupil adormece Denise, de novo, e ela inicia o mergulho mais rapidamente que da primeira vez.

— É longe, eu escuto rodas... Estou em uma grande casa... Pessoas vêm me procurar, eu estava na pensão... Agora estou com minha mãe... Eu tenho 16 anos... Mamãe, 34... Eu tenho cabelos loiros... Um belo vestido com listras vermelhas na horizontal...

Ela apresenta, novamente, sinais de agitação e começa a gemer...

— Meu pai, aqui, no grande quarto... Ele está morto...

— Saia do quarto... Aqui está melhor?

— Sim.

Ela chora mais tranquilamente.

— Como você se chama?

— Marie-Lise.

— E seu pai?

— François-Joseph Lefebvre.

— O que ele fazia?

— Ele era Marechal da França, ele servia a Napoleão...

A surpresa nos deixa emudecidos. Olhamos surpresos, uns para os outros, e ninguém mais pensa em fazer perguntas. Sem que a gente questione, Marie-Lise explicita em um longo suspiro:

— Tenho 16 anos e nós estamos em 1820...

Nós não duvidamos mais do sucesso de nossa

nova experiência. Desta vez, vamos pisar em terreno conhecido; a sorte nos sorri, que feliz mistura: história e hipnose.

De fato, é necessário, entre 10 de agosto e dois de outubro de 1957, algumas seis dezenas de sessões de hipnose para explicitar o além apaixonante da história de Marie-Lise. Pouco a pouco, questão por questão, nós reconstituiremos a existência “daquilo que ocorreu” desta infeliz Marie-Lise, filha natural do Marechal Lefebvre e de Pauline Bonaparte.

Não há pergunta para infligir ao leitor a leitura detalhada do texto estenografado ou registrado no gravador, destas sessões, nas quais as múltiplas repetições tornar-se-iam, facilmente, cansativas. Seleccionamos apenas o essencial, das confidências de Marie-Lise, que nós resumimos e agrupamos em uma ordem cronológica de seis sessões, àquelas que foram, verdadeiramente, essenciais para a demonstração de nossa viagem ao além. Ao final de cada sessão, fizemos também nossa averiguação, salientando a exatidão dos fatos relatados ou, ao contrário, sua inverossimilhança.

É necessário ter a consciência da responsabilidade das conversas entre o hipnotizador e as entidades do além, através do intermédio de nossa sonâmbula. Os descendentes dos personagens históricos em questão não teimariam em querer a publicidade dada aqui a seus antepassados. De duas uma, ou os fatos são exatos e eles pertencem à história, ou eles são falsos e apenas ilustram uma extraordinária experiência de hipnose, na qual não é possível, em estado atual de nossos conhecimentos, darmos uma explicação que satisfaça à razão; os fatos, ao menos, mereciam ser repassados ao conhecimento do público. Fantasiar os personagens, trocar nomes e situações teria traído a

veracidade e, neste caso, apagar qualquer valor da nossa demonstração.

Enfim, para que o leitor não acredite nos comentários que nos cercam, que há fraude nas experiências, nos permitimos ressaltar que nossa sonâmbula, Denise, é uma jovem mulher charmosa, na qual os conhecimentos históricos se resumem ao que aprendemos na escola. Ela nunca leu ou estudou quem, de perto ou de longe, pudesse relacionar-se aos eventos que são reportados. Uma vez acordada ela não se recorda de absolutamente nada do que disse em hipnose e é incapaz de responder qualquer questão que lhe perguntamos durante a sessão.

A verdade nos obriga a dizer que ela foi a grande vítima desta experiência. Apaixonante para nós e todos aqueles que participaram, mas terrivelmente fatigante para ela. Seu maior desejo era ver essas sessões de hipnose terem fim.

Mal se poderia invocar algum fenômeno de transmissão do pensamento, pois nenhum dentre nós — quer se tratasse do hipnotizador André Dupil, quer dos autores ou das pessoas que assistiram às experiências — possuía a cultura histórica necessária para influenciar, voluntária ou involuntariamente, a sonâmbula a ponto de fazê-la fornecer detalhes tão precisos quanto aqueles que ela fornecia a cada sessão.

O intermédio cômico era fornecido ao final de cada sessão, pela procura de dicionários e obras históricas àquelas que nos permitisse verificar os detalhes que nós acabávamos de aprender pela boca de nossa médium. A médium, ainda mal acordada, não compreendia absolutamente nada de nossa excitação, nem nossas discussões.

Para evitar aos leitores essas extenuantes pesquisas e

para ambientá-lo sobre os fatos que ele vai viver em companhia de nossa heroína, acreditamos ser necessário, antes mesmo de iniciar a narrativa, sessão por sessão do que foi a existência de Marie-Lise, evocar a figura de três personagens históricos que se encontram entrelaçados: o Marechal Lefebvre, sua esposa senhora Sant-Gêne e Pauline Bonaparte, irmã do imperador.

Está bem entendido que a intenção não é de fazê-los reviver em detalhe sua experiência, mas evocar, em linhas gerais, o que foi seu personagem, a fim de melhor medir a importância que eles tiveram na aventura de Marie-Lise.

### CAPÍTULO III

#### OS LEFEBVRES TAIS QUAIS FORAM

*FRANÇOIS-JOSEPH Lefebvre nasceu em Rouffach, na Alsácia, dia 25 de outubro de 1755. De ascendência modesta, alistou-se nas “guardas francesas” e servia como soldado disciplinado. Ele tinha, ao mesmo tempo, a simpatia de seus companheiros e a consideração de seus chefes, sendo útil, franco e leal.*

*Pouco após ser promovido sargento, ele se casa na comuna de Montmartre com uma concidadã: Catherine Hubscher. Ele com 28 anos, ela 30. Catherine tinha sido uma moça de fazenda nos arredores de Rouffach. O novo casal estava apaixonado. Frequentemente, Catherine seguia seu François-Joseph em campo; incansável e indiferente ao perigo. Totalmente analfabeta, ela tinha assinado uma cruz no ato do casamento. Ela devia estudar após o matrimônio mas não aproveitou muito as lições, a julgar por algumas das cartas de seu tempo de maturidade.*

*No dia 14 de julho de 1789, as guardas francesas, posicionadas à defesa da Bastilha, contra o povo revoltado, voltam-se à insurreição. Mas, Lefebvre não participa desta deserção ou desta ação gloriosa, dependendo do ponto de vista. Ele estava de guarda no bairro. Vários de seus oficiais, perseguidos pela multidão, estavam refugiados no interior de uma caserna, e lhe salvam.*

*Da revolução ao império, Lefebvre estava em todas as grandes batalhas, exceto Waterloo (sabermos a razão mais tarde). Cada página da epopéia napoleônica carrega seu nome. Mas, segundo o historiador Joseph Wirth, sua ação mais importante foi a batalha de Dantzig. Ele se comporta aí de maneira humana perante aos prisioneiros inimigos e com cavalheirismo para com o governador prussiano da cidadela de Comte de Kalreuth, ao qual ele faz as honras militares. Sua brilhante conduta nesse sentido valeu-lhe o título de Duque de Dantzig. Quanto a esse propósito, não resistiremos ao prazer de reportar uma anedota que prova, muito ao acaso, que a este bravo não faltava espírito. Quando saía da casa do Imperador, que vinha lhe conferir o título, ele tropeça com tudo e cai sobre o tapete. Levantando, ele diz: “Por Deus! Minha boa cidade de Dantzig é muito mal pavimentada!”*

*Seu heroísmo estoura durante a campanha da Rússia. Várias narrativas e imagens fixaram a crueldade glacial e, recentemente, um bonito filme, “Guerra e Paz”. A grande armada foram os cossacos, no vento seco e frio vindo do norte ou nordeste, afundando na neve, deslizando na tempestade. Homens e cavalos sucumbem ao frio e à fome. Eles estão em colapso sobre o chão. Corvos disputam os cadáveres.*

*Lefebvre marchava a pé, à frente de suas tropas. Ele pretendia dar o exemplo de resistência e coragem. Sua missão era conter destacamentos inimigos que ameaçavam os fugitivos e agravavam a*

*debandada. Sem ele, quem sabe o Imperador não tivesse se aproximado e sido capturado? Juntamente com seu companheiro Ney, ele foi o último a sair dessa Rússia fatal.*

*Depois de “Leipzig”, ele devia desviar-se de Napoleão. Ele sentenciava a corrida para o fim, estimava sua tarefa terminada. Estava a tempo de colocar um fim ao derramamento de sangue, à terrível hemorragia e restabelecer a ordem e a paz. Eis porque ele acusa abertamente, com sua coragem e franqueza, o retorno da Ilha de Elba, que era, em sua opinião, uma instalação ruínosa. O Imperador, furioso, o aposentou do ofício [também poderia ser “cargo” ou “trabalho”], durante os Cem Dias. Em revanche, ele beneficiava do favor dos Bourbons, quando de seu segundo retorno, após “Waterloo”. Contudo, mais realistas que Luís XVIII e sua família, alguns cortesãos demonstravam descontentamento com os nobres do Império. Mas, Lefebvre jamais falta com respeito. A um juvenzinho que tentava lhe impressionar por sua genealogia e as façanhas de seus antepassados, ele replicava: “Não seja tão orgulhoso de seus ancestrais, Senhor! Eu sou um antepassado, eu!” Senhora Cayla, escreve em “Memórias de uma dama de qualidade”: “Ele encontrava respostas tão acertadas quanto suas medalhas.”*

\*  
\*       \*

*No que concerne à esposa do Marechal, eis o que dizia um contemporâneo: “Senhora Lefebvre era a digna esposa do Marechal. Ela era uma pessoa de grande valor.” Ela se esquecia da ortografia, mas não do coração; suas maneiras não eram as mais distintas, mas seus sentimentos eram nobres.*

*Sem ofensas aos cabelos brancos de Victorien Sardou, Catherine Hubscher nunca foi lavadeira, nem cantineira. Ela não tinha modos grosseiros nas recepções das tulherias ou em Compiègne. Apesar de tudo,*

com o devido consentimento dos dramaturgos, o autor de “Madame Sans Gêne” (“Senhora Descarada”) mostrou uma excessiva repulsa à verdade.

Mais de uma linha denota a delicadeza da alma da duquesa. Ela conservava, em um armário, as diferentes vestimentas usadas por ela e seu marido desde a união. Arrumadas por ordem cronológica, elas marcavam as etapas da carreira. Para ela, aquilo começava no curto saiote de dona de casa e terminava com o vestido de Duquesa bordado a ouro; para ele, partia do uniforme sem grau, do simples militar, e chegava ao ornamentado traje de Marechal da França. Mostrando esta coleção, a sábia Catherine Lefebvre dizia: “Não há mal de rever em tempos em tempos essas coisas, como nós fazemos. É o melhor meio de não esquecer o que ocorreu.”

Impera entre o casal uma compreensão perfeita. O Marechal sabia que na casa da sua esposa o bom senso compensava largamente a ignorância e a consultava facilmente. Ela sempre dava excelentes conselhos. Assim quando Napoleão o incitava, conjurando o alto escalão, alcançado pelo presente soldado que tinha encontrado o bastão de Marechal na sua giberna (bolsa de cartuchos), a divorciar para unir-se com alguma princesa, ele fazia-se de surdo.

Voltemos um instante para André Dupil, de frente ao divã, onde Denise se encontra estendida. André Dupil é evidente, pressente um mistério no nascimento de seu sujeito. Marie-Lise foi filha do Marechal e da duquesa Lefebvre? Suas origens se desenrolam de uma situação problemática que convém dissipar. Conseguirão por insistência, perseverança, depois uma longa sequência de hipóteses: Marie-Lise é a filha do adultério de Pauline Bonaparte e do Marechal Lefebvre!

É fato certa semelhança com uma

*figura conhecida, mas que era impossível indicar exatamente. Denise, estranhamente, lembrava a mais bela irmã de Napoleão. Neste caso, na sua última reencarnação — sua reencarnação atual — Denise teria conservado os traços de Marie-Lise, que devia ter o rosto de sua mãe.*

*Ela não tinha apenas o rosto. Marie-Lise tinha também o caráter, o temperamento. Uma biografia de Pauline Bonaparte nos fornece mais de uma prova. Nós nos propomos, de fato, com todas as proporções guardadas, de reiterar, pela alma de Pauline Bonaparte, o que fez Canova para seu corpo em um célebre mármore: mostrá-la sem véus.*

## PAULINE SEM VÉUS

*Laetitia Bonaparte e suas filhas foram forçadas, em plena Revolução, a deixar sua Córsega natal e viviam em dificuldades em Marselha, enquanto os homens da família faziam carreira em Paris.*

*As damas, ou cidadãs, tinham uma pequena lavanderia no bairro Canebière. Laetitia trabalhava no tanque com sua filha mais moça. Elisa e Pauline entregavam roupas em domicílio. Elas eram bonitas, sobretudo Pauline, e eram anunciantes do comércio materno.*

*Pauline revela-se de uma extrema precocidade. Ela era formada desde os 12 anos. Orgulhosa de seu corpo e empurrada à falta de pudor por sensualidade e vaidade. Quando tomava banho ia de sua casa, em Ajaccio, ao mar, totalmente, nua. O amor, desde cedo, foi sua principal preocupação.*

*Algumas pequenas aventuras inocentes e então... Fréron. Antigo membro da convenção, amigo íntimo de Barras, protetor de Napoleão Bonaparte. Fréron tinha sido enviado à Marselha como comissário do diretório. Ele já havia ido ao local, durante os tempos de terror, para conter a grande cidade revoltada. Havia cometido atrocidades, as quais os habitantes ainda temiam. Mas, os tempos eram brandos e a guilhotina funcionava cada vez menos. Fosse como fosse, Fréron parecia decidido a apagar as sinistras lembranças de seu precedente proconsulado. Era um*

*vivant e um sedutor profissional. Bonito homem e bom orador, mas marcado pela idade e, um pouco acabado pela devassidão. Ele deixava em Paris uma amante, Senhorita Masson, atriz no “Teatro dos Italianos”, com quem teve dois filhos. “Foi esse indivíduo que devia inspirar em Pauline Bonaparte sua primeira grande paixão, da qual ninguém pode dizer até onde ela ia”, como escreve Bernard Nabonne na magistral obra que ele consagra à mãe clandestina de nossa Marie-Lise. O pretendente quadragenário e a garota de apenas 16 anos estariam casados, com a plena aprovação de Bonaparte, se o crédito de Fréron, com o poder do tempo, não tivesse subitamente diminuído. Napoleão, que o desejava como cunhado tanto quanto ele era amigo de Barras, e que, a esse respeito, podia lhe ser útil, opõe-se, doravante, à união que havia inicialmente favorecido. Pauline despeja algumas lágrimas sobre as ruínas de uma de suas marcantes aventuras, então se resigna.*

*Pelo destrato, Napoleão, comandante chefe do exército da Itália, a fez ir a Milão. Com um pensamento um tanto antiquado, ele tentava em segredo, para sua bonita irmã, um noivo sobressalente: o jovem General-adjunto Leclerc, que servia sob suas ordens e que tinha o coração novo.*

*O casamento ocorreu e, dez meses depois, em 20 de abril de 1798, Pauline deu à luz um garoto. O pai, influenciado pelos poemas de Ossian, o nomeia Dermid.*

*Pauline era inconstante e cheia de caprichos. Seus sentidos a governavam. Também não demorava a enganar seu marido e ela não escolhia sempre bem seus amantes. Um deles era um medíocre comediante de sobrenome Rapenouille. Ela era tão ligada ao tal Rapenouille, que quando Napoleão tronou-se primeiro cônsul, designando o general Leclerc para reconquistar Saint-Domingue, que nos tinha escapado, ela se recusa*

*de imediato a seguir o esposo, mas, finalmente, obedece a uma notificação de seu mestre. Suas bagagens continham uma quantidade absurda de vestidos, chapéus e futilidades.*

*A expedição Leclerc começa vitoriosa. Vitórias de Pyrrhus. A resistência dos negros renascia incessantemente e a febre amarela tomava partido, dizimando nossas tropas. No meio da ansiedade pública, Pauline não renunciava nem ao luxo nem ao prazer. Realçada pelos vestidos e por suas mais caras joias, ela dava bailes e festas.*

*Leclerc obrigou Pauline a voltar à metrópole, com o pequeno Dermid, para que ela e seu filho ficassem protegidos da febre e da insurreição geral. Mas, este ser fútil sabia, talvez, provar sua coragem e não queria, sendo ela uma Bonaparte, tornar-se culpada de uma espécie de deserção.*

*A insurreição prevista explode e a febre amarela leva o desafortunado Leclerc. Pauline embarca com Dermid para a França, trazendo o coração de seu marido em uma urna de ouro. Era milagre ela e a criança terem escapado dos diversos perigos de Saint-Domingue.*

*A jovem e bela viúva buscava um consolador. Ela encontra consolo na casa de um príncipe italiano que pertencia a uma das mais ilustres famílias da península: Camille Borghèse. Ele não era instruído — o que não repelia a ignorante Pauline, — pouco inteligente, mas de aspecto agradável e possuía a mais bela aparência de Paris. Este atrativo contava muito especialmente aos olhos de Pauline, que era louca por carruagens e cavalos. Napoleão e toda família viam com bons olhos um casamento com Borghèse. Isso lisonjearia sua vaidade e seu gosto por dinheiro.*

*Menos de uma semana após a cerimônia, o príncipe e Pauline partiam para instalar-se em Roma, onde morariam em*

*um magnífico palácio. A habitação continha tesouros de arte, mas Pauline preocupava-se pouco com isso. Ela se interessava apenas por questões do coração e aspirava novas aventuras, pois seu esposo se revelava uma triste Majestade, do qual ela já se sentia saturada. Enquanto isso, Ela gastava excessivamente com sua aparência, zangando-o muito, visto que apesar de sua imensa fortuna ele era avarento. Iniciaram desavenças prematuras de casal.*

*Mais uma distração imprevista é oferecida à Pauline. Canova projetava esculpir Vênus, com a maçã de Páris na mão, alongada, nua até abaixo dos quadris, sobre uma cama antiga. A princesa Borghèse posou a cabeça. Outra, — uma modelo comum — posaria para o corpo. Mas, um dia, Pauline, possuída pelo mesmo orgulho impudico que Phryné, diante da assembleia, ao arrancar sua túnica dizendo: “Todo véu pode cair em frente Canova”...*

*Essa excentricidade poderia ter afastado mais ainda o casal Borghèse. Mas não houve nada. O príncipe se mostrava orgulhoso por todos conhecerem a rara beleza de sua esposa. O mármore era exposto em local de honra, em um dos salões. Mais tarde, quando ele não morava mais no palácio Borghèse, convida o grande público a admirar a estátua de Canova, fixando um dia da semana em que as visitas seriam autorizadas.*

*No entanto, Napoleão, o Cônsul, se promove Imperador. De um só golpe, Pauline torna-se Alteza, dando ainda mais ascendência sobre seu lamentável marido... Mas ela se sentia cansada, doente. Enquanto ela fazia uma cura nas águas de Lucques, o pequeno Dermid deixado em Roma morreu, fazendo-a experimentar um violento desgosto. Ser amante, antes de tudo, não a fazia ser menos mãe.*

*Sendo-lhe o clima transalpino desfavorável, seu estado de saúde se agrava. Ela então obtém, de Napoleão, a permissão para voltar à França.*

*Ela reencontra com prazer o ar de Paris e seu hotel, Charost, que seu imperial irmão tinha lhe ofertado ao seu retorno de Saint-Domingue. De um lado do hotel estava o subúrbio Saint-Honoré e do outro um parque aberto sobre Champs-Élysées (local da atual embaixada da Inglaterra). Plagiando Napoleão, ela era constituída de um coração verdadeiro, com uma etiqueta muito severa que tinha composto ela mesma.*

*Ela teria a felicidade de bancar a soberana se sua má saúde não tivesse ocasionado sérios problemas. E mais, ela se julgava preterida na distribuição de Ducados e Reinos, com os quais o Imperador gratificava os seus. Ela recebeu apenas uma simples Cidade-Forte: Guastalla. A que atribuir este tratamento desfavorável? Pauline era a irmã que tratava Napoleão com mais ternura e dedicação; ela era sua preferida. E então?... Pauline, neste negócio, incrimina seu marido. Para satisfazer a pueril vaidade do príncipe e se livrar dele, ela o tinha feito nomear “chefe do esquadrão em decorrência de granadeiros a cavalo”. Ele se mostrou insuficiente no cargo e o Imperador era rigoroso. Era injusto; era dessa forma. Aquilo atiçava a inimizade de Pauline para com o príncipe.*

*Sempre sofrendo, sempre em busca de remédios, Pauline frequentava as estações termiais. “Ela tinha pegado gosto a estas andanças que satisfaziam sua paixão de mudança e a necessidade de se cuidar.” Sua carruagem era seguida por vários carros. Em algumas viajavam membros indispensáveis, sua corte e seu pessoal, nos outros sua banheira, seu bidê dourado, sua liteira, sua rede.*

*Em um verão, os médicos lhe prescreveram banhos de Plombières e ela partia com seu comboio habitual. Sua passagem por Bar-le-Duc, nos relata Bernard Nabonne, revela a qual ponto sua estada em Saint-Domingue e as hon-*

*ras extraordinárias que ela recebia, desde o advento de seu irmão, tinham-na mimado.*

*O prefeito de Meuse era um de seus velhos cunhados, Louis Leclerc, ex-padre com o qual ela tinha conservado excelentes relações. Ela teve o cuidado de lhe escrever para a passagem na sua cidade era essencial que ela tomasse um banho de leite com ducha; e o funcionário, com o forte desejo de satisfazer sua influente cunhada, estava ansioso em agradar sua duquesa, que havia pegado nos campos todo o leite necessário.*

*Na chegada dos carros de Sua Alteza Imperial, o prefeito foi à carruagem de sua cunhada que lhe pede, como se fosse natural, para levá-la em seus braços até o salão de honra. O seguinte diálogo se instala:*

*— E meu banho? Pergunta Pauline.*

*— Ele está pronto.*

*— Ah! Bem melhor! Eu agradeço. Mas depois do banho, eu precisarei tomar uma ducha.*

*— Uma ducha! Uma ducha! É impossível. Eu não tenho ducha.*

*— Impossível, meu irmão, você não pensa nisso. Nada é mais simples. É necessário fazer um buraco no teto, acima da banheira, e fazer despejar água por este buraco. Eu causo um pouco de perturbação, meu irmão, mas minha saúde exige. Você quer que eu fique doente por sua culpa? Rápido, rápido, procure os trabalhadores.*

*O triste prefeito era obrigado a executar e recebia como agradecimento uma amigável palmada na bochecha. Como a princesa tinha ido tomar banho no seu salão de honra, aquele foi, irremediavelmente, deteriorado pelo líquido, que jorrava de todas as partes. Durante muito tempo a prefeitura inteira devia lembrar-se da cena e do insuportável odor de leite azedo.*

*Contudo, Pauline chegava no dia seguinte a Plombières. Lá, ela ia ter uma aventura, na qual as consequências iam nos dar a explicação de seu temperamento e de sua maneira de ser.*

*Este novo eleito, o Conde Forbin, não perde tempo em seduzir Pauline. Ele pertencia à melhor nobreza de Midi, mas a revolução matou seu pai. Menos de trinta anos, grande, esbelto, artista, cultivando letras e pintura, não sem paixão, se ele tivesse dinheiro teria sido completo. Pauline se encarrega de suprir esta falta.*

*Napoleão era obcecado pela antiga nobreza: longe de reprovar e contrariar a ligação de sua irmã, ele se põe a auxiliá-la. Ele nomeia o Conde Forbin oficial da S.A.I. [Soberana Alteza Imperial] Pauline Borghèse.*

*Aquilo era paixão forte. Ao ponto de que ela, tão econômica, avarenta mesmo, gastava sem contar para seu oficial-amante sem valor. Ela lhe ofereceu caros presentes, indo até lhe pagar tripulações. Dizendo a verdade, ele preenchia suas funções com superioridade. Ele organizava recepções, oferecia divertimentos e balés, onde triunfava a mais bela modelo de Canova. O Conde Forbin não queria seu dinheiro.*

*Mas, esta existência de exaltação onde se conjugavam todos os prazeres, consumia Pauline. Seu estado tornou-se alarmante. Tanto que o médico solicitado, Dr. Peyre, chamava para uma consulta seu colega Hallé, membro do instituto, professor no Colégio de França e médico da casa do Imperador que era especializado em ginecologia. Hallé diagnostica uma enfermidade causada por excesso de doenças venéreas: ele ordena uma vida calma, com infusões de nenúfar e de tília. Nada de bailes, de jantares regados a champagne! Nada de reuniões mundanas! Sobretudo, nada de Forbin!*

*Mas de Forbin ela não podia mais passar, pelo*

*menos até nova ordem. Ele se arruma para vê-lo às escondidas. Para separar os amantes não foi necessário menos que a intervenção do Imperador. O Imperador, lembrando-se de que Forbin tinha servido na cavalaria, envia-lhe à guerra na Espanha, com a patente de subtenente.*

*Pouco antes de ter sido privada de seu oficial querido, Pauline o substitui por um músico. Ela se encontrava em Nice “um magnífico domínio cheio de árvores tropicais, que margeiam o mar”. O amante, Félix Blangini, era o autor de romances, de noturnas e de uma ópera: “Nephtali”. Ele tocava violão com perfeição. Pauline o nomeia seu chefe de orquestra.*

*O jovem músico reagia, dia e noite, com seu violão, às ordens daquela que era sua maitresse [misto de mestra e amante] dentro da dupla acepção do termo. Ele tocava romances que ela tinha inspirado e que ele consagrava. Ele tinha o humor indiferente e não fazia nada sem sua permissão. Um escravo e ao contrário dos negros de Saint-Domingue: um pequeno cachorro. Ele era infinitamente menos querido que o Conde Forbin, no qual a sina a deixava agora indiferente.*

*Ela estava em pleno idílio com seu músico, nas margens do Grande Azul, o Mediterrâneo, quando o Imperador teve a infeliz ideia de nomear o príncipe Borguèse “Governador geral de Piémont”, cuja capital era Turim, com a obrigação, para ela, de residir lá perto de seu esposo. No dia 23 de abril de 1808, eles faziam sua entrada solene, escoltados por todos os dignitários do governador geral e os membros de sua casa. Naturalmente, o maestro também estava lá. Mas o príncipe lhe fazia cara feia; ele teme alguma má história e foge.*

*Pauline, sem amor em Piémont, cujo ar não lhe agrada, fica doente de novo. Desarmado por esta recaída, Napoleão a autorizou a viver de agora em diante em Paris. Ele preparava seu divórcio e, para esquecer*

*as cenas de Joséphine, cortejava uma das damas de honra de Pauline, Christine de Mathis. Mas esta era honesta e se recusava. Pauline aceita de bom grado se intrometer. Ela gostava sinceramente de seu irmão, disso já se sabe, e dependia muito dele. E, além do mais, tratava-se de amor e amor era seu forte. Efetivamente, ela manobra tão bem que Christine de Mathis cede a Napoleão. Joséphine, como represália, fazia com se espalhassem, acerca das relações de Pauline com o Imperador, ruídos incontroláveis e provavelmente caluniosos. Mas Pauline não era flor que se cheirasse, e se não comete o incesto, ela consome o adultério com intemperança. Pois ela continuava apesar dos requisitos da boa moral. A lista de seus amantes aumentava. Um jovem oficial alemão, Conrad Friedrich, de passagem em Paris, veio lhe pedir uma recomendação. Ela tinha lhe encontrado e pedido para voltar, mas na segunda visita, recebeu-lhe no quarto de banho. Adivinha-se, facilmente, o que veio em seguida.*

*O casamento do Imperador com Marie-Louise tinha levado à Paris grande número de elegantes estrangeiros. Pauline foi amigável com vários, notadamente com o príncipe de Metternich, o futuro guarda de Aiglon. “Vários anos mais tarde, ele mostrava, com um suspiro, o retrato de Pauline em seu palácio em Viena.” Então, foram o príncipe Poniatowski e o Coronel Czernicheff, ajudar no campo do Tsar. Dessa forma, ela encontra um meio de reconciliar, em seu vasto coração, dois inimigos irreductíveis: Polônia e Rússia.*

*Depois destes amores estrangeiros, Pauline voltava aos franceses. Aos seus olhos, eles se saíam bem melhor comparados aos rivais estrangeiros.*

*Ela conhece, no senso bíblico da palavra, um jovem oficial de cavalaria: Jules de Canouville, que não se privava de clamar a todos os lados seus amores com uma Alteza imperial; depois, fiel pelo menos para o exército,*

*um capitão de dragões: Achille Tourteau de Septeuil. Este Septeuil, durante a guerra da Espanha, teve uma perna amputada no combate de Fuentès. A princesa exclama:*

*— Uma pena! Um bom dançarino a menos.*

*Todas as noites havia grande recepção na casa de Pauline. Jogavam cartas e jogos mais ou menos inocentes. Em geral, ela retinha um dos parceiros até a aurora.*

*No verão de 1811, em Aix-la-Chapelle, ela se divide entre o Conde de Montrond e um Coronel russo: Ivanovitch Kabloukoff.*

*De volta à Paris, ela reencontrava o oficial de cavalaria Jules de Canouville. Mas, ele era indiscreto e, como punição das propostas indiscretas sobre seus amores com a princesa, Napoleão o envia à Dantzig.*

*Quem devia substituir este obscuro? Um ilustre. O maior escritor de tragédias do século... E talvez de todos os tempos: Talma. Mas, em 1812, em Aix-les-Bains onde ela seguia a cura, Talma era ofuscado. Seu alegre rival era um esplêndido chefe de esquadrão de artilharia: Auguste Duchand.*

*Recorda-se que Pauline, em Saint-Domingue, teve momentos de heroísmo. Ela se manifesta nobremente quando o Império reduz. Nos dias gloriosos, ela era vista como criatura egoísta e fútil, mas soube redimir os tempos sombrios. Para socorrer o Imperador, em ganidos, esta avarenta vendeu a maior parte de suas joias. Ela se arranja para vê-lo quando ele passasse a embarcar para a Ilha de Elba e lhe dispensa palavras de reconforto.*

*Ela não tinha, para tanto, renunciado a Duchand, ao qual portava sentimento de uma duração não usual. Ele merecia este tratamento excepcional. Ele era diferente de todos, de um Forbin ou de um Canouville.*

*Pauline tinha prometido a seu irmão exilado de lhe visitar em seu Império irrisório, na Ilha de Elba. Ela mantém a palavra e foram algumas horas de efusões. Ela volta para uma temporada prolongada.*

*Com ela tinham desembarcado, na ilha, a despreocupação e a alegria. Em efeito, ela organizava recepções, bailes e espetáculos. Em um reduto mascarado, ela teve um retumbante sucesso, travestida em napolitana. Sobre esses conselhos, Napoleão edifica um teatro.*

*Entre os fiéis que queriam seguir a Águia, em exílio, encontrava-se Drouot. Era um solteiro, reputado por sua sinceridade e piedade, que não concebia o amor fora do casamento e se agradava somente com o estudo. Napoleão o tinha apelidado “o sábio do grande exército”. Pauline queria seduzi-lo. Simples passatempo de galanteadora? Diversão perversa? Ela o fazia assistir a seus banhos e lhe convidava a acompanhá-la nas caminhadas. Ele fazia com má vontade. Todas as provocações de Pauline falharam.*

*Pauline permanecia na Ilha de Elba, dia 26 de fevereiro de 1815, durante a partida de Napoleão em direção à França e em direção ao desastre sem recurso. Quando ela teve conhecimento, correu para a casa de seu irmão e lhe deu um estojo de joias. Ele continha seu mais belo colar de diamantes, avaliado em 500.000 francos. Era sua contribuição pela aventura. Partindo Napoleão, ela segura os soldados de sua escolta e lhes recomenda velar sobre ele. Lágrimas reluziam seus olhos de noite e via-se transpirar ásperos bigodes. Uma jovem cena digna de inspirar o lápis de Raffet.*

*Ela conseguiu escapar da ilha e depois de inúmeras tribulações, volta para Roma e se reinstala no Palácio Farnèse. Naturalmente, lá como alhures, ela abre seus salões. Quer por curiosidade, quer por esnobismo, muitos in-*

gleses os frequentavam. Pauline tentava obter, graças a sua intercessão, alívios pela saída do deportado de Saint-Helène. Um deles, Lord Douglas, futuro Duque de Hamilton, já velho e aleijado de reumatismos, lhe servia caricaturas. Ela o tinha apaixonadamente bobo e o utilizava como tamborete. À noite, ele se deitava e ela gostava de pisoteá-lo.

O dia onde ela apreende a morte da Águia sobre seu rochedo, “ela se reduz, desmaia como a luz de um relâmpago”.

A contar deste luto, sua saúde se altera cada vez mais. Ela morreu em 9 de junho de 1825, em Villa Strozzi, no subúrbio de Florence, depois de ter se aproximado de seu marido. Despejaram seus restos na cripta de Sainte-Marie-Majeure; e o jazigo desta pecadora, com ilustrações da família Borghèse, era edificado entre os túmulos de dois grandes papas: o magnífico Paul V e o piedoso Clement VIII.

\*  
\*       \*

Pauline Bonaparte viveu sob a ditadura da carne. Sua sensualidade, posta até a morbidade, revelava patologia. Foi uma ninfomaniaca, com uma ponta de sadismo. O que se ignora, geralmente, é que ela possuía o “Parque dos Veados”, na Ferté-sous-Jouarre, para suas libertinagens mais secretas. Era uma espécie de loucura. O edifício existe, mas mudou de destinação. A loucura tornou-se posto-policia, onde Pandore redige processos verbais.

É evidentemente nesta loucura da Ferté-sous-Jouarre que tiveram lugar os galantes encontros de Pauline e do Marechal Lefebvre, ao menos os primeiros. Dessa forma, a presença de Pauline na região onde Denise viu o dia, corrobora certos dizeres desta última.

*No entanto, há um problema. O Marechal passa a ter sido um bom esposo. Justamente. Nós o estabelecemos mais à frente por meio de textos irrefutáveis. Mas, o melhor marido não é susceptível a erros de conduta? Sobretudo um soldado, um soldado do Império. Lefebvre tinha treinado transeuntes em todos os países conquistados por nossas armas. Belas alemãs, não menos belas que as austríacas, abriam seus braços a este vencedor. Ele tinha, aqui e ali, se deixado vacilar.*

*E representa-se suficientemente bem sua ligação amorosa de curta duração com Pauline. Aflorar este rude guerreiro, este bom marido, este excelente pai (sua esposa lhe tinha dado 14 filhos, dos quais 12 garotos!). Que divertido vacilo! Sua reputação de perseverança e austeridade excita esta galanteadora. Ela usa dessa artimanha com Lefebvre, como ela se comportará mais tarde com Drouot, na Ilha de Elba. Imaginemos a cena da sedução. Em algum baile da corte, Pauline força o Marechal a dançar. Durante a valsa, ela lança olhares enamorados. Ela se insinua e deixa sua blusa escapar, com volúpia, por seus ombros, decotá-la mais do que isso não é conveniente; ela descobre o máximo possível o busto perfeito que Canova imortaliza. O tour é lançado, o galanteio começa.*

*Tendo realizado este esboço de três personagens essenciais — e históricos — de nossa exposição, é tempo de voltar ao consultório de André Dupil para assistir lá a primeira sessão de hipnose.*

## CAPÍTULO 4

### PRIMEIRA SESSÃO

*Ela teve lugar no gabinete de André Dupil, em Meaux.*

*Denise está deitada sobre o famoso divã e bem rapidamente adormece.*

*A senhora Dupil toma nota das questões e respostas e assistimos a André Dupil no seu interrogatório.*

*São testemunhas desta sessão: o Sr. Buschlen, o Dr. V... e o Sr. Caille, o Sr. Tartary, o Sr. e a Sra. Laberche.*

*Nosso objetivo nesta noite é fazer Marie-Lise relatar como foi sua infância até o momento da morte do seu pai, o Marechal Lefebvre. Bem entendida, nossa grande preocupação é conhecer as circunstâncias exatas do nascimento de nossa heroína. É nesse sentido que preparamos um longo questionário que será proposto a Denise agora em estado de completa letargia.*

*O Dr. V... verifica o sono hipnótico da sonâmbula e a sessão começa.*

\*  
\*      \*

Em uma miserável cabana, Pauline contempla sem afeição a velha mascarada de feiticeira que vem resgatá-la. Pauline se recusa somente a olhar o pequenino ser que a parteira desejava lhe apresentar.

— Eu não vou olhá-la...

— É uma menina.

— Não me interessa; para mim é uma vergonha... É preciso escondê-la. Eu não quero que ela saiba que é minha filha... Jamais... Você ouviu?

Pauline pensa em Lefebvre, o pai de sua criança, mas o seu pensamento é de ódio. Tal capricho decididamente lhe causou muito tormento.

A velha Sarah procedeu como de costume: mergulhou a recém-nascida em uma bacia; passou-lhe sobre todo o corpo uma esponja; enxugou-a e esfregou-a. Marie-Lise — é o nome que Sarah impositivamente lhe deu — debatia-se chorando. Essa cena, que teria tocado qualquer um, aumentava mais a aversão de Pauline pela criança.

Ela perguntou à Sarah:

— Você passou corretamente as ordens que convinham ao homem? Está certa de que ele não nos enganará?

— Absolutamente certa, princesa. Pode contar com ele.

— Como está tarde! Impacienta-se a nova mãe.

— Mas a noite está escura, princesa, o tempo é detestável. Escute.

O vento soprava, rajadas sacudiam a cabana e a metralhavam com uma chuva torrencial de enormes granizos.

Trovões estrondeavam intermitentemente.

Passa-se um longo tempo. Pauline se lamenta, a criança entra em prantos e a feiticeira se põe a ajuizar uma e a acalmar a outra — que ela embalava cantando.

Do lado de fora, desencadeava-se a tempestade. Resistiria a miserável cabana a esses golpes de aríete?

De repente, Pauline e Sarah silenciam. Em meio aos estrondos, parecem ouvir os passos de um cavalo e o som de uma carruagem.

Efetivamente, alguém bate à porta. Sarah segue para abrir.

Um homem apareceu. Estava congelado até os ossos.

— Que tempo do diabo! — ele exclama. Meu cavalo se recusa a avançar; os relâmpagos e trovões o assustam. Pobre animal. Por um momento, o raio atingiu o chão a alguns metros de nós.

E continua:

— Além do que, eu adoraria descansar. E depois me secar e me aquecer um pouco.

— Que seja, consente Pauline, mas não demore a vadiar, meu bom homem. Conhece tua missão: ela exige a maior presteza e, ao mesmo tempo, uma discrição absoluta.

Ele concorda com a cabeça.

Nesse meio tempo, Sarah reanima, com um sopro, a pequena brasa que expirava em uma lareira. Em seguida, vai buscar em um armário uma garrafa de rum 3/4 vazia.

O homem engole esse resto enquanto que, de suas roupas expostas às chamas, saem fumaças.

Declara-se, então, pronto para enfrentar novamente a noite tempestuosa.

Sarah põe-se a envolver Marie-Lise em um lençol. Mas antes, ela pergunta à Pauline:

— Princesa, você não gostaria de abraçar essa pobre criança?

A mãe afasta com a mão Marie-Lise, que a parteira já aproximava de seu leito.

Sarah — conquanto pouco sensível — e o homem pareceram chocados por esse movimento tão contrário à natureza. Mas já co-

nheciam a dureza profunda dessa mulher, que sabendo que um de seus amantes havia perdido uma perna na guerra, dissera: “Que pena! Um dançarino a menos”.

A parteira termina de envolver a recém-nascida no lençol; em seguida, ela a deposita em uma pequena cesta de vime, e entrega tudo ao homem que desaparece na tempestade.

\*  
\*       \*  
\*

Após um longo e penoso percurso, durante o qual a carruagem havia atolado e o cavalo por muitas vezes se vira abatido, o homem avista, na aurora do dia, um convento.

A chuva havia cessado, mas uma luz pálida entristecia a paisagem. A aurora não tinha os traços da rosa que o poeta lhe empresta, mas da fuligem e da sujeira, cujas manchas maculam o céu.

Não foi preciso esperar muito tempo para que a irmã responsável pela portaria lhe abrisse a porta. Ela era velha e tinha a postura curvada, com uma pele de pergaminho e uma tez de cera.

Como ele pretendia lhe dar algumas explicações, ela o corta:

— É inútil. Eu estou a par.

Tirando-lhe das mãos a cesta, onde dormia a criança já exausta, ela se apressa a fechar a porta em sua cara.

Marie-Lise ficara nesse convento por mais de vinte anos. Tão logo adquire uma plena consciência das coisas e amadurece, ela passa a se sentir diferente de suas colegas. Aquelas recebiam visitas, e ninguém vinha visitá-la. Enquanto aquelas saíam por ocasião das festas, ela permanecia perpetuamente enclausurada (o convento perdia, então, quase toda a animação). Ficavam vazios os corredores e o pátio onde, durante

as recreações, as meninas brincavam com clamores de alegria, e as mais velhas caminhavam conversando umas com as outras. Quanto aos sons, não se ouvia mais a canção dos sinos, e os hinos se enfraqueciam diante da ausência das demais irmãs. De tempos em tempos, voava silenciosamente, ao longo de um corredor deserto, tal como uma pomba, um véu de freira perdido. Marie-Lise, sem pais, sem amigos, via-se cuidada especialmente pelas irmãs freiras, bem como por suas colegas. Havia no seu comportamento uma mistura de curiosidade, de reprovação e de deferência. Era como se ela fosse ao mesmo tempo uma leprosa e uma pessoa acima do comum. Quem lhe explicaria esse mistério? A Superiora, madre Clotilde? O capelão? Madre Clotilde era boa e justa, mas severa. O capelão — senhor benevolente — era ruim do ouvido e de cérebro ligeiramente cansado. Marie-Lise recua, dia após dia, mês após mês, a falar com algum deles, em uma atitude ansiosa, ora de desistência, ora de medo.

Por fim, ela se decide. Ela falaria com o capelão. Dos dois, ele era o que menos a intimidava.

Um dia, no confessionário, depois de ele haver lhe dado a absolvição, como ela se encontrava ainda ajoelhada por trás da grade, resolve pedir para ter com ele uma conversa em particular, acerca de um assunto profano.

— Mas, minha querida, surpreende-se o velho eclesiástico, você não esvaziou inteiramente sua alma diante de mim? O que poderias ter ainda de confidencial para me dizer?

Ele parecia tão contrariado quanto surpreso. Ela insiste. O velho faz um gesto de consentimento resignado, e os dois saem do confessionário.

O capelão conduz a pequena até a sacristia.

— Muito bem, menina! Estou escutando.

Ela balbucia:

— Padre, todas as minhas amigas possuem pais. Eles vêm visitá-las, ou são elas que vão vê-los.

Mas eu sou como se fosse abandonada. Teria eu a infelicidade de ser órfã como minha amiguinha Elizabeth?

Elizabeth era sua vizinha imediata de classe e de dormitório. Doce, a mais doce de suas companheiras, ela era a única a tratá-la sob o mesmo pé de igualdade e de familiaridade, a única a aceitar a singular quarentena em que se achavam, barradas por um cordão de isolamento em um pedestal. Pois era um pouco assim seu isolamento no convento.

O capelão faz com que ela repita a pergunta. Ele era surdo e a questão o embaraçava.

— Minha menina, ele responde então, é-me impossível respondê-la. Devo honrar a um compromisso solene.

Ela olhava muito agitada, impaciente. Em respeito a sua idade avançada e sob o risco de lhe dar um golpe de sangue, ela o deixa em paz.

Marie se volta para a Superiora, na esperança de que ela se mostre mais loquaz. Afinal, se Madre Clotilde era severa, ela era, conforme se diz no convento, muito menos do que aquela a quem havia sucedido. Esta última, ao que parece, tinha mão firme, muito firme. Ela não hesitava em empregar formas de castigo recentemente abolidas por madre Clotilde.

Eram tarefas extremamente humilhantes ou repulsivas, como obrigá-las a misturar cinzas com a comida; macerar-se ou fustigar-se; passar dias no fundo de uma masmorra subterrânea, entre objetos assustadores. Nessa masmorra, muitas moças mais velhas haviam sido trancadas e só de lembrar já sentiam arrepios. Entre os móveis, havia uma bancada podre de onde um exército de ratos vinha assaltá-las, e um grosso bloco de pedra em forma de assento, sobre o qual jazia um crânio. Madre Clotilde jamais havia fechado alguém naquele lugar sinistro, tal como havia posto em prática disciplina e penitência. Sua autoridade natural era suficiente para manter a ordem no convento.

Marie-Lise pede por uma entrevista, e lhe coloca as

mesmas questões que fez ao capelão. O modo de proceder fora idêntico, ao menos na forma.

— Minha mãe, dizia ela, pode-me jurar que sou órfã como Elisabeth?

O rosto pálido da superiora toma rapidamente cor:

— Minha filha, não me é permitido respondê-la nesse ponto, replica.

Um compromisso solene a impede, como ao capelão.

Marie-Lise repetiu:

— O seu silêncio é uma resposta, minha mãe. Se eu estivesse órfã, você me teria dito. Eu tenho pais, pais vivos; devo ignorar quem eles são? Não é exatamente isso, minha mãe?

Tendo o rosto tomado por novo afluxo sanguíneo, a superiora a interrompe:

— Cale-se! Lembre-se de que a curiosidade levou nossa pobre espécie humana à perdição. É por conta da curiosidade que nosso Pai precipitou a todos do paraíso terrestre para este vale de lágrimas.

Ela se recolhe um segundo e então retoma:

— “Menina, trabalhe no lugar de torturar o cérebro com absurdidades. Você tem se mostrado uma aluna muito ruim, esforce-se para progredir. Nada melhor para ocupar saudavelmente o espírito do que a aplicação, o estudo”.

Depois disso, a Superiora lhe dispensou.

Cada vez mais intrigada e inquieta quanto às suas origens, Marie-Lise confessou à Elisabeth, confidente de todos os seus pensamentos:

— Por que me escondem assim quem são meus pais, se eu sinto, se eu sei que eles estão vivos? Eu me pergunto se eles não seriam, por acaso, grandes criminosos.

— Ou grandes personalidades, responde Elisabeth.

Essa conversação tinha lugar no pátio. Elisabeth,

para escutar sua amiga, era interrompida de pular corda, atividade para a qual já era grande o suficiente.

— Ou grandes personalidades, repete Marie-Lise, sonhadora.

Dali por diante, seu pensamento oscilava entre essas duas hipóteses: ou suas origens eram infames, inaceitáveis, ou eram gloriosas. Mas, tanto em um quanto em outro caso, estavam repletas de ambiguidade. Podiam-se imaginar seus pais tanto em uma prisão quanto em um palácio.

Pouco tempo depois, ela diz tristemente à Elisabeth:

— Que meus pais sejam criminosos ou grandes personalidades, pouco me importa, porque ninguém se preocupa comigo!

Ela logo se corrige, temendo haver chateado Elisabeth.

— Salvo você, é claro, minha querida.

Todavia, essa ternura, que lhe era um reconforto, seria mais tarde frustrada.

Certo dia, a superiora chama sua atenção:

— Minha filha, todo sentimento exaltado de uma criatura por outra é condenável. É frustrar Deus de uma parte de sua dívida para com ele. Ora, todo mundo nesta santa casa já percebeu entre você e outra de nossas residentes uma dessas amizades privadas que, embora inocentes, não deixam de constituir por isso uma falta. Daqui para frente, seus encontros com Elisabeth estão formalmente proibidos.

Desse dia em diante, Marie-Lise teve outra vizinha de classe e de dormitório. Era uma pequena corcunda com tranças de cor cenoura e o rosto cheio de sardas, a qual ela mal podia suportar e que lhe rendera uma série de humilhações e vexames. Marie-Lise se perguntava se a superiora não a teria escolhido a dedo.

É então que, considerando-se perseguida, ela cai em uma pro-

funda melancolia. Já não esperava mais felicidade alguma nesta Terra, e pedia a Deus que a levasse sem demora.

As aulas do convento se estendiam até um vasto jardim botânico, onde havia um poço. Marie-Lise vinha frequentemente se sentar sobre a margem, olhando ao fundo com pensamentos funestos. Uma vez que Deus não queria levá-la, por que não...? Ocorre que o suicídio era o pecado supremo, a danação eterna. Encurralada entre a vontade de acabar com a própria vida e o medo do inferno, a menininha se sentia fortemente desamparada.

Numa tarde, enquanto Madre Clotilde contava os lençóis e toalhas na lavanderia junto a uma das irmãs, ela ouviu gritos terríveis vindos do jardim, e corre até lá. Um grupo de irmãs e alunas seguravam Marie-Lise quase desfalecida.

— “Nossa mãe, nossa mãe”, chamavam à superiora, em uma grande confusão. Marie-Lise tentara se afogar.

— Sem mim — diz uma mais velha — ela teria caído no fundo do poço. Felizmente, eu a resgatei. Eu tinha observado seus comportamentos estranhos. Por sorte, cheguei justo na hora.

Marie-Lise estava tão caída que a Superiora resolve não lhe admoestar.

Murmura a uma irmã:

— Eu deveria, por um pecado semelhante, reabrir a masmorra subterrânea e trancar lá dentro a culpada por um longo tempo. Mas seria essa menina totalmente responsável? Tenho a impressão de que ela já não se acha em seu perfeito juízo.

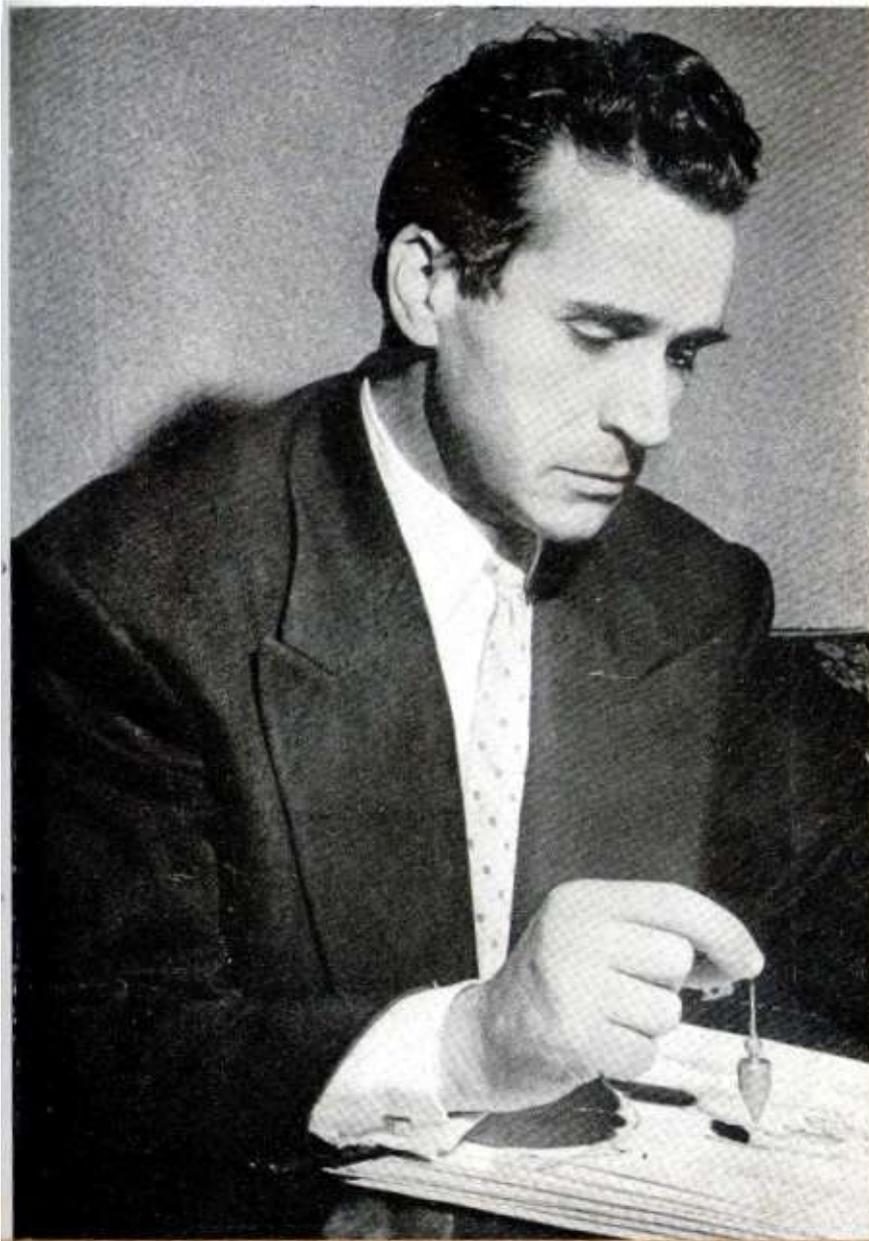
E foi para a enfermaria que a madre lhe enviou.

Ela só lhe repreende uma vez estando restabelecida, e, ainda, sem muito rigor.

Pouco depois, tendo chamado Marie-Lise ao seu escritório, ela lhe diz:

— Minha querida, eu te anuncio uma grande e feliz novidade... Você vai enfim conhecer seu pai.

O coração de Marie-Lise começa a bater em um ritmo acelerado.  
A Superiora prossegue:  
— É um homem célebre, um personagem ilustre.  
Seu coração infantil bate mais forte. Então, era Elisabeth quem dizia a verdade. Ela tinha de se orgulhar de sua ascendência, e não envergonhar-se.  
— Seu pai é um soldado. Ele detém o mais alto grau no exército.  
Em admiração, Marie-Lise tinha as mãos unidas firmemente.  
Madre Clotilde continua:  
— É o Marechal da França.  
Marie-Lise exulta. Ela imagina seu pai em um uniforme ornamentado, cavalgando um magnífico corcel, à frente de suas tropas.  
Madre Clotilde adiciona ainda:  
— É um dos favoritos de nosso bem-amado imperador, um dos marechais que ele mais aprecia por seus talentos e seu caráter.  
A menina pergunta:  
— Quando terei a imensa alegria de conhecer meu pai, quando?  
— Quando ele não estiver em guerra, no intervalo de duas batalhas. Ele virá para vê-la no convento.  
A partir desse colóquio, Marie-Lise não sonha com outra coisa a não ser essa visita, pedindo sem cessar ao Senhor (Deus) para que o marechal não fosse morto antes.  
Certa tarde, ela estava na classe para a aula de matemática. Uma irmã a interroga e ela traça, com giz, algarismos sobre a lousa. A superiora entra e a chama.  
Ela guarda o giz de cera e aproxima-se de madre Clotilde que lhe cochicha:  
— O marechal está aí. Ele espera para falar contigo. Mas você não pode se apresentar para ele no estado em que está.



ANDRÉ DUPIL, UM DOS MAIORES HIPNOTIZADORES DA FRANÇA, GRAÇAS AO QUAL AS EXPERIÊNCIAS FORAM POSSÍVEIS.

O PERFIL DE DENISE APRESENTA INCONTESTAVELMENTE CERTA PARECENÇA COM AQUELE DA BELA PAULINE BORGHÉSE. ISSO NÃO É O MAIS INTRIGANTE DA EXPERIÊNCIA.



ESTA GRAVURA DE ÉPOCA RECONSTITUI O DELICADO ROSTO DA IRMÃ DE BONAPARTE CUJA BELEZA JUSTIFICA AS HOMENAGENS DAS QUAIS ELA FOI OBJETO DURANTE TODA A SUA VIDA.

Marie-Lise tinha os dedos esbranquiçados de giz e enegrecidos de tinta e, para piorar, um pouco de poeira na ponta do nariz. Madre Clotilde a leva para um canto e a ajuda a se limpar, sobre uma mesa, com uma jarra d'água e uma bacia. Depois disso, ela lhe deixa ganhar sozinha o salão.

Marie-Lise pensa em ver o seu pai resplandecente de insígnias e estrelas, com ombreiras como blocos de ouro, e um firmamento de decorações sobre o peito. Mas ela encontra um senhor vestido de preto, ocupado a olhar a lista de honra, com um ar de descontentamento.

Ele se vira ao ouvir algo, e ao vê-la de súbito a abraça longamente. Em seguida, já sentado, ele a coloca sobre os joelhos, e a contempla.

— Sabes, dizem que você é muito alegre, minha pequena Marie-Lise. Eu sei que seu coração é bom, e seu rosto (sujinho) em nada o altera. Infelizmente, eu sei também que você não é das mais estudiosas. É o que me diz essa lista aí.

Com a ponta de sua bengala, que parecia uma águia, ele aponta para a lista de honra, em sua moldura dourada.

— Pai, diz ela, eu te prometo trabalhar melhor e reparar o tempo perdido, se...

— Se?

— Se, de sua parte, você me jurar não me abandonar de novo, de vir me ver sempre, tanto quanto possível.

Ele reaparece quinze dias depois. Desta vez, tinha a satisfação de ler na lista de honra o prenome de sua filha, sem o patronímico complementar.

Ao se preparar para retirar, sua filhinha lhe diz:

— Por que, pai, você vem sempre com traje civil? Eu adoraria tanto te admirar no seu belo uniforme, em grande estilo!

— Combinado, minha querida. Em minha próxima visita, você me verá como Marechal da França.

E ele cumpriu com a palavra. Marie-Lise pode vê-lo tal como ela havia imaginado nos seus sonhos infantis, como um pássaro fabuloso, uma “ave do paraíso” à face humana.

— Pai, ela exclama, você está esplêndido! O pessoal precisa ver como você está.

Ela exige conduzi-lo através dos corredores, onde o horário da recreação tinha reunido a totalidade das alunas e uma parte das irmãs. O pai e a filha caminham sob múltiplos olhares admirados. Ele, mais intimidado do que em um campo de batalha; ela, resplandecente de orgulho.

O som de um sino marca o fim do recreio. Os corredores e o pátio se esvaziam. Marie-Lise — autorizada a permanecer com seu ilustre visitante — conduz-lhe ao jardim.

Diante do poço que havia inspirado nela infelizes ideias de suicídio, o Marechal diz:

— Deixemos este lugar, tudo bem filha? Ele me causa horror.

— Por quê? Ela exclama. Você sabia?

— Sim, minha pobre menina. Sua superiora me contou tudo. Por trás de sua aparência rude, ela é uma alma sensível. Ela me disse que o abandono de seus pais tinha reduzido você ao desespero. Ela teve a coragem de reprovar a minha atitude, de me colocar frente às minhas responsabilidades. Ela me ditou meu dever. Se estou ao lado de ti neste convento é ela a quem deves agradecer.

A menina protesta:

— Mas você também é bom, pai. Se não veio anteriormente, talvez seja porque tinha sido influenciado por uma pessoa que me quer mal.

O Marechal se espanta com tal perspicácia em um ser tão jovem. Pauline, com efeito, tinha lhe ordenado a não estabelecer quaisquer relações com sua filha, a renegá-la e rejeitá-la tal como a própria mãe fizera, e ele havia obedecido por estar seduzido. De fato, contra toda influência e resignação, ele se deixou apaixonar por esta feiticeira, e embora ele a tivesse deixado havia bastante tempo, ele não podia se consolar com o seu abandono. De todos os

golpes que esse bravo homem havia recebido, este era o mais doloroso.

A cada nova visita do marechal, aumentava a intimidade entre o pai e a filha. O Marechal adorava Marie-Lise. Não seria precisamente porque ela lhe recordava a mãe, a quem ele não podia esquecer?

Vendo-se protegida, Marie-Lise aproveitava, mas sem jamais ultrapassar a medida.

Um dia, ela exprime ao marechal:

— Pai, todas as minhas colegas, mesmo as mais deserdadas, saem do convento para as festas e para os períodos de férias. Que tal se você me deixar sair, de agora em diante, a cada final de ano?

— Não, minha filha. As próximas férias você passará em meu castelo em Combault. Eu já decidi assim, com a minha esposa (duquesa). Você conhecerá, por meio dela, os cuidados maternos que lhe foram recusados até hoje.

Estando o verão perto, ela não teria motivo, portanto, para se impacientar.

Por volta do meio de julho, um carro vem pegar Marie-Lise, um carro que não tinha nada em comum com a carruagem rústica que a havia conduzido logo que saíra das entranhas maternas ao claustro. Estava pintado de amarelo-ovo e era acolchoado; tinha dois belos cavalos e era conduzido por um cocheiro gordo e corpulento, e com uniforme quase tão brilhante quanto o de seu superior.

O marechal dá as boas vindas à Marie-Lise da escadaria que dá acesso a Combault. Ele usava um traje informal cujas costuras lhe davam, não obstante, um caráter militar.

— Eu me concedi umas férias em tua homenagem, anuncia ele à recém chegada. Estou certo de que viveremos bons momentos sob o mesmo teto... E agora, siga-me: vou-te apresentar à Duquesa.

Esta se achava na cozinha, prestes a confeccionar um bolo de sua própria criação, em meio a uma série de cozinhei-

ros respeitosos e entusiasmados. Ela agia assim cada vez que vinha ao castelo um convidado a quem ela desejava agradecer especialmente.

Ela abre os braços à Marie-Lise. Mulher de coração e de uma inteligência compreensiva, baseada em sua simplicidade, ela havia perdoado a traição de Lefebvre e teria julgado iníquo fazer recair seu antigo ressentimento sobre essa inocente.

E assim começa a vida no castelo para Marie-Lise, que até então só havia conhecido a vida no convento. Ela se levantava mais tarde, depois de ter saboreado, em sua cama, uma primeira refeição bem servida. Arrastava-se até o toalete, e se permitia intermináveis minutos diante do espelho. Pela primeira vez, ela tinha autorização para se olhar o quanto quisesse. Ao contrário de sua mãe, mas de forma parecida com sua tia Caroline, ela era loira e, como ambas, era alegre. Seus belos cabelos, libertos do pequeno e sem graça gorro do convento, expandia-se sobre seus ombros como um horizonte pleno de sol.

O marechal passa seus dias de lazer a podar suas roseiras e a cuidar das colmeias. Marie-Lise lhe segue passo a passo, interessada. Não obstante, questiona-o sobre suas campanhas, sobre Napoleão.

— É um gênio, ele responde. O deus das batalhas. Esse grande capitão é, ao mesmo tempo, um grande legislador.

O marechal iguala o código civil às suas mais belas vitórias estratégicas.

Ao seu turno, a duquesa falava sobre o imperador com menos entusiasmo e mais reservas:

— Um grande homem em todos os sentidos, concordo; mas ele me causa medo. Nunca me sinto à vontade ao lado dele. Fico agitada como uma mulher nervosa. E é severo no que tange à etiqueta! Qualquer peca-dilho, uma palavra pouco mais embaraçosa, uma reverência um pouco falha,

e ele te faz sacudir como a uma árvore de ameixa. E depois, cá entre nós, ele é bastante ambicioso, e massacra todo mundo em prol de sua glória. No fim das contas, para onde ele nos conduzirá?

Um dia, ela diz à Marie-Lise:

— Mas eu não deveria criticar Napoleão diante de ti, pois você o tem muito perto, minha pequena.

O tom era enigmático e ligeiramente malicioso.

Com efeito, Marie-Lise era sobrinha do Imperador.

Ocorre que ela não duvidava disso, pois se achava então em seu estado normal e não no estado segundo em que se chama Denise, e no qual o magnetizador de Meaux sabe mergulhá-la, em busca da clarividência sobrenatural.

No início de outubro, Marie-Lise está de volta ao convento. Mas, de agora em diante, ela saíria em épocas fixas: os períodos de férias, ela passaria no castelo de Combault; as festas, na residência dos Lefebvre em Paris, Rua da Convenção.

O tempo passa e produzem-se grandes mudanças políticas. O império estava desmoronado, e a Águia expiava sua ambição devoradora sobre a rocha de Santa Helena. Os Bourbons eram retomados ao trono com um rei adoentado, mas pleno de sabedoria e fineza. O marechal Lefebvre, como sabemos, mobilizara-se em favor da Restauração. De acordo com ele, “Leipzig” colocava um ponto final na epopeia napoleônica.

Na mesma época, Marie-Lise havia se tornado uma moça, e os espelhos lhe asseguravam que ela cumprira as promessas da beleza e do charme que sua infância pressagiava.

Certo dia, a Superiora chama Marie-Lise com urgência em seu escritório.

— Minha pobre menina, ela lhe disse, você vai precisar de muita coragem!.

E, com muito tato, ela lhe anuncia que

o marechal não se encontrava nada bem, e que ela devia se dirigir imediatamente até ele se pretendia encontrá-lo ainda vivo.

Marie-Lise parte.

Rua da Convenção. O marechal agoniza; assistido pela boa duquesa, com seu habitual devotamento.

O moribundo não havia perdido toda a consciência do mundo exterior. Ele reconhece sua filha; pede-lhe para que seja sempre honesta, caridosa, resignada. É então que sua razão o abandona sem volta e ele se põe a divagar.

Em seu delírio, ele repassa as grandes batalhas nas quais havia tomado parte tão gloriosamente. Num dado momento, fica como que obcecado pelo retrato da Rússia, e ressuscita, com algumas frases ofegantes, a derrota da Grande Armada contra os cossacos sobre a neve. Naquela época, Napoleão era para ele um ídolo. Mas desde então, reconhecendo seus erros, afastara-se dele. Parece recordá-lo, todavia, nesse instante supremo. Como passassem da agonia para a morte, seus lábios exangues murmuraram uma última palavra. A duquesa e Marie-Lise — tristemente inclinadas sobre ele — ouviram: “O imperador!”.

## COMENTÁRIO DA PRIMEIRA SESSÃO

*No início da sessão, Marie-Lise fala de sua mãe, a Duquesa Lefebvre, mais conhecida como “senhora descarada”. É com esta que ela vive no nº 14, Rua da Convenção, na grande casa onde seu pai vai morrer.*

*Mas um pouco mais tarde, Marie-Lise admite que sua mãe não é a Duquesa mas... Pauline Bonaparte. Ela dá detalhes perturbadores sobre seu nascimento e sobre os eventos que o precederam:*

*— ...Eu nasci numa casa com uma velha que lá morava e minha mãe se chamava... Pauline... A casa não era aquela de meu pai... É uma casa baixa que eu vejo... Meu pai não está aí... não é uma bela casa... não há domésticas... Minha mãe é bela e jovem... ela fala baixo com a velha... ela diz que é preciso que eu jamais saiba... quem era a minha mãe...*

*A sonâmbula chora, soluça e é preciso acordá-la.*

*Um pouco mais tarde, ela é novamente hipnotizada e retorna à pequena casa em que estava.*

*— Você vê sua mãe?*

*— Sim, ela está aí sobre o leito... ela se chama Pauline... Pauline Bonaparte... ela não é feliz, ela diz*

*que não queria isso... ela vai se casar... ela tem vinte anos...*

*— Onde é a casa?*

*— Eu não vejo muito bem... É uma palavra que termina com L... eu estou em um carrinho... a velha me envolve em um lençol e me coloca em uma cesta... a cesta balança... longe... longe... Levaram-me para um convento... uma velha senhora recebe o homem que me carrega... ele diz: “Eu trago o que havia sido combinado”... levam-me para uma sala, é uma freira que me recebe... ela me pega... eu estou sozinha em um canto... é misterioso...*

*— Qual o nome do convento?*

*— Só há aí uma inscrição, é uma cruz... eu atravessei grandes bosques [durante a viagem, dentro do cesto]... a irmã se chama Clotilde... elas são gentis, mas são muito mais secas. Elas usam um véu branco e estão vestidas de azul...*

*Um pouco mais tarde, André Dupil retoma esse problema do nascimento de Marie-Lise:*

*— Como seu pai conheceu Pauline?*

*— Quando o marechal Lefebvre vinha para Paris, Pauline vinha também, ele a viu no mesmo lugar onde Joséphine se encontrava... Joséphine de Beauharnais... meu pai amava Pauline, mas ela não... ela não era ainda casada, ela casaria com um príncipe... há um nome, eu não sei quem é Dermitri, Dermitr... ela tinha sido casada com alguém chamado Leclerc...*

*Toda essa parte das respostas de Marie-Lise nos parece muito confusa; reclamamos esclarecimentos e André Dupil expôs novas questões:*

*— Seu nome correto é Marie-Lise Lefebvre?*

*— É o meu nome, mas ninguém o usa... eu me chamo Marie-Lise, meu pai se chama Lefebvre... mas eu não me chamo Lefebvre... eu não fui declarada oficialmente como filha dele... eu não estou registrada como nada... fala-se Marie-Lise e é tudo...*

*— Onde seu pai encontrava com sua mãe?*

— Meu pai encontrava com a minha mãe no nº 14, Rua da Convenção, é aí que ele via a minha mãe... ela já era casada com o General Leclerc... eles são conhecidos em Paris... ele a amava, mas ela não... eu não sei por quê... ela devia se casar novamente com um príncipe... minha mãe tinha uma casa perto de Meaux, sim, eu vejo a cidade, sim, sim... é a Ferté-sous-Jouarre... minha mãe vinha até aí de tempos em tempos com outros homens também...

— Fale-nos de sua mãe.

— Minha mãe veio... na França... da Itália... para me trazer ao mundo, mas ela não queria que alguém soubesse que ela esperava uma criança...

— Ela via frequentemente seu pai?

— Não... oh! Não... minha mãe não reviu o meu pai, ela não o via mais, eles estavam brigados... ele a amava... mas ela não... era apenas para se divertir... ele suplicou para a minha mãe voltar, mas ela não voltou mais!... Eles se viam no nº 14, Rua Da Convenção... dois meses antes que eu viesse ao mundo... em 1804... ela ia se casar com o príncipe... ele não sabia que ela esperava uma criança!

— O que ela fazia antes?

— Antes de estar na França ela esteve na Itália... antes, ela tinha sido casada com... Leclerc.

— Onde ela morava?

— Ela morava em Paris.

Marie-Lise não variou mais do que isso as suas declarações e pudemos saber doravante no que concerniam suas origens e a circunstância de seu nascimento.

Existem, não obstante, algumas contradições aparentes no seu relato.

Pauline Bonaparte, sua mãe, não pode ter vinte anos no momento em que ela dá luz à filha, porque ela nasceu em 1780 e Marie-Lise tem sempre afirmado ter nascido em 1804.

Aliás, é em 1803 que Pauline Bonaparte se casou com o príncipe Bourghése; ora, ao longo de todo o seu relato,

*Marie-Lise fala desse casamento como um evento futuro que deve se produzir depois do seu nascimento. Ao menos é o que nós acreditamos ter compreendido, pois suas declarações sobre esse ponto não são claras.*

*É preciso observar, aliás, que, de um modo geral, as entidades interrogadas por meio do sono hipnótico parecem desconcertadas frente às noções de tempo e espaço. Muito frequentemente, os fatos que elas relatam não respeitam absolutamente a ordem cronológica e causam reviravolta até em nossas noções mais elementares de geografia.*

*Há outra contradição, menos grave, mas inexplicável nas declarações de Marie-Lise. André Dupil lhe pergunta se no aposento onde se encontra seu pai, não há jornais.*

*— Sim, há dois... são Gazeta da França e o Globo...*

*— A qual data pertencem?*

*— 22 floréal de 1820...*

*O que é materialmente impossível: o calendário Gregoriano tinha sido restabelecido em 1806.*

*Mas essas contradições, essas lacunas não devem desencorajar o pesquisador. A história de Marie-Lise é suficientemente apaixonante em si mesma para que nós não estacionemos em algumas inverdades que, ao fim e ao cabo, não contradizem o relato em sua essência.*

## SEGUNDA SESSÃO

*Ela teve lugar no castelo de Saulsoye, propriedade da senhora Beauguitte.*

*Podem testemunhar em favor da autenticidade dos registros realizados: Sra. Saint-Georges de Bouhelier; Coronel Lesieur e sua esposa; Louis Cuny, diretor de teatro; Sr. Border e Sr. Caille.*

*Esta sessão é mais particularmente consagrada à vida de Marie-Lise no castelo de Boursault no período de sua vida que precede seu reencontro com o Conde Horácio Sébastiani, reencontro que, como veremos mais adiante, bagunçará sua existência.*

*Notar-se-á que sem ter sido propriamente sequestrada, Marie-Lise leva uma existência reclusa que parece lhe ser imposta pelas condições de seu nascimento e pelo cuidado que manifestam aqueles que a acolheram (notadamente a Condessa de Mortemart, a quem a Duquesa Lefebvre a confiou) de não revelar o segredo de seu nascimento.*

*Para uma perfeita compreensão do relato, pensamos que seria útil dar ao leitor um breve histórico do castelo de Boursault.*

*Houve primeiro, na entrada do parque, um castelo do estilo de Luis XIII que existe ainda hoje e que, no início do século XVIII, passa das mãos dos Barões Anglure para aquelas de Nicolas Dauvet, Conde dos Marets. A irmã*

*deste, Marquesa de Louvois, herda-o e o vende ao Senhor Charpentier, Presidente do Tribunal de Tours.*

*Uma mudança de proprietário se produz no momento da Revolução da qual não se encontrou qualquer vestígio. É o conde D'Orsay que, tendo passado a tormenta, morou neste Castelo. Ele vende a propriedade em 1816 ao Conde e à condessa de Reille, neta do Marechal Masséna. O Conde de Reille era Tenente-General das armadas do rei. É dele que a senhora Clicquot, nascida em Ponsardin, chefe da célebre casa de vinhos de Champagne, adquire a propriedade.*

*É a senhora Clicquot que, em 1842, resolve construir o novo castelo que foi inaugurado em 1848. A fachada traz a seguinte divisa: "Matis Mater" (uma mãe para seus filhos).*

*A filha da senhora Clicquot era casada com o Conde de Chevigné e sua filha torna-se, mediante seu casamento, condessa de Mortemart.*

*É a condessa de Chevigné que havia prometido a Pauline Borghese cuidar de sua criança.*

*Sua neta, Marie-Adrienne-Anne-Clémentine de Mortmart devia se casar com Amable-Antoine-Jacques-Emmanuel de Crussel d'Uzés e se tornar a famosa Duquesa d'Uzés, mais conhecida sob o nome de Duquesa Anne.*

*Como da primeira vez, a Sra. Dupil exerce a função de secretária da sessão, mas desta vez, nós dispomos do gravador para registrar as declarações de Marie-Lise. Isso nos permitirá dar conta de um estranho fenômeno, a saber, que à medida que ela revive sua existência pela boca de Denise, nossa sonâmbula, Marie-Lise muda de voz!*

*Nem o tom, nem o timbre são os mesmos quando ela tem dez anos, vinte anos ou, como se constatará mais tarde, cinquenta anos.*

*Passemos a palavra, portanto, à Marie-Lise.*

\*  
\*        \*

De volta ao funeral, Marie-Lise e o marechal se reencontram face a face, na Rua da Convenção. O odor característico das flores funerárias impregna ainda toda a grande e rica residência.

Marie-Lise pergunta àquela para quem olhava como uma mãe adotiva:

— Agora, o que você pretende fazer comigo?

— Minha querida, responde a Duquesa, meu mais vivo desejo seria mantê-la aqui. Infelizmente, diz a Duquesa, agindo desse modo, eu não cumpriria meu dever e iria, com toda certeza, contra a vontade de meu defunto marido.

— Mas por quê?

— É porque, minha pobre criança, eu não tenho inteiramente o estofo de uma educadora. Instrução? Eu não tenho muito. Sem dúvida, eu aprendi um pouco na escola da senhora Campan desde o meu casamento, quando eu não era mesmo capaz de assinar meu nome. Fora isso, eu não sei grande coisa. Educação? Eu não tive uma muito brilhante. O Imperador frequentemente me repreendia nesse ponto, pelo fato de eu ser Duquesa de Dantzig. Na corte de nosso bom Rei Louis XVIII, as verdadeiras Marquesas não deixam de zombar de mim, antes mesmo que eu tenha feito um gesto ou pronunciado uma palavra.

Ela suspira:

— Nessas condições, minha pobrezinha, só me resta tomar um partido que me desespera, corta-me o coração: enviar-te ao teu convento.

E Marie-Lise, que havia esperado a liberdade como compensação ao seu luto, vê-se novamente enclausurada.

Os anos se passam, anos aborrecidos e acinzentados, cor de chuva... A adoles-

cente se transformara em moça, e a moça era mais bonita ainda que a adolescente.

Um dia, a Superiora, que não era mais Madre Clotilde, ordena-lhe:

— Marie-Lise, ela lhe diz, Você nos deixa amanhã para sempre. Prepare a sua bagagem; alguém virá te buscar no início da tarde.

A menina solicita explicações, mas a nova Superiora se recusa a lhes fornecer. Sempre esse mistério que envolvia seu destino e lhe causava sonhos vaporosos.

Enquanto ela preparava tranquilamente sua bagagem, operação que seria rápida, uma vez que tinha poucas roupas, ela pensa: “Em suma, dispõem de mim como de um animal ou de um objeto. Negam-me o livre arbítrio e me tratam como se eu estivesse privada de alma.”

No dia seguinte, pouco depois do meio-dia, alguém chega num transporte para buscá-la, assim como ela havia sido prevenida. Era, sem dúvida alguma, um personagem distinto, um nobre. Enorme e magérrimo, fino, ele já não era mais jovem, tinha modos altivos e bruscos e falava pouco, como se economizasse palavras — as quais ele pronunciava carrancudo.

A primeira impressão de Marie-Lise foi ruim.

A população inteira do convento gostava de Marie-Lise. Eis porque ela havia reunido todas a fim de se despedir. A mais antiga das irmãs depois de Marie-Lise, aquela que havia permanecido por vinte e dois anos nessa piedosa casa, tinha composto um adeus sobre uma folha de papel decorada de flores pintadas com aquarela. Marie-Lise se põe a ler, mas não pode terminar; estrangulada como está por seus soluços.

O homem que veio para conduzir Marie-Lise dá sinais de impaciência.

Quase todas as colegas daquela que se ia

tinham um buquê à mão. Marie-Lise pega suas flores a pulso, joga-as descuidadamente na carruagem onde já estava instalado seu companheiro de viagem, e uma vez pronta para a sua viagem, o coração emborcado, os olhos banhados de lágrimas, o cocheiro açoita os cavalos e então partem.

“Já era tarde”, murmura o companheiro, tomado de um ar intratável. Tal manifestação de sua parte era literalmente grotesca.

Passou-se longo tempo até que ele reabrisse a boca. Quanto a Marie-Lise, ela se esforçava por se interessar pela paisagem, mas aquela lhe parecia toda borrada por conta de suas lágrimas. O desconhecimento do seu futuro mais imediato lhe assustava. Não teria ela que se lastimar de sair desse convento de onde ela havia tantas vezes sonhado sair?

Como ela não pôde reprimir um soluço, seu companheiro exclama:

— Que significa toda essa choradeira? Você já não é mais uma menina, que diabos!

A pobre Marie-Lise, para não se indispor mais ainda, controla-se.

Mas, pouco depois, ele reclama:

— Essas flores são insuportáveis. Elas empesteiaram a carruagem e me dão dor de cabeça.

E empunhando os buquês dos quais a carruagem estava, a bem dizer, abarrotada, ele os lança nervosamente pela porta. Isso aguça a tristeza de Marie-Lise, bem como sua irritação contra um varapau que só se manifestava por palavras e gestos desagradáveis.

Ela toma coragem de lhe perguntar:

— Eu poderia saber, meu senhor, quem você é e para onde está me levando?

Ele não lhe concede resposta alguma.

Marie-Lise se deixa olhar a paisagem. Suas lágrimas estavam secas e, agora, ela podia ver distintamente um campo alegre sob um céu sem nuvens.

O varapau abre uma sacola e desembulha suculentas provisões: um salsichão, mortadela, presunto, um patê de frango, peras, uvas, duas garrafas de vinho: uma de Borgonha, outra de Chablis.

Ele diz em seguida:

— O momento me parece propício para nos refazermos.

Ele havia oferecido, com efeito, dois talheres e dois copos.

Marie-Lise sacode negativamente a cabeça.

— Como quiser, gentil senhorita!

Tendo amarrado nele próprio uma toalha, o varapau começa sozinho o festim.

O carro seguia lentamente. Os cavalos começavam a ficar cansados e como que pediam descanso. O ritmo moderado, que evitava os solavancos, facilitava a refeição do varapau.

Mas ao vê-lo degustar com tanto apetite tão boas coisas, Marie-Lise havia ficado com fome. Ela olhava de lado, com uma inveja que procurava dissimular, mas sem consegui-lo. Ele percebe, e tendo seu humor melhorado diante da boa comida, convida-a de novo a se refazer. Desta vez, Marie-Lise não nega.

O calor dos alimentos e do vinho a aproxima de seu companheiro. Ela fofoca e ri. Ele a escuta e lhe responde com gentileza. Ela se dá conta então de que ele vale, sem dúvida, mais que seu aspecto externo, e que era o seu caráter pior que o seu coração; ele devia pertencer à espécie dos brutos mais benevolentes.

Ela estava em vias de mastigar um cacho de uvas verdes e douradas, que parecia uma joia de Jade, quando o varapau pronuncia:

— Chegaremos a Boursault em plena época de colheita.

— É, portanto, a Boursault que iremos? Interroga Marie-Lise. Primeira nova. E onde se encontra Boursault, posso saber?

— Em Champagne... Não a Champagne pobre, mas a Champagne próspera, há pouca distância de Epernay.

— E em Boursault, na casa de quem vou morar?

— Deus Santo! Eu não tenho razão alguma para te esconder: viverás com a proprietária do castelo, a Condessa de Chevigné. Ela é minha prima e me abriga generosamente uma vez que fui varrido por terríveis infortúnios.

Sangue azul corria nesse grande corpo cansado e desengonçado. Marie-Lise não estava equivocada, portanto, ao discernir, num primeiro golpe de vista, um aristocrata em seu companheiro de viagem.

Ela continua seu interrogatório, esquecendo-se do que lhe havia dito outrora Madre Clotilde, no tocante à sua curiosidade:

— Por que a Condessa me oferece sua hospitalidade?

— Porque uma pessoa que ela conhece de longa data, uma amiga de um alto escalão para quem ela não tinha nada a recusar, expressou-lhe esse desejo um pouco antes de sua morte.

— E essa pessoa de um alto escalão... você saberia o nome?

— Isso, minha pequena, não me é permitido; é-me inclusive formalmente proibido revelar-te.

Então, ela se recorda da recomendação da Madre Clotilde e desiste de seguir adiante.

Essa pessoa era, como se pode adivinhar, a mãe verdadeira de Marie-Lise, Pauline Borghése.

Quando chegam à baía em Meaux, “a baía de Santa Étienne”, Marie-Lise e aquele que ela continuava a chamar, mas agora sem cerimônia, como o varapau,

formavam um par de amigos. Inicialmente, eles eram dois desconhecidos: o bom homem havia tomado a juvenzinha por uma tola pretensiosa, rebelde; Marie-Lise julgara seu companheiro um indivíduo privado de todos os sentimentos humanos.

O carro retoma viagem e logo chega ao coração da Champagne próspera, repleta de um exército de vindimadores. Com a foice em mãos, eles se ocupam das videiras, interpellando uns aos outros alegremente.

Marie-Lise pede para descer do carro por um instante para vê-los trabalhar mais de perto. Seu companheiro concorda de bom grado.

Lá havia não somente homens, mas mulheres e crianças, todos munidos de foices e também de cestos. Quando os cestos transbordavam de uvas, eles os esvaziavam numa comporta colocada em cada extremidade das fileiras de videiras. Aí, esperavam um carro de bois, onde içavam esses compartimentos uma vez cheios. Tendo tudo sido empilhado sobre o carro, os bois carregados tomavam o caminho dos celeiros. Esses pobres animais estavam repletos de moscas que lhes penetravam até nas narinas. Eles as caçavam com grandes golpes de língua e de rabo.

Marie-Lise e seu companheiro retornam ao transporte, que se põe a mover.

A noite envolve com seu drapejado roxo a vinha de Champagne: consideráveis declives onde serpenteiam e se enredam uma multiplicidade de trilhas da qual cada cruzamento constitui um problema de orientação a quem não é da cidade. O carro cruzava grupos de viticultores retornando para casa e carros de bois carregando as últimas comportas do dia. O vaqueiro segue adiante, sua vara de ferrão sobre o ombro.

Do campo, emanava um odor inebriante, como de um tanque gigantesco. Com o crepúsculo, a brisa refrescava.

O carro passa por grandes bosques.

— Existem lobos por aqui? Pergunta medrosamente Marie-Lise.

Ele sorri:

— Ora, lobos! Não. Cervos e corças sim. Além disso, minha nobre prima os caça com a ajuda de cães. Mas ninguém é admitido em suas caças. Para isso, é preciso, ou voltar às cruzadas, ou possuir milhões. Assim, eu mesmo estou excluído. Não me julgam suficientemente nobre, nem suficientemente rico.

O tom de voz era amargo.

Tendo atravessado a floresta, chegam a Boursault. Virado contra a Igreja estava um belo castelo num vasto parque semeado de estátuas. Um espelho d'água reluzia aos pés de sua fachada.

Ninguém aguardava os viajantes; nem a Condessa, nem nenhum empregado.

Conduzindo-a ao seu quarto, ou talvez muito mais um quartinho, seu companheiro de rota, que o cocheiro havia saudado com “uma boa noite, Barão”! (de caráter ligeiramente familiar), diz-lhe:

— Eu havia me esquecido de te advertir que minha prima está ausente por uns bons meses, e que até lá, nós seremos os donos de Boursault.

Donos sem grande autoridade, sem muito prestígio, como pôde constatar aquela mesma noite Marie-Lise.

O jantar foi servido não na sala de estar, fechada durante a ausência da Condessa, mas no quarto do Barão (doravante, Marie-Lise não designaria mais de outro modo seu companheiro de viagem). A comida era escassa e estavam mal acomodados.

— Nada parecido com nossa farra dentro do carro, não é? Exagerei um pouco, foi uma loucura a que me permiti e da qual você se aproveitou. Não é sempre que tenho tais ocasiões para me emancipar!

Uma ajudante de cozinha, uma mulher suja, passa-lhes desajeitadamente os pratos. Num dado momento, ela deixa cair molho sobre Marie-Lise.

— Oh! Meu mais belo vestido! Exclama a moça desolada.

Marcado de branco e de rosa, o vestido lhe caía perfeitamente.

A ajudante não se desculpa nem um pouco.

Situado no sótão, o quarto de Marie-Lise era de uma simplicidade rústica.

Observando isso, o barão adiciona depois:

— Decididamente, minha pobre menina, nós temos em Boursault o emprego de parentes pobres.

A noção dessa inferioridade compartilhada os aproxima um pouco mais.

Detestável foi a primeira noite de Marie-Lise no castelo. Um rato roía obstinadamente a madeira. Uma coruja, numa árvore próxima, disparava seu pio lúgubre. Quando o rato e a coruja silenciam, muitos cães uivam em direção à lua. Ao amanhecer, o canto dos galos ecoa de todas as partes. Ela não pode fechar o olho tanto mais que esperar a irrupção sem fim de fantasmas.

Em Boursault, contrariamente ao que se passava na casa dos Lefebvre, quer em Combault, quer na Rua da Convenção, não há a pequena refeição na cama. Ela deve ir até a cozinha pegá-la, onde ela encontra o Barão diante de uma xícara de café e um pedaço de pão entalhado. Sempre comendo, ele lê os jornais. Ela se senta ao seu lado.

O barão lhe diz:

— O castelo está vazio ou quase. Todos os empregados, o grosso da governança acompanhou a condessa a Paris, onde ela reside atualmente em seu hotel na Rua de Lachaise. Quanto a mim, devo me ocupar de você e monitorar o local.

Em suma, ele cumpre a função de um mordomo. Um mordomo mal retribuído e pouco considerado.

Além dele, contava-se em Boursault com o guarda de caça e jardineiro de nome Poirel. Sem igual na sua especialidade, conhecendo tão bem tanto a fauna quanto a flora do país, tendo meditado sobre os homens e sobre os animais, sonhado diante da natureza, ele era ao seu modo um filósofo. Consciente de suas faculdades, ele fala num tom grave e solene, sentencioso. Neste momento, todo o pessoal da casa se reduz a ele, um moço que trabalha na estrebaria e alguns servos de nível mais baixo. Sem mencionar, certamente, a equipe (aliás, pouco importante) que se compõe de um adestrador, de um criado responsável pelo cuidado dos animais e de uma matilha de trinta cães.

O Barão e Poirel, para distrair Marie-Lise, a apresentaram aos aposentos e aos recursos disponíveis em Boursault.

O parque, como se sabe, era ornamentado por numerosas estátuas. O Barão nomeia cada um dos heróis e das divindades que elas representam, contando suas prodigiosas aventuras. Marie-Lise, que só sabe a história bíblica, conheceu desta maneira a mitologia dos gregos e dos romanos.

O castelo comporta uma imensa biblioteca repleta de volumes. Ele lhe indica as estantes onde ela poderia colher o que convinha a uma mocinha.

Eles frequentemente encontravam companhia na floresta outonal, com folhagens roxas e cor de cobre. No meio desse incêndio factício, surge talvez uma corça. De início, petrificada pelo medo, ela foge em seguida com toda vitalidade de suas finas patas.

Com Poirel, Marie-Lise visita o jardim, como tinha de ser. Se o Barão lhe nomeia as estátuas do parque, Poirel lhe nomeia cada flor. Ela se recorda então do Marechal, em Combault, podando as suas roseiras, e da boa Duquesa, da qual ela não tinha novidades. Tais lembranças remoíam seu bom e pequeno coração.

Poirel lhe conduz aos estábulos. A vestimenta dos cavalos era macia e lustrosa como a seda. Ela não dei-

xa em nenhum momento de lhes trazer açúcar, e manifesta um interesse receoso, quando de seus lábios estremecidos, eles comem do doce e cintilam pedaços sobre sua palma estendida.

O jardineiro a leva também para ver a matilha. Os cães salpicados de negro ou de marrom se agitam, remexem-se, abrindo com latidos suas gargantas rotas e abanando o rabo. Marie-Lise lhes distribui gomos de uva. Ela os trata bem, mas os teria tratado melhor ainda se eles não tivessem se mostrado cruéis com os graciosos animais da floresta.

O adestrador, um velho, havia tomado essa bela e amável moça com simpatia, e lhe toca trompa em sua homenagem. Ele a teria ensinado as diversas fanfarras.

— Quando você fizer corrida de caça com a Senhora Condessa e seus convidados, diz ele, você se surpreenderá com esses senhores e damas por seus conhecimentos.

Ele tem o rosto e as mãos curtidos, semelhantes a uma casca de árvore, e ele se chama La Ramée (o ramo). Curioso exemplo de mimetismo.

— Oh! Meu bom La Ramée, ela replica, eu não penso em correr atrás de cervos. Eu amo muito os animais para fazer isso! O que eu mais gosto na corrida de caça, como vê você, são as fanfarras.

La Ramée, desejoso de lhe ser agradável, adquiriu o hábito de tocar para ela a cada manhã e a cada noite para exortar seu sono e seu acordar. Adaptadas uma a outra, a primeira fanfarra possuía um caráter de alerta e a segunda um caráter melancólico.

Malgrado as atenções conjugadas, do Barão, do jardineiro e de La Ramée, Marie-Lise permanecia entediada. À sua tristeza, juntou-se ainda uma inquietude confusa do que lhe traria o retorno da Condessa. Se o Barão não fala positivamente mal, também não fala muito bem dela. Quando falava, era com reticências. Mas essa recepção bizarra onde a anfitriã não estava

aí para acolhê-la; esse local exíguo e desconfortável; esse quarto de empregada onde ela fora instalada, geravam presságios tanto mais inconvenientes! Como Madame Chevigné iria lhe tratar uma vez estivesse presente? Não iria ela lhe fazer pagar muito caro sua hospedagem? Não iria ela lhe tornar bem amargo o pão de sua caridade? Marie-Lise oscilava entre o desejo e a apreensão de conhecê-la...

Certa manhã chega de Paris uma carta timbrada para o Barão, solicitando-os a partir para a floresta.

— É a Condessa, diz ele. Ela me informa que seus assuntos a manterão por mais tempo na cidade; tempo o qual ela não havia previsto. Ora, como ela não deseja recuar indefinidamente do privilégio de te conhecer, ela me pede para te conduzir até ela com toda a urgência. Eu retornarei aqui, tendo a minha missão sido cumprida, para retomar meu posto.

Marie-Lise reflete, não sem um pouco de agrura: “Sigamos! A história continua. Obstinam-se a dispor de mim como de uma coisa!”. E ela prepara de novo sua frágil bagagem.

O hotel de Chevigné, situado na Rua de La Chaise, depois de ter sido a Congregação dos Dominicanos, é uma clínica de grande luxo nos dias atuais. É nesse lugar que estava a preferência de reis do petróleo ou do tabaco, ministros, estrelas de cem milhões de filmes; em resumo, todos os poderosos deste mundo.

A Condessa não desmente a opinião que Marie-Lise dela havia formado à distância: uma senhora grandemente arrogante que lhe faria sentir como se ela estivesse em dívida com ela. A pobre Marie-Lise estava carente, mas não poderia contar com Madame Chevigné.

Em Paris, assim como em Boursault, ela tinha um simples apo-

sento. Quando Madame de Chevigné jantava fora, o que acontecia frequentemente, Marie-Lise jantava em seu escritório. Não a levavam jamais ao teatro, e deixavam-na sem qualquer dinheiro no bolso, de modo que ela se comparava à Cinderela.

Quanto aos empregados, figuravam o mordomo Joseph, a empregada principal Justine e o cocheiro.

Joseph, imberbe e lamuriento, assemelha-se a um César de terça-feira gorda. Justine possuía um rosto amarrotado e vicioso. O cocheiro era um gigante gordo, um monumento de banha de porco. Eles se embebedavam abusivamente e furtavam o que lhes convinha. O cocheiro roubava a aveia da selaria e dos cavalos, sempre que precisava repor mais. O mordomo e Justine roubavam de tudo. Estes se davam sempre bem, mas Joseph, querido das camareiras e conquistador amoroso, supera Justine no que diz respeito às disputas. Uma noite em que a Condessa havia saído, e que Marie-Lise jantava no escritório, como de costume, teve lugar uma briga. Justine acusa Joseph de importunar uma ajudante de cozinha. Ele lhe fecha peremptoriamente a boca com um tapa. Justine se volta, então, contra sua rival, que lhe atinge a cabeça. Antes de se pegarem, as duas mulheres se desafiaram e se insultaram tais como os Deuses de Homero antes do combate, porém, em termos menos elevados. Em seguida, elas se jogaram uma contra a outra, arranhando o rosto, arrancando os cabelos, golpeando no estômago. O restante das domésticas formava um círculo em torno das antagonistas, e ao contrário de buscar separá-las, excitavam-nas. Joseph, falso César, preside com um sorriso pretensioso a esses ignóbeis jogos de circo. Ele só intervém quando Justine, sentindo-se mais frágil, ao ponto de ser derrubada, sai-se com uma faca em punho para atacar sua inimiga. Ele a empurra e separa, enfim, as duas furiosas.

Sem respeito à presença de Marie-Lise, esses maus serviçais denegriam sua patroa; tratavam-na como e-

xibida, vagabunda, mal humorada. Nada os embaraçava em contar histórias sujas que, felizmente, a inocente Marie-Lise não compreende.

Mas quantas outras coisas ela ignora! Notadamente a identidade da sua verdadeira mãe. Joseph e Justine deviam sabê-la já há bastante tempo, desde que eles trabalhavam na casa. Marie-Lise os questiona. Eles, conquanto acostumados a tagarelar, permaneceram mudos assim como as pedras. Tais como a Superiora e o Capelão do convento fizeram uma vez, aqueles respeitavam a uma consignação de silêncio.

Joseph, aliás, admite sem embaraço:

— Senhorita, pense bem, nossa posição está em jogo!

E a posição que ocupavam não era tão má, a despeito de todo o mal que diziam de sua patroa. Eles não estavam seguros de encontrar outra patroa que lhes desse tão alto salário e onde pudessem roubar tanto impunemente.

Na ausência de sua verdadeira mãe, essa desconhecida, Marie-Lise adoraria ver a sua mãe adotiva. Ela exprime tal desejo à Madame de Chevigné.

— Minha pequena, esta lhe responde secamente, a Duquesa está doente. Creio não ser este, portanto, o melhor momento para...

— Ao contrário, protesta Marie-Lise, toda remoída por essa má notícia. Eu cuidarei dela, eu irei distraí-la.

A Condessa retruca:

— A Duquesa não é para você uma relação muito recomendável.

— Como assim? Ela se mostrou sempre muito boa para mim. Sem ela eu ignoraria ainda minha idade e o que é a ternura.

Madame Chevigné continua, inflexível:

— A Duquesa saiu do povo. Quando o seu marido era um simples sargento, ela o seguiu em campanha. Obteve daí certo linguajar e certos modos que contrastam com as boas maneiras.

Marie-Lise, indignada, tenta interromper a condessa, mas essa lhe impõe silêncio e continua:

— Sua vulgaridade choca a Corte nos salões. Ela atrai para si muitos desaforos merecidos.

Mas Marie-Lise consegue fazer com que sua protestaçoão seja ouvida:

— Senhora... Estás enganada! A Duquesa sabe se comportar perfeitamente na melhor sociedade. Ela é vítima de uma lenda estúpida. E mesmo admitindo-se nela algumas poucas quimeras, a bondade de seu coração as compra às centenas.

Todavia, a Condessa de Chevigné é obstinada em sua opinião acerca da Duquesa de Dantzig. Pela sua boca, a antiga aristocracia contava seus feitos à nobreza do império.

Marie-Lise insurge:

— Nada, você me ouviu senhora, nada me impedirá de cuidar daquela que me serviu como mãe! Eu irei acalentá-la e tratá-la contra tudo e contra todos!

Mas a Condessa declara com sua voz mais afiada:

— Senhorita, você não irá ver a Duquesa porque nem eu nem ninguém entre os meus te acompanhará até a casa dela.

— Irei, portanto, sozinha!

— Desde quando uma moça de nosso meio sai totalmente sozinha, sem acompanhante?

E adiciona irônica:

— São estes, sem dúvida, os princípios da educação que te foram inculcados pela... Duquesa de Dantzig.

A Condessa havia pronunciado com escárnio esse título que Lefebvre tinha corajosamente ganhado sobre um campo de batalha em meio a uma ação brilhante.

Ela continua:

— Para punir sua insubordinação, você vai voltar imediatamente para o seu quarto, com a impossibilidade absoluta de sair de lá por 48 horas!

Para isso, ela chama Joseph.

Ao mordomo hipócrita, a Condessa ordena:

— Conduza a senhorita ao seu quarto, onde você a trancará até nova ordem.

Uma vez decorrido o tempo de sua pena (haviam-na tratado à maneira de um oficial desobediente) Marie-Lise não sonha mais em desobedecer à Condessa. Sem família, sem proteções eficazes, sem dinheiro, ela se achava totalmente à mercê. Ela estava enredada, domesticada de modo definitivo.

Pouco tempo depois, Madame de Chevigné lhe diz:

— Sua educação tem sido singularmente negligenciada, minha pobre menina (era uma nova flecha disparada contra a Duquesa). Afora os trabalhos de costura e de tapeçaria nos quais você é excelente — eu reconheço — você sabe poucas coisas. Antes de tudo, eu gostaria de te colocar para brilhar no mundo. Tenho a intenção, portanto, de te dar lições com esse objetivo.

Marie-Lise aprende, com prazer, as últimas decisões da condessa. Sabendo aproveitar as lições, em perspectiva ela se tornaria uma jovem sucedida e isso a ajudaria a realizar o que sonham todas as moças de vinte anos: um belo casamento.

Os professores convocados se esforçam por preencher as numerosas lacunas de sua educação. O professor de francês e o mestre de dança obtiveram muitos bons resultados. O professor de piano e de solfejo, que acumulava as duas coisas, foi menos feliz. Ela tinha a voz fraca e não muito afinada, e os dedos não tinham agilidade.

Marie-Lise se revelara melhor dotada para os trabalhos de costura do que para as artes de aprovação; para a vida caseira do que para o estilo de vida mundano.

Quando a Condessa de Chavigné julga sua protegida devidamente instruída e disciplinada, ela a promove nos salões e no mundo. Marie-Lise ajudava a Condessa na recepção e a seguia nos jantares da cidade, assim como nos balés e espetáculos. Ela não era mais uma segunda criada.

Em pouco tempo, duas novas visitas estavam instaladas no lar da Condessa, duas novas visitas de importância. Uma não era ninguém menos do que a mãe da Condessa, e a outra, sua filha. Até aqui, Marie-Lise só as havia entrevisto. Com efeito, a Condessa, olhando-a sem dúvida como uma quimera negligenciável, tinha omitido de apresentá-la às duas. Além do mais, elas apareciam raramente. A mãe morava à parte; a filha, mais jovem que Marie-Lise alguns anos, estava no convento. Em função de intrigas, a Condessa e sua mãe tinham permanecido, por longo tempo, distanciadas uma da outra graças a questões de interesse hoje resolvidas.

Aquela para a qual Madame de Chevigné dedicara seu dia, não tinha uma gota de sangue azul nas veias. Cheia e corpulenta, ela se vestia com uma simplicidade estudada, e causava uma impressão familiar, mesmo um tanto grosseira. Altiava, ela, uma plebéia que casara a sua filha na aristocracia, orgulhava-se muito ainda de carregar o nome de uma marca de champagne famosa, porque ela não era outra que “a viúva Clicquot”.

Marie-Lise e a mocinha de Chevigné haviam se simpatizado rapidamente e não tardariam a se tornar amigas.

A vida se passa metade em Paris, metade em Boursault. Aqui e lá tinham lugar grandes recepções onde eram convidadas muitas celebridades da época. Um prestigioso desfile. Podia-se encontrar aí, notadamente, Joseph de Maistre e Louis de Bonald, colaboradores regulares da “Gazeta da França”, ardente defensores dos princípios monárquicos e católicos, guias espi-

rituais dos reacionários extremistas, muito bem vistos na corte de Charles X; Guizot, Villemain, Barante, Broglie, eminentes redatores do “Globo”, cujas ideias mais audaciosas inquietavam as tulherias; Talleyrand-Périgord.

Talleyrand, mal grado seu pé torto (de nascença), possuía grande atitude. Seu papel político e de diplomata não havia acabado, mas o Rei lhe tinha presentemente afastado dessas questões. Para o devoto Charles X e os que o rodeavam de perto, esse pagão sente as fagulhas do inferno. Desde que ele havia sido enxurrado pela Revolução estava comprometido com o Usurpador. Ele tinha — com a conivência de Bonaparte — tramado o 18 Brumário, retardando assim a restauração de três ilustres. Agora, depois dos relatos da polícia, o trapaceiro se enturma ao círculo do Duque D’Orléans e o bajula, esse filho do regicídio, esse primo suspeito. Para qual finalidade? Com quais objetivos?

Certa noite, em Boursault, o Príncipe, instalado numa vasta poltrona e bebendo a pequenos goles a xícara de chá que lhe vinha encher Marie-Lise, declara a propósito de sua desgraça:

— Contudo, não votei pela morte do Rei. Eu participei somente dos primórdios da Revolução, em sua fase necessária e generosa, mas me afastei dela tão logo começaram seus excessos. Eu expressamente condenei o terror.

Senhor Bonald lhe culpa:

— Você não impediu Bonaparte de arrebatrar e fuzilar o Duque de Enghien.

— Eu disse que era uma falta pior do que um crime!

— Bonaparte afirma deter um documento de tua lavra aprovando esse vil assassinato.

— Bonaparte mente, ou interpretara de modo equivocado a linguagem forçosamente matizada da diplomacia.

Ele esbraveja visivelmente embaraçado.

Marie-Lise acompanha com interesse essa controvérsia que a colocava a par das baixas disputas oficiais.

Barante intervém com intenções conciliadoras:

— O que quer que tenha ocorrido, Senhor Talleyrand estaria no direito de se orgulhar por sua ação no congresso de Viena. A França era tributária dos aliados, e estava sob sua dependência, poder-se-ia dizer que sob seus pés. Ele a ergueu; restituiu-lhe seu lugar no concerto das grandes nações.

Um murmúrio de aprovação percorre a assistência, e Bonald, ele mesmo, declara:

— Nesse ponto, devo baixar minhas armas contra o Senhor Talleyrand.

Tendo reconquistado toda sua segurança, Talleyrand prossegue:

— Você e seus amigos, Senhor Bonald, reprovam-me por Bonaparte. Mas lembrem-se do grau de degradação que a anarquia do Diretório havia trazido ao país. Era preciso, a todo custo, conjurar o colapso supremo. A monarquia não se achava pronta para tal obra de salvação. A França continuava a ser hostil com os Bourbons e não teria permitido uma retomada. Tivemos que restabelecer a ordem à sua revelia. Bonaparte se oferecia como salvador. Na falta de um melhor, o restante dos homens sábios na França se deixou dobrar por esse pequeno corso devorado pela ambição e pleno de engenhosidade. Sem ele, era irreparável o abismo sem fim. Ele nos salvou do abismo...

— Para mergulharmos nele logo em seguida, rebate Joseph de Maistre, que havia chegado há alguns instantes.

Noutra noite, Talleyrand relata em detalhes a preparação do “Brumário”. Bonaparte hesitava, bufando. O poder legislativo e o sistema parlamentar amedrontavam esse soldado. Tinha sido necessário incentivá-lo e incitá-lo.

— Eu estava, diz Talleyrand, entre aqueles que o estimulavam, com seu irmão Lucien, Sieyès, com Joséphine, sedenta por honras e lucros... Pensei sinceramente que Bonaparte seria um instrumento em nossas mãos, e que,

tendo a ordem sido restabelecida, ele desapareceria diante dos Bourbons; que o Consulado só seria um regime transitório, um interlúdio....

Embaraçado por seu pé torto, ele o havia disposto sobre um tamborete, o mais comodamente possível.

Ele prossegue:

— Mas o instrumento escapou do controle daqueles que o haviam forjado, e o jovem general, tímido e flexível, transformou-se em um déspota intratável... Ah! Se tivéssemos desconfiado! Em última instância, ele custará caro ao país.

— “Excelência”, diz respeitosamente, quase obsequiosamente, um rapaz pequenino, gordo e barrigudo, com a cabeça grande coberta por um cabelo desgrenhado e vestido de forma, ao mesmo tempo, desleixada e medida, “Napoleão é filho de 1793. Nascido com o sangue da Revolução francesa, como Pégaso do sangue da Górgona, ele acabou no sangue! Ele permanecerá fiel às suas trágicas origens”.

Todos os olhares se dirigiam a esse jovem cuja deferência era estudada e que se sentia, ademais, cheio de si.

Era um escritor com menos de trinta anos, completamente desconhecido. Ele já havia publicado muitos romances de aventuras, com o estilo fantasmagórico e lúgubre de Anne Radcliffe, mas seus raros leitores concordavam em julgá-lo destituído de todo talento e sem o menor futuro. Ele se chamava Honoré de Balzac.

De origem plebeia, ele atribuía a si, no entanto, o nome de uma família nobre. Sua admiração pela aristocracia foi uma das pequenezas desse futuro grande homem. Ao frequentar — sob o título que ele usurpava — os salões de madame Chevigné, ele se satisfazia. Intimidado, logo em suas primeiras visitas, ele rapidamente adquiriu confiança e importância. Todos adoraram sua conversa cheia de anedotas picantes e ideias originais. Marie-Lise, em particular, bebe de suas palavras.

Apesar de sua barriga precoce, seus braços muito curtos, os dentes enegrecidos pelo abuso de charuto, ele gostava de mulheres, embora não fosse exatamente um sedutor. Seus olhos, afundados entre suas bochechas, lançavam belos clarões negros. A testa, de mármore branco, era soberba sob a mata de cabeleira jamais corretamente aparada ou penteada. Suas unhas de cuidado duvidoso não impediam suas mãos de serem finas. Uma distinção nativa o defendia contra essa vulgaridade frequentemente inseparável do excesso de peso. Ele falava com uma eloquência ardente.

Talleyrand, conquanto lhe concedesse apenas uma simpatia condescendente que ele não levava muito a sério, em razão de sua pouca idade e sua obscuridade, dizia ao seu respeito:

— Ele me lembra Mirabeau. Um Mirabeau baixinho. Um Mirabeau reduzido.

Mas, pouco a pouco, o jovem romancista obscuro se torna o foco do salão político e literário da Condessa de Chevigné, seu pólo de atração.

Certa noite, Balzac confidencia à Madame Clicquot e à Marie-Lise:

— Eu gostaria de ter o cérebro livre para escrever, isto é, pautar a questão material longe da literária. Eu decidi, assim, comprar uma máquina de impressão que, entre parênteses, permitir-me-ia ser meu próprio editor. Mas o interesse inicial, o interesse essencial com essa máquina seria me fornecer dinheiro. Meus livros me dão glória. Eu viveria confortavelmente sem ser forçado a prostituir minha pluma.

Ele se anima e se exalta.

Madame Clicquot, uma mulher de negócios, aprovava esse jovem escritor, aparentemente dotado de um espírito prático. (Eis então! O futuro provaria que ele fora mais sábio ao manter-se na literatura).

Um pouco mais tarde, ele confessa de canto para Marie-Lise e um jovem poeta, um e outro dos empregados:



ANDRÉ DUPIL PÔE DENISE PARA  
ADORMECER. EM ALGUNS SEGUNDOS, A MÉDIUM  
REMONTA A CENTO E CINQUENTA ANOS NO  
CURSO DO TEMPO.

GHISLAINE, EM ESTADO DE PROFUNDO SONO HIPNÓTICO, RESPONDE DOCILMENTE ÀS QUESTÕES DE ANDRÉ DUPIL.





SURPRESAS E — POR QUE NÃO ADMITIR? — UM  
POUCO INQUIETAS, AS TESTEMUNHAS ASSISTEM AO  
INTERROGATÓRIO DA MÉDIUM. PARA ALÉM DO  
ESPAÇO E DO TEMPO HÁ TODO UM PERÍODO HISTÓRICO  
QUE A MÉDIUM TRAZ A LUME. (Vê-se, ao centro, a Sra.  
GERMAINE BEAUGITTE).

— O que eu publiquei até aqui não é famoso. É até mesmo detestável. Os críticos me disseram com razão. Mas não concordo com eles quando me recusam todo talento e me aconselham a renunciar, pois há talento em mim, e com a força da tenacidade e da perseverança, eu o obrigarei a se manifestar aos olhos dos mais cétricos!

Após uma pausa, ele prossegue:

— Meus romances passados, escritos em um gélido sótão, à luz de uma vela, são abortos bons o suficiente para serem jogados ao riacho como em um *Eurotas* espiritual. Mas os futuros, os próximos, serão criaturas sãs e fortes. Eu os sinto se agitando incessantemente na minha cabeça, batendo-se contra as paredes. Eles exigem sair para falar deles no mundo.

Ele havia colocado sua mão, um segundo, sobre a vasta fronte por trás da qual se esboçava a “Comédia Humana”.

Ele continua:

— Walter Scott pintou os modos da cavalaria e se dedicou a descrever paisagens. Eu seria o Walter Scott dos modos contemporâneos e descreveria, sobretudo, os caracteres na moldura íntima. É a humanidade de hoje que eu buscarei esclarecer até o fundo.

Ele suspira, por um instante, depois retoma:

— Eu porei em cena as principais paixões, tanto as boas quanto as más. Uma concepção exata do Universo é necessariamente pessimista. Eu assinalarei a avareza, a perfídia, a gulodice, a luxúria, o amor fraternal, a abnegação.

Ele anuncia, assim, sem os distinguir muito claramente nele mesmo — como vistos através de uma bruma espessa: Grandet, a prima Bette, o primo Pons, o Barão Hulot, o pai Goriot, o sublime carregador de água Bourgeat.

No seu entusiasmo, ele se levantará do lugar onde estava para tombar aí suspirando:

— Mas, para engendrar todos esses personagens, quanto tempo e esforços serão necessários! Eis porque eu tenho, cada vez mais, de me afastar de minhas preocupações pecuniárias.

Próximo do fim de seu discurso, pronunciado enfaticamente e com uma voz estrondosa (como de costume), outras pessoas haviam se aproximado. Entre elas, via-se o rico financista Laffitte, que ajudaria na derrubada de Charles X e no advento de Louis-Philippe, e Madame Clicquot. É para eles que Balzac havia, lançando a sorte, destinado sua última frase. Ele a havia jogado como a uma isca, na esperança de fígar um mecenas. Não foi por sua astúcia. Laffitte vira as costas, enquanto Madame Clicquot lhe pergunta sobre o que ele tem feito para adquirir sua máquina de impressão. Balzac pensou que a revolução tinha — como a tantas outras coisas — destruído o mecenato, e lamenta, mais uma vez, não ter vivido seja no século XVII, seja no século XVIII. Então, algum grande senhor lhe teria patrocinado e lhe sustentado financeiramente.

Marie-Lise havia adivinhado sua esperança e sua derrota, a bem dizer, um tanto rápida.

Ela lhe disse:

— Ah! É que eu não tenho dinheiro, senhor Balzac! Eu o colocaria na hora à sua disposição. Eu só pediria, em troca, que compusesse obras primas. Estou certa de que você escreverá, pois tenho plena fé em sua genialidade!

Seus olhos brilhavam de entusiasmo. Balzac, tocado, agradeceu-lhe.

Às noites de Boursault vinham alguns fiéis escudeiros. Eles eram apaixonados pelos quartéis da nobreza, e desconfiavam dos literatos e artistas. Estes últimos eram, para os antiquados escudeiros, como muitos boêmios de-

pravados, vagabundos. Todavia, o nome de família de Balzac, o qual eles ignoravam ser contrabandeado, bem como sua polidez requintada, haviam lhe conferido crédito entre eles. Muitas baronesas ou marquesas lhe lançavam doces olhares. Mas elas tinham passado da idade de amar. Os gracejos não tinham mais lugar, sobretudo, com um parceiro da qualidade de Balzac.

— Você que medita nos romances do amor, você que promete escrevê-los sobre o coração das mulheres”, diziam-lhe uma e outra, “o que pensa do caso seguinte?

E elas lhe expõem um problema sentimental que ele resolve, invariavelmente, com pertinência e brio. Aliás, os casos variavam muito pouco. Dois se repetiam sem cessar. Em primeiro lugar, tratava-se de uma mulher romântica com aspirações elevadas, uma sensitiva, uma idealista, unida a um homem sumário, a um companheiro bruto. O segundo caso era a apreensão da velhice, a busca por um meio de torná-la menos penosa, e retardá-la...

— “Senhoritas”, declara certa noite Balzac a um grupo de coquetes no início da velhice, onde se introduzira furtivamente Marie-Lise jamais satisfeita de seus propósitos, “Pascal e Vauvenargues disseram quase ao mesmo tempo e quase nos mesmos termos: a velhice é o inferno das mulheres. Eu me inscrevo contra essa máxima”.

As cabeças brancas ou grisalhas se ajeitam todas de uma só vez. A surpresa e a esperança.

Balzac replica:

— A velhice traz a calma e a paz depois das tempestades da juventude. O inferno das mulheres, que absurdo! Um refúgio de paz. Findos o orgulho e suas angústias mortais!

Uma das coquetes à beira da velhice o interrompe:

— Mas as rugas! Sr. Balzac, as rugas!

— Madame, ele responde, um rosto aplacado pela velhice pode sem prejuízo suportar as rugas. Ao

contrário, um jovem e frágil rosto crispado pelas cóleras do coração oferece um feio espetáculo. E depois, senhoritas, juventude não é necessariamente sinônimo de beleza e de sedução. Certas mulheres jovens são insípidas. Por outro lado, quantas mulheres maduras permanecem desejadas! Quantos rostos adoráveis sob os cabelos de neve! Quanto a nós os homens, nós preferimos geralmente as belezas radiantes do outono às floretes sem graça da primavera. O que está perto de desaparecer é particularmente precioso. Lembrem-se vocês do verso d'Agrippa d'Aubigné:

— Uma rosa de outono é mais do que outra delícia.

Essas banalidades e sofismas tinham conquistado as velhas coquetes prontas a se iludir a respeito de seus charmes.

O grupo faz de Balzac um sucesso.

Como ele se afastava do assunto, a fim de não correr o risco de amortecer o efeito produzido, Marie-Lise lhe pede à parte:

— “Senhor Balzac, você teria a gentileza de repetir esse belo verso que tem citado a toda hora? Eu gostaria de escrevê-lo no meu álbum”.

Ela tinha um álbum com folhas de pergaminho e capa de pelúcia, que comportava duas partes: uma onde registrava o que mais a havia impressionado do que ela lera ou ouvira; outra onde ela recolhia as assinaturas de homens célebres. Naturalmente, todos aqueles dos quais ela se aproximava na casa da Condessa de Cheigné tinham assinado o álbum: os mais amáveis haviam adicionado às assinaturas um pensamento.

— Se você fosse gentil, diz ela ao romancista quando ele lhe repetira o verso de d'Agrippa d'Aubigné, você escreveria isso de seu próprio punho no meu álbum, onde você não figura ainda.

— Mas, lamenta ele, se eu não figuro no seu

álbum é porque, senhorita, eu não me considero digno. Leve em consideração que eu só realizei ainda obras ruins, pois “Os Dois Hector”, “O Herdeiro de Birague”, “O Corruptor”, para ficar apenas com essas três, não valem grande coisa, não valem nada.

Ela protesta:

— Sim, mas apesar de obscuro hoje, serás ilustre amanhã! Não é isto que afirma você mesmo?

Ela vai buscar o álbum e o constrange a escrever o verso que havia feito as mulheres afligidas pela velhice respirarem um reconfortante perfume. Ele até adiciona aí uma máxima de sua criação. Enquanto sua assinatura seca, ele olha, acima, aquelas assinaturas mais antigas de Talleyrand e de Guizot, regozijando-se por tal vizinhança.

Balzac sente em Marie-Lise uma afeição a toda prova. Desse modo, ele lhe confidencia, numa noite em que ela o achara preocupado:

— Você me julga um romancista capaz de produzir obras primas, e eu aceito seu bom presságio. Mas para a indústria, como se sabe, eu sou deplorável, e Madame Clicquot estava totalmente equivocada, naquela noite, ao me empurrar para o caminho dos negócios.

— Por que me diz isso, senhor Balzac?

Ele foi mais explícito:

— Você se lembra do meu projeto de comprar uma máquina de impressão que me assegurasse independência financeira?

— Certamente.

— Pois bem! Esse projeto eu já realizei: eu possuo uma impressora, mas os primeiros resultados de minha exploração se revelam desastrosos. Eu temo que essa fonte esperada de riqueza não se transforme na causa de minha ruína. O que, no princípio, devia me proporcionar a tranquilidade do espírito, dá-me, ao menos por agora, tormentos adicionais, sobre os quais você repousou a sombra de sua solicitude para comigo.

E, após um silêncio:

— Seria esta a antinomia entre o escritor, o verdadeiro escritor e o homem de negócios?

O futuro próximo traria a essa questão uma resposta afirmativa. A máquina de impressão, como se sabe, endividá-lo-ia até o fim de seus dias, e faria dele um condenado da literatura. Mas não estava longe o dia em que, tendo renunciado a ser um empresário para ser unicamente um escritor, ele declararia: “a impressora me tirou tanto dinheiro que é preciso que ela me devolva!” Então, trancafiado em sua casa, em um amplo e ondulado robe branco, um barrete preto sobre a cabeça, parecido com um dominicano, ele escreveria dezoito horas por dia, acumulando volume após volume, procriando uma imensa família, uma multidão de heróis formados de papel e tinta, mas tão duráveis quanto criaturas de carne e sangue

Neste momento, ele ainda não havia publicado, de sua própria lavra, nada de valioso, e devia enfrentar as dificuldades financeiras que havia loucamente buscado.

Uma noite, a Condessa de Chevigné dava uma grande recepção na Rua de La Chaise. Joseph, trajado de besouro, meias brancas e sapatos afivelados, anuncia os convidados. A mestra de cerimônias e Madame Clicquot os acolhe na entrada, uma em pé, a outra em uma poltrona. Marie-Lise se achava bem perto delas. A filha da Condessa, sua amiga, ia e vinha de sala em sala, ocupando-se dos convidados que haviam chegado.

De repente chama Joseph:

— O General Horacie Sébastiani!

Em traje civil, bem escolhido para o seu tamanho médio, moreno, com madeixas prateadas que valorizavam, assim, sua cor bronzeada; os traços regulares, o o-

lhar dominador, mas doce; a postura plena de imponência. O novo recém chegado que tinha cinquenta anos, mas aparentava ter dez a menos, tinha sido um mulherengo, e permanecia sendo na maturidade. Com uma graça altiva, ele beija a mão da Condessa e de sua mãe, inclina-se ligeiramente diante de Marie-Lise e passa.

Mas, desde o início, Sébastiani havia produzido sobre a jovem Marie-Lise uma forte impressão, e para ele, ela havia provado que, na falta de uma expressão menos antiga, menos romântica, resolver-se-á apelar para um golpe da paixão.

**COMENTÁRIO**  
**SOBRE A SEGUNDA SESSÃO**

*Todas as datas apresentadas por Marie-Lise se sobrepõem perfeitamente, desde o início do seu relato.*

*Ela tem 16 anos de idade quando seu pai, o Marechal Lefebvre, morre em 1820. Ela tem 22 anos quando chega à casa da Condessa de Chevigné e é exatamente em 1826 que ela situa esse evento.*

*Mas então, repentinamente, Marie-Lise se perde nas datas e mistura estranhamente as épocas.*

*Por exemplo, André Dupil lhe pergunta:*

*— Onde está você?*

*— Eu tenho 22 anos, eu estou na casa da Condessa de Chevigné... Está aí o Conde de Saulses...*

*— Queira precisar.*

*— O Conde Freycinet de Saulses...*

*Ora, o Conde Freycinet de Saulses nasceu em 1828!*

*Um pouco mais tarde, Marie-Lise descreve uma noite na casa da Duquesa d'Uzés:*

*— Quem é você?*

*— Eu sou Marie-Lise... Eu tenho 22 anos... Nós estamos... Sábado. A duquesa recebe hoje à noite o mundo, os convidados vão chegar, nós estamos no salão... Eles vêm para jantar... Eu fico às vezes em outra sala... Uma*

*criada anuncia... Eu estou aí com a Duquesa na entrada... Eis o Conde Sébastiani, ele veio só, ele tem uns quarenta anos... Ele parece ter quarenta anos... É bonito...*

*O Conde Horace Sébastiani nasceu em 1772. Ele tem, portanto, na verdade, 54 anos, mas pode ser que ele fosse muito mais jovem que sua idade.*

*— ...Depois Honoré de Balzac, ele veio apresentar sua peça “Eugénie Grandet”...*

*A todas as nossas questões ao livro de Balzac que porta o título de “Eugénie Grandet”, Marie-Lise nos responde falando de uma peça. Ora, jamais Balzac teve a intenção de escrever uma peça sobre o assunto. Aliás, Balzac publicou “Eugénie Grandet” em dezembro de 1833, e é bem improvável que a obra tivesse sido escrita desde 1826.*

*Marie-Lise prossegue na descrição daquela noite:*

*— Eis Caillot (?) o ministro das finanças... As pessoas são amáveis e me fazem reverências, a música que toca é uma pequenina valsa... docemente... Depois vejo ainda uma dama, Rosa Bonheur...*

*Ora, Rosa Bonheur nasceu em 1822, ele teria, portanto, 4 anos!*

*Essa mistura de datas e de épocas é um mistério dessas sessões de hipnose que não nos foi possível elucidar.*

*O Coronel de Rochas havia registrado o mesmo fenômeno ao curso de numerosas experiências, e a investigação conduzida acerca das revelações de Bridey Murphy permitiu constatar que ela tinha igualmente descrito eventos e fatos que não pertenciam ao período que ela dizia ter vivido.*

*Mais uma vez, a noção de tempo e de espaço tal como nós a concebemos parece completamente estranha às entidades que interrogamos no além. É preciso que estabeleçamos um objetivo e não atribuamos às datas uma importância muito grande nesse gênero de pesquisas.*

*Ao longo dessa mesma sessão, forjamos uma armadilha para pegar Marie-Lise (a menos que não seja Denise nossa sonâmbula!). Incidentemente, André Dupil expôs a questão:*

*— Quando você estava na casa da condessa, para quem ela telefonava?*

*Nem Marie-Lise, nem Denise em seu sono parecem constrangidas.*

*— A condessa não telefonava... Ela mandava um empregado entregar as cartas a um homem que as levava a cavalo...*

*Quando nós lhe perguntamos o que ela gosta de ler aos 28 anos, Marie-Lise responde que ela prefere as histórias de Julio Verne. Ora, nessa época o escritor tinha seis anos!*

*Ao menos essa sessão nos ensinou um fato importante: que a maior parte da existência de Marie-Lise se desenrola no castelo de Boursault, no Marne. Este castelo ainda existe e esperamos encontrar aí elementos interessantes para a verificação dos fatos relatados por nossa sonâmbula.*

*Registra-se também certa confusão no espírito de Marie-Lise entre a condessa de Cheigné, que a recebeu, e sua pequena filha, Clémentine de Rochechouart, bem mais jovem que Marie-Lise, mas que, tempos depois, tornar-se-ia a duquesa de Uzés.*

*Essa confusão explica os erros concernentes a algumas datas e eventos que Marie-Lise acredita ter vivido em companhia da condessa quando, de fato, foram com a duquesa de Uzés.*

*É preciso notar, aliás, que nós mesmos mantemos essa confusão falando constantemente, no nosso questionário, da duquesa de Uzés, em cuja casa Marie-Lise dizia ter sido recebida com 22 anos, quando se tratava da condessa de Cheigné, o que nós descobrimos muito tarde, tarde demais para reverter as contradições registradas.*

*É diretamente para o castelo de Boursault — o velho castelo — que Marie-Lise é conduzida aos 22 anos, ao deixar o convento.*

*— Onde está você agora?*

*— Eu tenho 22 anos, eu estou no convento, vieram me buscar, nós estamos em... 1826... É um homem, ele me diz para seguirmos... A irmã me acompanhou até o carro...*

*— O nome do convento?... Da cidade?*

*— ...Eu só vejo uma cruz... Eu subo no carro, eu estou sentada, eu vejo a paisagem, ninguém fala... Atravessamos por Paris, passamos Paris, eu vou para um castelo... Ele não é bonito, não há ninguém lá... Ele está em... Aisne (na verdade, Boursault está no Marne). Eu aguardo, um homem entra, ele me diz que estou aqui como em minha casa, eu estou surpresa, eu digo que estou feliz e contente de estar enfim no castelo. Esse senhor é um barão de Uzés (?).*

*É só mais tarde que Marie-Lise pronuncia o nome de Boursault. Nesta época, a condessa de Chevigné está morta e sua filha Clémentine — que Marie-Lise chama de titia Clémentine — tornou-se duquesa de Uzés.*

*Ao longo da mesma sessão, Marie-Lise fornece com surpreendente exatidão as origens do novo castelo.*

*— Você fala de Boursault. Como é o castelo? Em qual ano nós estamos?*

*— Ele fica ao lado de uma igreja... Ele pertenceu a um barão... A um barão... É em Boursault, é um velho castelo... Ele pertence à família da duquesa Anne... Eu vi construir outro castelo no parque, era em 18... 1843... Era uma mulher... Uma mulher que era sozinha que o mandou construir... Eu a vejo às vezes... Ela vinha de Epernay... Eu morara nesse belo castelo em 48... Sim, mas me puseram nesse castelo porque eu não podia mais permanecer em Paris.*

- *Por quê?*
- *Eu não sei... Eu não devia mais ficar...*
- *Fale-nos da mulher que vinha te ver.*
- *Ela se chamava Clicquot... Sim, trancafiaram-me nesse castelo. É o guarda de caça que vem me levar para comer... Eu não vejo ninguém...*
- A sonâmbula soluça e é preciso acordá-la.*
- Um pouco mais tarde, questionada sobre o mesmo assunto, ela esclarece:*
- *Eu estava infeliz porque eu sabia que tinha pais, eu sabia que mamãe existia, eu gostaria de vê-la, mas eu não podia...*
- *Quando você soube, não pensou em lhe escrever?*
- *Ah! Eu não devia (ela parece perturbada). Ah! Eu não devia escrever... Eu tinha medo da duquesa (trata-se certamente da condessa), ela me disse que se eu escrevesse... Ah! Não... Que ela me sequestraria... Ela não queria... Ela me ameaçava... Ah! Sim... Ah! Sim... Ela me amava, sobretudo, por interesse porque minha mãe era boa... Ela já lhe tinha dado, mas quando minha mãe morreu, a duquesa teve esse grande hotel que era para mim... É por isso que ela me aprisionava... Eu tinha ouvido dizer isso... o duque e a duquesa conversavam em um salão e eu os ouvi... Um dia em que a duquesa me recusou dinheiro, eu lhe disse que ela podia me dar e então ela me disse que não me devia nada... Eu lhe disse que ela ficara com o hotel de minha mamãe, ela não ficou contente... Ela me disse que eu era uma mentirosa... que isso não existia, mas eu tinha ouvido...*
- *Por que você lhe pedia dinheiro?*
- *Porque eu tinha a ideia de me salvar, para viver uma vida melhor.*
- *Você era tão infeliz?*
- *Sim, eu não podia sair, eu não podia fazer o que queria.*

*Não nos foi possível verificar toda essa parte das confidências de Marie-Lise, inexplicáveis no tempo, sendo que a jovem Clémentine só se torna duquesa em 1867, isto é, dois anos após a morte de Marie-Lise. Mas é um fato que o hotel Borghése, situado nos números 5 e 7 da Rua de La Chaise, foi por muito tempo propriedade dos Uzés antes de ser vendido aos dominicanos e depois transformado em clínica.*

*Há aí um pequeno mistério que só um exame aprofundado dos arquivos da família de Uzés permitiria esclarecer. A “comunicação” de Marie-Lise não é por isso menos extraordinária.*

### TERCEIRA SESSÃO

*ELA também tem como cenário o castelo de Saulsoye.*

*Além de nossa médium Denise, de André Dupil e dos autores, podem atestar a autenticidade das gravações: o sr. e a sra. Roux, o príncipe Nias do Afeganistão, o marquês e a marquesa Campbell-Johnson, a duquesa e o duque de Segóvia.*

*Esta sessão é certamente uma das mais importantes na medida em que reconta um importante episódio da existência de Marie-Lise, aquele que trata de seu amor com o conde Horace Sébastiani.*

*Parece que Sébastiani, que era muito mais velho do que Marie-Lise, rendeu-se à paixão que inspirava na jovem, porque havia descoberto o segredo a respeito de seu nascimento.*

*Parece também que essa paixão levou Marie-Lise a ser duplamente vigiada, uma vez que não interessava à sua comitiva — por razões que podem ter uma forte relação com a questão da herança discutida na sessão anterior — que suas origens fossem descobertas.*

*No entanto, também neste caso é preciso abrir um parêntese para refrescar a memória histórica do leitor e apresentar-lhe ao conde Sébastiani, que ocupará uma posição tão importante na vida de nossa heroína.*

## O CUPIDO DO IMPÉRIO

*“O nome do Marechal Sébastiani — que era tanto diplomata, como orador e estadista — é um nome europeu. Depois de Napoleão, não há, na história da França, um nome corso ligado a mais coisas, mais acontecimentos, e mais memórias.” Assim começa “A vida do marechal Sébastiani”, por Louis Campi.*

*Sébastieni nasceu em La Porta d’Ampugnano, perto de Bastia. Ele havia considerado conveniente tornar-se nobre, unindo ao seu sobrenome o nome de sua cidade natal, por meio da partícula nobiliárquica. O que denota vaidade e arrogância — arrogância essa que afetará Marie-Lise.*

*Horace Sébastiani era bonito. Ele tinha, segundo outro de seus biógrafos, “uma daquelas fisionomias, uma daquelas posturas que causam agitação nos salões e nas pequenas salas íntimas”. Isso justifica o amor à primeira vista de Marie-Lise ao momento de sua entrada nos salões da condessa de Chevigné.*

*A vida do marechal compreende dois períodos. O primeiro é o período militar. Façanhas brilhantes no exército e aventuras amorosas muito bem conduzidas compõem a trama. O abade de Pradt, que gostava de imaginar apelidos mitológicos, chamava-o de “o Cupido do Império”. O segundo período é o período da diplomacia e da política.*

*Inicialmente destinado à carreira eclesiástica, Horace Sébastiani havia, em 1789, abandonado o seminário para juntar-se ao exército, e ingressara, com o posto de segundo tenente, em um regimento de infantaria. De volta à Córsega, sua terra natal, em 1793, atuou como agente militar dos representantes em missão. Além disso, servia como capitão dos Dragões no exército dos Alpes, passando, posteriormente, ao exército da Itália. Sua conduta brilhante na Pont d'Arcole lhe valeu uma promoção à posição de chefe do batalhão. Em 1799, participou, como chefe de brigada, do Golpe do 18 Brumário. Após ter ocupado, com os seus dragões, o Palácio do Diretório, Sébastiani correu para Saint Cloud, e empregou seus homens para apressar o Conselho dos Quinhentos. E, garantido o sucesso de Bonaparte, endereçou aos cônsules um discurso de felicitações assinado pelo seu regimento.*

*Tendo caído nas graças de Bonaparte, ele o seguiu na Itália, participando da batalha de Marengo.*

*Foi nesse momento que o militar tornou-se diplomata. As relações da França com a Sublime Porta não eram excelentes: ele foi enviado à Constantinopla para melhorá-las. Ele foi muito bem sucedido, de modo que lhe foi confiada uma missão semelhante para a Síria.*

*Como recompensa, foi promovido ao posto de brigadeiro-general em seu regresso à França. E parte novamente para a guerra. Entra, primeiramente, em Viena, é ferido em Austerlitz, o que fez com que fosse elevado ao posto de comissário.*

*Em 1806, o Imperador confiou-lhe a embaixada de Constantinopla, onde ele mostrou uma habilidade comprovada ao dissuadir o sultão Selim III da aliança com a Coalizão, para conciliá-lo com a França. Mas a Inglaterra reagiu: ela enviou à Constantinopla uma frota pronta para bombardear a cidade. Assumindo a defesa, Sébastiani forçou o Almirante Dukworth, responsável pelo ataque, a debandar sob o fogo das baterias improvisadas junto à costa.*

*Com o fim de sua embaixada, ele volta para a França e par-*

*tipica da Guerra da Independência Espanhola. Ele recebe, então, das mãos do Imperador, o título de conde, tornando-se verdadeiramente nobre. “Tra los montès”, ele acumula vitórias: a Cidade Real, Almonacid, Rio d’Amanyos. Infelizmente, elas são seguidas por fracassos, que diminuem seu valor moral e motivam seu retorno.*

*Depois da Espanha, a Rússia. Ele se destaca em Smolensk, Borodino. Durante a terrível retirada, enquanto Lefebvre comandava a retaguarda, ele comandava a vanguarda.*

*Ele foi ferido em Leipzig, ao atacar o inimigo. Durante a campanha na França, comandou toda a cavalaria da Guarda. No entanto, após a abdicação de Napoleão, ele apoiou o novo governo, que lhe deu a Cruz de St. Louis.*

*Ao voltar-se para a política, foi eleito por sua amada Córsega à Câmara dos Deputados. Ele se coloca como opositor de Charles X e adere, sem reservas, à Monarquia de Julho. Favorito de Luís Filipe I, foi sucessivamente ministro da Marinha e das Relações Exteriores e, como tal, pronuncia na tribuna, a fim de justificar a conduta dos russos no desbaratamento de uma insurgência legítima da Polônia, esta frase infeliz: “A ordem reina em Varsóvia!”.*

*Ao abandonar definitivamente a política pela diplomacia, em 1832, torna-se embaixador em Nápoles e, posteriormente, em Londres, e recebe o bastão de Marechal das mãos de Luís Filipe I, em 21 de outubro de 1840...*

*Uma série de congestões cerebrais leves tinha, pouco a pouco, arruinado sua saúde. Uma tragédia familiar encurtou seus dias. Um ataque de apoplexia incessante pôs fim à sua vida em 4 de setembro de 1851.*

\*  
\*      \*

Marie-Lise havia visto Horace Sébastiani apenas uma vez, um meteoro atravessando os salões de sua protetora. Ela lhe concedera uma valsa. Ele a conduzira ao bufê. Trocaram algumas palavras triviais. E o soberbo cavaleiro do Império a deixou, partindo para outros bailes, outros festivais, onde este valente era ansiosamente aguardado por inúmeras belas jovens. Desde então, ela só pensava nele e ficava atenta a cada oportunidade de vê-lo novamente. A srta. de Chevigné, decididamente sua amiga, preocupava-se com sua melancolia, mas não ousou indagar-lhe a respeito. (Sobre o amor de Marie-Lise por um homem que era muito mais velho do que ela, lembremo-nos que Pauline Borghèse se apaixonou, quando tinha apenas 16 anos, por Feron, que tinha 40. Hereditariedade.)

Docilmente, passivamente, Marie-Lise seguia a família que a havia acolhido, da capital à Boursault, e “vice-versa”, pois a condessa de Chevigné e sua família deslocavam-se entre seu lar parisiense e seu castelo em Champagne.

Agora, era assíduo na casa dos Chevigné um jovem oficial detentor de um grande nome: o conde de Mortemart. Ele era alto e atraente, e demonstrou interesse pela amiga de Marie-Lise, que não pareceu indiferente à corte respeitosa que ele lhe fazia. Um dia, ela anunciou a Marie-Lise:

— Minha querida, o conde acaba de pedir a minha mão à mamãe.

Feliz por sua amiga, Marie-Lise não pôde defender-se contra um momento fugaz de ciúme. Por que não era dela a mão que se pedia? A imagem de Sébastiani apareceu-lhe novamente.

O noivo era um daqueles aristocratas de linhagem antiga que, desde a Revolução, empenhava-se em não permanecer presa ao passado, e buscava evoluir com o tempo, para aderir, em certa medida, às novas idei-

as. Foi assim que Mortemart juntou-se ao Império, caindo nas boas graças de Napoleão. Após Waterloo, ele estava de volta à monarquia, não por covardia, traição ou simples oportunismo, mas pela razão, pelo realismo sensato, como o marechal Lefebvre. Adaptar-se às circunstâncias, isso não é necessariamente uma traição.

A condessa de Chevigné e sua mãe ficaram satisfeitas com este casamento que prolongava e consolidava a fusão de sua dupla nobreza: a do sangue e a do dinheiro. A sra. Clicquot tinha, a esse respeito, encontrado uma expressão que usava com satisfação: “Eu derramei sangue azul em meu champanhe.”

Marie-Lise ajudava com os preparativos para o casamento. A srta. de Chevigné a consulta a respeito da composição de seu enxoval. As duas jovens, tendo como acompanhantes, ora a condessa, ora a sra. Clicquot, corriam pelas lojas de lingerie e frivolidades. Um carro as transportava Na volta, a viatura estava cheia de grandes caixas amarradas em fitas azuis, rosas e roxas. A noiva hesitava diante das camisas, saias, lenços. Antes de decidir-se, ela se dirigia à sua mãe, à sua avó, ao lustro batalhão de vendedores... e à pobre Marie-Lise. Ela, que não tinha noivo e que lamentava não comprar nenhuma dessas bugigangas caras, sofria, sem demonstrar, por essa crueldade, sem dúvida, inconsciente.

Todas as noites, Mortemart vinha fazer sua corte. Ele sempre trazia consigo um buquê ou uma caixa de doces. Em seguida, ele entretinha sua noiva, afastadamente, em um sofá. Mas durante todo o tempo em que ele estava lá, a condessa de Chevigné permanecia no lugar e arranjava-se de modo a não perder o casal de vista nem por um momento. O decoro o exigia. Para Marie-Lise, que fazia tapeçaria junto a ela, essas conversas afetuosas e frementes correspondiam a um suplício.

De volta ao seu quarto, ela observava-se atenta-

mente no espelho, examinava-se sem qualquer complacência e concluía: “Eu também sou bonita, e, no entanto...!” No entanto, ela não era amada, os homens desprezavam os seus encantos, ela temia um celibato eterno.

O dia do casamento se aproximava. Ela seria, logicamente, a dama de honra. A sra. de Chevigné havia-lhe oferecido, para a ocasião, um belo vestido no qual haviam trabalhado os primeiros fornecedores da época. O vestido era de tule rosa claro, o chapéu de palha de arroz, com um buquê do mesmo tom que o vestido.

Mas, antes de se vestir, ela tinha que cuidar da noiva. A costureira e sua equipe, com o apoio de Justine e das outras criadas, giravam em torno dela. Uma amarrava o véu após a coroa de flores de laranjeira, a outra estendia a cauda de cetim branco, esta dava um ponto, aquela retirava agilmente um alfinete esquecido. Um alfinete foi a causa de um incidente desagradável. Marie-Lise, ao arrancá-lo, furou o dedo, que sangrou e manchou ligeiramente o belo vestido de noiva.

A noiva não pôde se conter:

— Sua desajeitada! — exclamou.

As outras mulheres encaravam Marie-Lise com um ar de desaprovação.

Enquanto toda a equipe trabalhava para corrigir este problema, a condessa entrou.

— Como, ainda não estão prontas? — ela diz para sua filha e sua protegida. — Rápido, vamos lá! Nós vamos nos atrasar. Marie-Lise, você não tem mais do que alguns minutos.

Marie-Lise correu rapidamente para o seu quarto, em uma velocidade espantosa. Ela chegou a tempo no grande e pomposo salão, onde o cortejo se organizava.

Marie-Lise, disse-lhe a sra. de Chevigné, apresento-lhe o padrinho do noivo, o visconde...

Ele era um jovem desajeitado, alto e míope, um proprietário de terras de pequena nobreza

que tinha suas terras no leste, perto de Epernay. A insignificância de suas observações correspondia à falta de vivacidade de seu físico. Devido ao contraste, ela lembrou, mais uma vez, de Horace Sébastiani e lamentou seu desaparecimento.

Foi um casamento pomposo. A igreja estava repleta de flores brancas: camélias, lírios, rosas pálidas. Do lado das mulheres, não havia uma que não estivesse magnífica; entre os homens, as condecorações denunciavam um grande número de generais e embaixadores. Quando, no momento da arrecadação, tendo sua mão esquerda retida pelo padrinho, Marie-Lise estendeu sua bolsa para este assistente de elite, e ficou satisfeita ao ver caírem luízes e notas de banco. E mais de um olhar claramente dizia que a responsável pela arrecadação era encantadora.

Um bispo oficializou a cerimônia. Ele proferiu o discurso usual. Os dois grandes nomes e as duas fortunas consideráveis uniam os recém-casados, impunham-lhes deveres excepcionais. Os privilegiados deste mundo têm a obrigação de dar o exemplo de todas as virtudes.

De joelhos, em suas orações a Deus, o conde e a condessa de Mortemart ouviam com atenção reverente e devota.

Mas a missa terminou, e os recém-casados, seguidos por seu cortejo, ganharam a sacristia. Os convidados passavam, no entanto, Marie-Lise, ladeada de seu insípido padrinho, pensava, nostálgica, ao observar a noiva: “Ah! se eu estivesse em seu lugar, com Horace Sébastiani à minha direita!”

Os órgãos rugiram furiosamente, os suíços bateram em cadência no solo de suas alabardas, e chegando ao pátio banhado pelo sol, uma multidão de curiosos e admiradores se aglomera, descendo lentamente os degraus entre duas fileiras humanas, subindo nos *landaus*, tomando o cuidado para não amassar muito os trajes de gala, e, por fim, adentrando a rua da Cátedra, onde o almoço está à espera.

Sempre escoltada pelo padrinho, o visconde,

Marie-Lise aproximou-se do bufê. Joseph enchia as taças de champanhe, que ele, então, entregava aos convidados. O visconde furtava, alternadamente, sanduíches e bolos de frutas das fruteiras. Ele preparou um prato cheio para sua acompanhante, sem, no entanto, conseguir agradá-la com tal gentileza. Desde o início da cerimônia, ela assim o queria. Por quê? Ele não podia adivinhar que ela se ressentia da felicidade da outra e que não era o homem que ela amava.

No entanto, a música de uma pequena orquestra convocava os convidados para dançar. O visconde abraçou Marie-Lise.

De repente, ela mudou: passou a ser tão gentil quanto havia sido desagradável. O que havia acontecido no coração da jovem? — perguntava-se o visconde encantado, mas, ao mesmo tempo, intrigado. Simplesmente isso: para poder suportar o fim de um dia, sob muitos aspectos, insuportável, Marie-Lise havia imaginado que este insípido padrinho era Sébastiani. Mas quando a aurora apagou as luzes do baile e que ela foi deitar-se, Marie-Lise, sóbria, por muito tempo soluçou em seu travesseiro encharcado de lágrimas, antes de conseguir dormir.

Os recém-casados se retiraram na ponta dos pés, entre o almoço e o baile. Partiram para a Itália, obedecendo a uma tradição matrimonial bem estabelecida nas ricas famílias burguesas e aristocráticas.

A noiva escrevia muitas vezes a Marie-Lise. Tudo era lindo em seus escritos: paisagens, museus, pessoas... A Itália é uma das partes mais amáveis do universo, mas a lua de mel ilumina, suavemente, as mais ingratas. Cada carta feria a destinatária. Era um insulto ao seu isolamento.

Os Mortemart retornaram de sua lua de mel. Eles foram morar com a sra. Clicquot e com a condessa de

Chevigné, portanto, também com Marie-Lise, assim ela teria constantemente a felicidade deles diante de seus olhos.

Mortemart começou por não lhe dar atenção alguma. Interessava-se apenas por sua esposa, e, sem dúvida, tomava-a por uma subalterna, uma intrusa. Por muito tempo, ele persistiu nessa indiferença desdenhosa, e, em seguida, sua atitude mudou. Ele olhava para Marie-Lise com complacência, falava-lhe gentilmente. Ela não estava acostumada com as cortesias dos homens, especialmente porque, aficionada por Sébastiani, não se importava, de forma alguma, em agradá-los. Este galanteio inesperado a agradou. Ela respondeu-lhe com coqueteria. Talvez ela não fosse infeliz, pensando que nada de mal haveria em se vingar de uma amiga muito mimada pela sorte... Não havia nisso, de sua parte, nenhuma traição, mas uma espécie de provocação.

Um acontecimento crucial para Marie-Lise veio suspender o curso desta trama: o retorno de Sébastiani.

Uma noite, a condessa de Chevigné havia levado sua mãe à ópera, e os Mortemart jantavam na cidade. Marie-Lise cuidava da casa, fazendo a tapeçaria na sala.

Joseph entrou, abatido:

— Senhorita, há um cavalheiro, um embaixador que gostaria de prestar seus cumprimentos à senhora condessa. Ele vem de longe, é isso que ele diz.

Um embaixador que vinha de longe? ... Marie-Lise sabia vagamente que Sébastiani ocupava um alto cargo no exterior. Poderia ser ele. Ela quase desmaiou.

— Faça-o entrar — ela ordenou ao mordomo, com uma voz inocente.

Sébastieni apareceu. Sua agitação aumentou. E o “Cupido do Império” havia perdido a segurança da primeira noite. Joseph, que julgava que este *tête-à-tête* era contrário ao decoro, podendo até provocar um escândalo de grandes consequências, não se resignava em deixar o local. Retirava-se o mais lentamente possível.

Quando ele se foi, Marie-Lise pediu que Sébastiani se sentasse ao seu lado, no mesmo sofá onde tinham se isolado Mortemart e sua amiga durante o noivado. Novamente uma vingança!

Sébastieni, antes de ser um diplomata, tinha sido um soldado, portanto, inimigo das precauções e dos preâmbulos, justamente o que sua segunda carreira exigia.

Nas circunstâncias, foi o soldado que falou:

— Sabe, senhorita, que tenho pensado muito em você, às margens do Bósforo?

E recitou um verso sobre as belezas da Turquia.

Sébastieni não estava dizendo a verdade. Ele havia, de fato, sido embaixador em Constantinopla, mas durante o Império! Ele havia sido ministro das Relações Exteriores durante a Monarquia de Julho, antes de representá-la em Nápoles e, depois, em Londres; mas Marie-Lise — nova Santa Inês — não sabia nada sobre política, e ele abusava dessa ignorância e inocência. Se ele a fez acreditar em uma embaixada na Turquia, era para, aproveitando-se de um equívoco, colocar entre eles um espaço vasto e encantá-la com a magia do Oriente. Mas ele enganava Marie-Lise de forma ainda mais grave: Horace era casado. É verdade que a saúde precária de sua esposa permitiu-lhe vislumbrar a possibilidade de viuvez e de uma ligação íntima com Marie-Lise.

Marie-Lise disse:

— No entanto, nós nos vimos não mais do que alguns instantes, senhor...

- Um homem e uma mulher, que tenham afinidades, simpatizam instantaneamente. Estão os corações predestinados um ao outro. Eles logo se reconhecem. Por muito tempo tenho procurado minha alma gêmea, em vão... Uma noite, eu pensei que eu a havia descoberto aqui mesmo. Não me diga que eu estava errado.

Marie-Lise ficou feliz ao saber que era a-

mada por Sébastiani, mas onde ele queria chegar? Ele estava acostumado com as mulheres fáceis; mas ela era uma jovem, e ele parecia estar acima dos outros, de todos os outros. Ele só podia estar considerando o casamento.

E o casamento com Sébastiani representaria não só a felicidade perfeita, mas o fim de sua situação inferior na casa da condessa de Chevigné, da sua condição de parente pobre, de intrusa, seria uma forma de escapar... Assim, ela ardia para saber o resultado lógico de sua declaração. Infelizmente, ele não especificava nada, permanecia no campo das generalidades. Ele tinha uma forte afinidade com ela, mas ela deveria chamar esse sentimento de amor ou de capricho? Marie-Lise era muito ingênua para elucidar essa questão. Em contrapartida, Sébastiani, que conhecia perfeitamente o coração feminino, sabia que tinha conquistado Marie-Lise, sem a necessidade de ouvir qualquer confissão de sua boca. Sua fisionomia perturbada foi o suficiente para que ele o descobrisse.

Sébastieniani não se estenderia mais. Ele temia que os comentários saíssem do aposento, imaginando Joseph com o ouvido atrás da porta.

— Virei vê-la antes de partir para a Turquia, mas eu gostaria, como nesta noite, que ficássemos sozinhos.

Ela respondeu em voz baixa:

— Amanhã, após o jantar, vou esperar-lhe no meu quarto. Vou avisar Justine. Ela prefere a mim aos seus mestres. Ela nos ajudará com prazer. Ela vai esperá-lo e mostrará o caminho...

Sébastieniani interpretou este encontro como um consentimento, uma rendição.

- Vou fazer melhor — disse ele. Vou compensar Justine e até Joseph, vou colocá-los no nosso jogo. Eles serão de grande ajuda.

No dia seguinte, Sébastiani estava no quarto de Marie-Lise. Joseph, que poderia aderir à observação e

ao suborno, indicou-lhe a entrada escondida, onde ele o esperava. No primeiro andar da escadaria, encontrava-se Justine, que o levaria ao quarto da jovem. O plano havia sido executado ponto a ponto, com sucesso.

As intenções de Sébastiani eram claras, mas pouco honrosas. Ele queria acrescentar Marie-Lise à sua já longa lista de conquistas. Ele não procurava, em suma, nada mais do que uma aventura. Ela, por outro lado, esperava um casamento. No entanto, a influência de Sébastiani sobre ela era tão forte, que ela se sentia pronta, se assim fosse necessário, a sacrificar sua reputação, a sacrificar seu futuro por ele.

Ele se sentou em um sofá pequeno, não muito confortável, não muito luxuoso, e estendeu as mãos para ajeitá-lo. Ao mesmo tempo, ele a envolvia em palavras ardentes. A resistência da jovem derreteu rapidamente. De repente, ele se levantou, afastou Marie-Lise, passou a mão pela testa com um ar confuso. No momento supremo, os escrúpulos falaram mais alto, e ele esforçava-se para escapar desta inadequada vertigem. Mas Marie-Lise se agarrou a ele, se ofereceu. Então, pensando que seria tolo por deixar passar a oportunidade, ele a abraçou brutalmente. O soldado havia despertado no diplomata.

Quando Marie-Lise deixou os braços de Sébastiani, a quem, daqui em diante, apenas chamaria de Horace, estava feliz em pertencer-lhe, em ter se tornado uma mulher com ele, mas, ao mesmo tempo, sentia-se envergonhada do fato de não ser mais virgem. E, pensando ingenuamente que essa culpa poderia ser lida em seu rosto, ela queria ocultar, esconder, e atrasar tanto quanto possível a hora de encarar, mais uma vez, seus anfitriões. Por exemplo, ela se absteria de descer para a sala de jantar. Esta noite, jantaria sozinha em seu quarto.

Acampado em frente ao guarda-roupa, Horace reparava na desordem de suas vestimentas. Enquanto Marie-Lise estava a fazer o mesmo em relação ao sofá, esperava dele um compromisso

formal, uma alusão ao casamento. Nada veio, exceto o pedido para outro encontro.

— Desta vez — ele acrescentou — será necessário que nos encontremos em minha casa.

Ele tinha uma casa de recreio, na vila de Auteuil, para essas travessuras.

— Aqui — ele continuou — é inconveniente e, além disso, perigoso. Nós poderíamos ser surpreendidos a qualquer instante.

— Mas — objetou Marie-Lise — como eu poderia me ausentar sem levantar suspeitas?

— Ora! Nós nos organizaremos bem.

Ele contava com a astúcia instintiva das mulheres e com a cumplicidade interesseira de Justine.

E eis o que, com efeito, foi acordado entre os três. Marie-Lise fingiria estar indisposta e pediria para ver um médico. Justine a acompanharia, supostamente, ao consultório. Na realidade, é para a vila de Auteuil que elas iriam juntas, até a pequena casa de Horace.

Esta casa estava escondida no fundo de um jardim, onde podiam ser vistas uma lagoa e várias estátuas. Em seu interior, pequenas gravuras do século XVIII sorriam nas paredes, revestidas em sedas claras. Uma panóplia formada de cimitarras, arcabuzes e bainhas decorava a alcova. Marie-Lise passou, neste contexto galante e marcial, horas inesquecíveis.

Ainda assim, ela teria gostado que Horace falasse sobre unir as vidas de ambos permanentemente; no entanto, ele parecia não desejar nem um casamento, nem uma relação. Tratava-se de um coração impenitente, volúvel, irredutível?

Uma noite em que ela voltava, com Justine, de uma de suas escapadas românticas, Joseph, que assistia ao retorno delas com uma expressão desnorteada, disse-lhes:

— A senhora condessa descobriu o pote de rosas! Ela as espera em seus aposentos.

A sra. de Chevigné exibiu um semblante de juiz.

— Senhorita — ela diz com firmeza a Marie-Lise — você traiu a minha confiança. Você afirma que você vai, duas vezes por semana, ao médico, para tratamento. Achei a coisa, confesso-lhe, um tanto duvidosa. Eu me informei. O médico disse que nunca a viu... Quanto a você, Justine, você era responsável por acompanhar de perto a senhorita Marie-Lise, e você fez exatamente o oposto. Eu te expulso agora! Vá aprontar as suas malas!

Ela mantinha o dedo indicador apontado para a porta. Justine, lívida, obedeceu.

— Agora, nós duas! — ela disse a Marie-Lise, que não saia do lugar... — Espero que, entre você e o conde Sébastiani, ele nada tenha feito de irreparável?

Marie-Lise negou vigorosamente. O pudor, a intenção de não trazer problemas para o homem que amava mais do que a ela própria.

— Não importa, Sébastiani a comprometeu, ele a comprometeu seriamente.

Pela grande figura que ele é, eu vou dizer a ele o que penso.

Marie-Lise, ao escutar isso, acalma-se. Talvez Horace, colocado diante de suas responsabilidades, devidamente admoestado pela condessa, fosse obrigado a pedir sua mão, e talvez seu lindo sonho estivesse prestes a se realizar? Esta comparência perante a sra. de Chevigné, que a havia atemorizado a princípio, parecia virar a seu favor.

— Até os próximos acontecimentos — retomou a Condessa — volte para seu quarto, onde você ficará reclusa até segunda ordem.

Marie-Lise aceitou a sentença sem amargura. Desta vez, o cativoiro lhe seria doce, com a perspectiva de se tornar a condessa Sébastiani.

A sra. de Chevigné convocou a vir a sua casa, na Rua de la Chaisse, o “Cupido do Império”.

— Senhor — disse ela — eu quero ignorar o quão longe foram as suas relações com Marie-Lise.

Esta discrição o aliviou. Se a condessa tivesse exigido que ele jurasse por sua honra não ter sido amante de Marie-Lise, ele teria ficado em uma situação embaraçosa.

Ele era diplomata e soldado. “O diplomata é um cavalheiro no ato de mentir”, de acordo com um provérbio aproximado do inglês. Quanto ao soldado, “ele não sabe embelezar a verdade”, e ele deve, em todos os momentos, mostrar-se sincero. Felizmente, ele foi dispensado do dilema, e poderia, sem desonra, dissimular, contemporizar.

— Meu caro — continuou a condessa — uma jovem da mais alta sociedade, que tomei sob minha asa, foi a sua casa, em segredo, com uma acompanhante complacente, digna de comédia. Eu gostaria de desabonar seu comportamento.

— Senhora — respondeu Sébastiani, o diplomata — eu sinto pela srta. Marie-Lise uma ternura respeitosa. Eu desfruto de sua companhia, da qual apreciei os encantos. Veja, dada a nossa diferença de idade, eu não me comprometi. O que pode haver entre uma jovem e um velho como eu? No máximo, um amor paternal.

Diante de seu ar dissimulado, a sra. de Chevigné estourou:

— É que, apesar dos anos e embora você seja casado e pai de família, você não é dado ao amor platônico. Dizem que, em você, encontra-se o vigor de Richelieu e Dauzun...

Acariciado em sua presunção, Sébastiani respondeu com um largo sorriso:

— Dizem tantas coisas, senhora!

Ela perguntou-lhe:

— Você disse a Marie-Lise que era casado?

Ele abaixou a cabeça, o que constituía uma confissão.

— O silêncio prova a pureza de suas intenções a esse respeito! — zombou a condessa em um desgosto misturado com ironia. — Até porque enganar Marie-Lise é a coisa mais fácil do mundo. Ela não lê os jornais, é bastante alienada à vida pública. Mas o que é lamentável em toda esta história é que ela é apenas um passatempo para você...

Sébastien a corta:

— Não, minha senhora, é muito mais! E se eu estivesse livre, eu lhe pediria de imediato a mão de Marie-Lise.

Ela sentiu sinceridade e pensou que caso a esposa do marechal viesse a desaparecer — o que não era uma hipótese fantasiosa — Sébastiani construiria um segundo lar com sua protegida. Esse era, além disso, o último clarão de um velho coração galanteador para uma jovem!

Desejando aumentar as chances de um casamento futuro, condicional, mas não utópico, a condessa lhe perguntou à queima-roupa:

— Sébastiani, você valorizou e reverenciou o Imperador, não é verdade, pelo menos até seus erros finais?

— Eu mantive-lhe um verdadeiro culto, que só terminará comigo.

— Bem! Eu vou lhe contar um grande segredo que lhe peço para jamais revelar. Se eu o conto, é porque é do interesse de Marie-Lise, para que você a considere mais inestimável e para persuadi-lo ainda mais, caso um dia você não esteja mais comprometido, a torná-la sua esposa.

Ela ficou em silêncio por alguns instantes, de modo a produzir um choque em seu interlocutor:

— Marie-Lise é filha natural de Pauline Bor-

ghèse. Se você a tomar por esposa, entrará para a família imperial.

Então, ela detalhou o amor ilegítimo do marechal Lefebvre com a irmã inebriante de Napoleão, e o resultado foi: a gravidez escondida, o parto clandestino em uma cabana, o confinamento interminável de Marie-Lise no convento.

— Eu explico melhor, agora, aquilo que imediatamente nos uniu. Nós dois somos corsos e a mesma veemência e o mesmo ardor correm em nossas veias.

E, depois de uma breve meditação:

— Você fez bem, minha cara — disse Sébastiani — em me revelar tudo isso, que me aproxima um pouco mais, muito mais de Marie-Lise.

Antes de separarem-se, a condessa e Sébastiani concordaram em continuar a esconder da jovem o casamento do homem que ela amava, e de mantê-la na esperança, mesmo que falsa, de um dia tornar-se sua esposa. Afinal, se inteirada da primeira situação e privada da segunda, ela seria extremamente infeliz.

Então, Horace Sébastiani partiu para Londres, para representar a França de Luís Filipe, Marie-Lise acreditando que a cidade ficava em Constantinopla.

Recorde-se de que antes de seu caso de amor com Horace, uma troca de galanteios e coquetarias foi estabelecida entre ela e o conde de Mortemart. A chegada do homem que ela amava interrompeu a situação. Como, desde que ele havia reaparecido em sua vida, ela poderia prestar atenção a qualquer outro? ... Mas ele havia partido, deixando em Marie-Lise uma profunda decepção. Foi então que Mortemart voltou a rondá-la. Ele era, como se sabe, um bom marido, mas o casamento, com sua rotina

e proximidade, inevitavelmente enfraquece o amor. E um homem jovem precisa do toque de uma bela jovem. O destino havia, com deleite, armado uma emboscada para Mortemart. Além disso, ele não ignorava a história de Marie-Lise e Sébastiani. Mais atento do que sua sogra e sua esposa, ele pensava que o Cupido do Império não era chegado a brincadeiras senis, a carícias paternas. Para ele, Marie-Lise não era mais virgem, e anunciava-se como uma mulher fácil. Estas constatações fortaleceram seus objetivos repreensíveis.

Marie-Lise não teria se incomodado em punir Horace por suas hesitações, por seus atrasos inexplicáveis, mas ela não poderia. A ideia de se entregar a outro a horrorizava. Ela estava tão obcecada por ele como estava encantada.

Embora ela não encorajasse mais, de nenhuma maneira, os avanços de Mortemart, ele não desistia. Ele via na nova atitude de Marie-Lise, uma manobra para estimulá-lo ainda mais. Um dia, ele decidiu se declarar abertamente, e ocorreu o drama.

— Senhor — disse ela, com lágrimas de vergonha e raiva em seus olhos — eu sou pobre e dependente de vocês, eu sei... Esta não é uma razão para exercitar o direito de Senhor sobre mim.

Ele se defendeu:

— Mas não há dúvida disso, minha querida Marie-Lise! Você está exagerando, eu lhe asseguro!... Está tudo bem, eu estava errado, eu agi de modo errado. Eu me arrependo de ter dito qualquer coisa. Eu sinceramente peço-lhe perdão.

Mortemart era sincero. Ele não quisera se beneficiar da situação subalterna de Marie-Lise na casa, exercendo sobre ela, como ela dizia, o direito de Senhor. Ele tinha cedido a um impulso dos sentidos. Ele não

era um santo, ele não era um anjo, mas um pobre homem mergulhado na lama.

No entanto, Marie-Lise não queria ouvir.

— Não, eu não acredito em você — ela insistiu. Sinto que você está mentindo, que você voltará a insistir amanhã. Além disso, para por fim à sua perseguição, eu vou, imediatamente, avisar a quem deve saber...

E sem levar em conta as súplicas de Mortemart, ela foi até sua esposa.

Ela a encontrou com seu cravo, que ela tocava com perfeição, na sala de música.

— O que há? ... O que você tem? — perguntou a jovem condessa para sua amiga, visivelmente chateada, ao largar o instrumento subitamente.

— Há um...

E Marie-Lise revela tudo a sra. de Mortemart, exagerando, distorcendo os fatos, pintando seu marido, culpado apenas de um pecado perdoável, nas cores mais sombrias.

A Sra. Mortemart teve um ataque de nervos. Marie-Lise chamou uma criada para ajudar a acalmar a desesperada. Seguindo os passos desta, Mortemart corria esbaforido. A criada trouxe sais para sua ama, e Marie-Lise atingiu-a no rosto com uma toalha molhada. Esta ária havia chamado todo o agregado familiar, de modo que a condessa de Chevigné, a sra. Clicquot, Joseph e os demais criados chegavam, agora, à sala de música.

A sra. de Mortemart enfim voltou a si. Mas assim que ela viu seu marido olhando ansiosamente para ela, explodiu em lágrimas e empurrou-o para trás, com indignação.

No dia seguinte, a condessa de Chevigné chamou Marie-Lise em particular e disse:

— Minha querida, após o escândalo de seu caso com Horace Sébastiani, você acaba de se comportar como uma estúpida.

Ela mostrou toda a severidade das primeiras vezes.

— Em primeiro lugar, você não compreendeu as intenções de meu genro. Era, da parte dele, uma simples brincadeira, e não a proposta brutal de um libertino, ou não sei qual outra maquinação obscura de um sedutor. Repito-lhe que meu genro é um cavalheiro e um marido exemplar, você interpretou seu comportamento de maneira equivocada, à sua maneira, e aquilo que você qualificou de assédio eram apenas gentilezas.

Ela mentia descaradamente, determinada a manter as aparências.

Depois de uma pausa, ela prosseguiu:

— Como regra geral, aprenda para sua informação que há certas coisas que devemos guardar para nós mesmos. É uma questão de delicadeza e tato. Caso contrário, existe o risco de desencadear uma catástrofe. Você tem um exemplo flagrante, uma evidência dolorosa diante dos olhos. Por causa de sua atitude impensada, a discórdia reina na casa de meus filhos. Não durará, eu espero. Intercederei: pregarei a compreensão e a bondade junto à minha filha, repreenderei meu genro por ter se mostrado fraco e inconsequente. Trarei de volta a harmonia ao lar deles. Mas parece que, enquanto você conviver conosco, essa harmonia será frágil. Então, eu tomei uma decisão a esse respeito...

Acostumada a obedecer, a submeter-se à vontade dos outros, Marie-Lise aguardou o próximo passo com resignação.

A condessa julgava que, por um longo período, haveria um falatório entre os seus filhos e sua protegida. “Secretamente”, ela não estava absolutamente certa da impecabilidade de Mortemart. Assim como qualquer outro, ele estava vulnerável às tentações. Marie-Lise, vivendo constantemente ao lado deles, era um risco indiscutível para a felicidade de sua filha e a tranquilidade da casa. Porque, afinal se Mortemart não era um anjo, Marie-Lise não era exatamente uma virgem sábia.

Ela estava seriamente comprometida com Sébastiani. O que havia se passado entre eles, na casa de Auteuil? Ele era audacioso e ela, muito apaixonada... Mas quando ela visse que Sébastiani não manteria sua promessa, ela se cansaria e procuraria um consolo. Ao lembrar-se dos avanços de Mortemart, em vez de repudiá-los, como agora, ela o encorajaria, provocaria, e ele não deixaria de sucumbir. Era necessário separá-los e, ao mesmo tempo, punir Marie-Lise por seu caso com Sébastiani, “o Cupido do Império”.

Ela disse:

— Minha querida, a sua presença em Paris, com a gente, tornou-se, por causa de sua falta — falta exclusivamente sua — impossível.

E, como Marie-Lise estava assustada:

— Ah! Não se preocupe, não vou expulsá-la. Eu arranjei, a seu favor, um acordo sagrado com um amigo que me foi infinitamente querido. Eu respeitarei tal compromisso até o fim de meus dias, assim também o fará minha filha, bem como sua descendência mais distante, se, como presumo, ela me der netos.

Em suma, Marie-Lise foi avisada de que certamente nunca lhe faltaria pão ou um teto, mas que ela agora viveria os doze meses do ano, confinada em Boursault.

## COMENTÁRIO

### SOBRE A TERCEIRA SESSÃO

*ÀQUELES que acreditam que podemos fazer uma pessoa em um estado de hipnose dizer ou fazer aquilo que queremos, esta parte de nosso registro servirá para desmentir formalmente essa crença.*

*Foi-nos necessária muita paciência para fazer com que Marie-Lise confessasse seu amor por Sébastiani e ainda mais para fazê-la confessar que havia sido sua amante.*

*Foi uma pequena frase que nos colocou no caminho, no decorrer de nossa segunda sessão. Marie-Lise evocava uma noite na casa da condessa de Mortemart e mencionava a presença de Balzac. André Dupil perguntou-lhe:*

*— Vocês conversaram?*

*— Não, ele não falou comigo...*

*E, inesperadamente, o semblante de nossa médium resplandeceu e, sem que qualquer pergunta lhe fosse feita, complementou:*

*— Só há um homem de que eu gosto... Sébastiani... eu disse isso a ele e ele também disse isso a mim, ele é bonito... eu o vejo às vezes... às vezes eu o vejo sozinha...*

*Surpreso, André Dupil faz uma pergunta que, obviamente, carece de originalidade:*

*— O que vocês fazem juntos?*

*— Aborrece-me falar sobre isso...*

*E Denise agita-se a tal ponto que preferimos acordá-la.*

*No entanto, havíamos descoberto o grande segredo de Marie-Lise: seu amor por Sébastiani.*

*Seriam necessárias semanas e teríamos ainda de recorrer a verdadeiras artimanhas para que fizessemos com que esse amor fosse confessado.*

*Finalmente, conseguimos confissões diretas.*

*— E Sébastiani, como você o conheceu?*

*— Eu o encontrei pela primeira vez em uma recepção na casa da duquesa, em Paris. Fomos apresentados, eu gostei dele e ele também gostou de mim. Ele estava o tempo todo comigo, eu não sabia dançar, nós fomos a uma pequena sala ao lado do grande salão. Ele disse que pretendiam nos noivar, mas que ele precisava pensar. Era o que a duquesa dizia. Ele era corso e adorava o Imperador...*

*— Como ele era?*

*— Ele era bonito e tinha um sotaque, ele me chamava dizendo... É difícil imitá-lo... A segunda vez que o vi foi em Boursault, eu não o via frequentemente... Então, eu o vi novamente às escondidas, ele estava de passagem em Paris, a duquesa não estava lá, ele não usou a entrada que dá para a rua, mas uma pequena porta que dá para os fundos, ao lado da casa, eu o vi chegar, eu lhe abri a porta, atirei-me em seus braços... Ele não queria, não era o momento, ele me dizia que, se partisse para a Córsega, iria me levar com ele, pois sabia que eu não era feliz... Nós fomos para o quarto... Existem coisas que não podemos dizer... Ele observou e ficou satisfeito em ver que ao menos eu tinha um belo quarto. Ele me disse que concordava que ficássemos noivos, beijou-me... Não devo dizer isso... Não devo dizer isso... Ele me beijou diversas vezes...*

*— E depois?*

*— Tornei-me sua amante, não me arrependo... Ele jurou me amar para sempre... e até a sua morte...*

*À noite, a fim de evitar a duquesa, não desci.*

*— Isso aconteceu em que ano?*

*— Estávamos em 1832...*

*Se essa data estiver correta, Marie-Lise tinha 28 anos e Sébastiani, 60.*

*— Sébastiani me disse que precisava partir para a Turquia... Napoleão não governa mais... Ele não podia me escrever, eu tampouco podia fazê-lo...*

*— Sébastiani, o que ele era?*

*— Embaixador da França na Turquia.*

*— Você o viu novamente?*

*— Eu o revi uma terceira vez, no antigo castelo de Boursault, pouco tempo depois desse dia, eu não podia vê-lo sozinho... A duquesa não estava lá, mas o Barão estava...*

*Para saber mais, submetemos a pobre Denise a um verdadeiro suplício. Um de nós fala como se fosse Sébastiani.*

*— Você vai ouvir a voz de seu amante, lá está ele, ele está em Boursault... “Bom dia, Marie-Lise”...*

*Denise demonstra uma profunda agitação.*

*— Essa não é a voz dele... Essa não é a voz dele... Horace! ... Essa não é a sua voz...*

*Ele tinha um sotaque... Eu gostava muito dele. Não é ele que está aí...*

*— Sou amigo dele.*

*— Sébastiani não tinha amigos, isso não é verdade, ele teria me dito... Essa não é a voz dele, esse não é Sébastiani...*

*Por hoje, não saberemos mais, entretanto esse romance parece ter realmente sido vivido e nenhum de nós é capaz de tê-lo “sugerido” à médium.*

*Observar-se-á que nossa médium persiste em designar a condessa de Chevigné pelo título de duquesa. Não corrigimos esse erro, pois ele está registrado na gravação do toca-fitas.*

No entanto, o ápice da confusão é o fato de que Denise ainda se refere à "duquesa" quando se trata da condessa de Mortemart, sua amiga, filha da condessa de Chevigné. Isso pouco facilita nossa tarefa! Desta vez, para a boa compreensão do relato, fazemos as correções necessárias.

Em Paris, como vimos, Marie-Lise morava com os Chevigné, em seu hotel perto da Bolsa. André Dupil quer saber mais detalhes sobre o vínculo amoroso que ela se recusou a estabelecer com o conde de Mortemart.

— Fale sobre o conde, como ele é?

— É um homem alto e forte, é um homem atraente, no início ele falava comigo... mas depois não podia mais me ver...

— Por quê?

— Sim... mas... não podemos falar sobre isso...

— Mas é necessário que você fale sobre isso para mim.

— Sim... Porque ele me aborrecia, mas eu não queria... Eu disse isso à condessa e a duquesa me adorava... e ela conhecia seu marido... No começo, ele gostava muito de mim, mas foi para outra coisa. Depois, eu já não via o conde, ele me evitava...

— E às refeições?

— Eu fazia as refeições no meu quarto, eu não podia mais vê-lo, tampouco ele a mim... Ele queria que a condessa me mandasse embora. Ela dizia que havia prometido à Pauline que cuidaria de mim.

— E os criados?

— Eles traziam as refeições para o meu quarto, não falavam comigo... Eu saía em Paris com a condessa, não saía sozinha porque ela tinha medo de que eu fugisse...

E, desse modo, voltamos às ameaças já registradas no decorrer de sua sessão anterior. Ameaças que culminarão no enclausuramento de Marie-Lise no castelo de Boursault.

## QUARTA SESSÃO

ELA ocorre no castelo de Boursault, ali onde Marie-Lise viveu a maior parte de sua existência.

Desta peregrinação às origens, possível graças à extrema bondade do atual proprietário, sr. Fringhian, o famoso comerciante de diamantes, esperamos muito.

Denise foi acomodada da melhor maneira possível no corredor do castelo, no único assento que encontramos — uma cadeira de jardim de vime.

André Dupil tem menos dificuldade em fazê-la adormecer, uma vez que, desde que chegamos à vila, nossa querida médium demonstra sinais de desconforto, que imediatamente nos remetem àqueles que Ghislaine experimentou em Cœuvres, no decorrer de nossa experiência anterior.

Podem testemunhar a autenticidade dos registros feitos: sr. coronel Ricome e sua esposa, sr. tenente-coronel Galtier e sua esposa, sr. Caille e sr. Fringhian.

Esta sessão envolve a vida de Marie-Lise no castelo de Boursault, depois de seu encontro com Sébastiani e antes de sua morte.

\*  
\*       \*



Para Marie-Lise, que carregava a culpa de aventuras amorosas e de uma inaptidão desastrosa, Boursault, no ponto de vista da condessa de Chevigné, era uma espécie de exílio. Ela adaptou-se da melhor forma possível. Tinha recebido um quarto adequado e foi-lhe designada uma jovem criada, a quem faltava estilo, mas não faltava zelo ou devoção. O barão, tendo recebido uma pequena herança, vivia de seus rendimentos no Sul, sem ainda ter sido substituído como intendente. Em contrapartida, ela havia encontrado o jardineiro Poirel e o caçador La Ramée, sempre prestativos e ávidos a lhe agradar. Eles envelheciam, mas permaneciam ambos firmes em seu posto. Como outrora, Marie-Lise trazia açúcar para o estábulo, resíduos de carne para o canil. Ela tinha seus animais favoritos aqui e ali.

Seu maior prazer era ir pela manhã, com Poirel, colher cogumelos. Os cogumelos esbranquiçavam o musgo da floresta, à beira das trilhas. Eram de quem os visse primeiro, de quem recolhesse mais. O que levava a discussões cordiais, querelas que terminavam em riso. No entanto, a lembrança de Sébastiani não deixava Marie-Lise. Onde ele estava? Na Turquia, sem dúvida, em algum palácio cheio de odaliscas. Ela teria adorado escrever ao seu querido Horace, mas ele havia lhe recomendado, ela não sabia por que, que não o fizesse, e ela estava acostumada a obedecer. Todavia, contra todas as probabilidades, ela esperava uma carta de seu longínquo e problemático noivo. Todos os dias, ela espreitava o carteiro. Ele costumava passar durante o almoço. No entanto, a fim de alegrar sua solidão e simplificar o serviço, ela fazia a maior parte de suas refeições na cozinha. O carteiro parava diariamente em Boursault. Não era como se ele tivesse necessariamente alguma correspondência para o castelo, especialmente na ausência dos donos, mas sabia que lá encontraria seu lanche diário, por ordem daqueles que se furtavam a tratar generosamente o

populacho. Quando o homem, vestindo uma grande blusa azul, usando um alto chapéu e botas pesadas, extraía algo de sua bolsa de couro inchada de papéis, seu coração acelerava. Lamentavelmente, era apenas um bilhete da sra. Clicquot ou da condessa contendo instruções a Poirel ou La Ramée.

Marie-Lise buscava na religião um consolo para o abandono de Horace, que ela esperava ser temporário. A igreja era adjacente ao castelo, ela não tinha como ir longe. Ela sempre rezava na capela da Virgem. A braçada de flores campestres, que ela depositava todas as manhãs no nicho azul e dourado, exalava seus modestos perfumes. Um reflexo de vitral iluminava encantadoramente seu missal. No entanto, nesse livro de devoção, ela vislumbrava — ilustração profana — o belo rosto do homem por quem estava enfeitiçada.

Ocasionalmente, ela recebia visitas do pároco. Ele sabia, por ter tomado conhecimento em confissão, o que ela escondia do resto do mundo e, compadecendo-se mais do que a censurando, pregava-lhe paciência e resignação. Aquele a quem ela amava apesar de seus erros, ao que tudo indica, os repararia; se ele se recusasse, ela seria recompensada por sua dolorosa passagem neste mundo na vida que estava por vir.

Um dia, ela foi surpreendida pela chegada da sra. Clicquot, ríspida e cordial como de costume, em companhia de um desconhecido.

— Eu pretendo, disse ela, construir um segundo Boursault, maior e mais bonito que o primeiro, altamente estruturado. Tudo isso para meus descendentes, que espero que sejam numerosos. A esse respeito, tenho o prazer de informá-los de que serei bisavó.

A sra. de Mortemart estava grávida, prova da total reconciliação do casal, cuja discórdia teria sido apenas uma breve tempestade. A propósito, a sra. Clicquot não fez qualquer alusão a isso.

Ela havia trazido um grande arquiteto de Paris. Marie-Lise os viu escolher um local no parque e os ouviu, durante o almoço e o jantar, discutir o estilo que deveriam adotar, o tempo que a construção levaria, quanto ela custaria. A sra. Clicquot defendia seus interesses como uma exímia mulher de negócios. Eles partiram, tendo trazido, apesar de tudo, uma distração para a monótona existência de Marie-Lise.

Ela recebeu outra visita, infinitamente mais atraente. Honoré de Balzac atravessava a província a toda velocidade, às pressas e, completamente ao acaso, teve a ideia de passar por Boursault. Ele saltou de uma carruagem conduzida por cavalos extraordinários, ao mesmo tempo pesado e vertiginoso. Ele regozijou-se de encontrar Marie-Lise, por quem tinha uma simpatia especial.

— Desde nosso último encontro, que já se perde no tempo, disse ele, quantos acontecimentos em minha vida! Estou arruinado, devorado por dívidas, como por legiões de pulgas!

— Arruinado, endividado, sr. Balzac, mas ilustre! Sua profecia de uma noite longínqua tornou-se realidade. Você criou uma família de heróis imortais. Eles são conhecidos até na Patagônia.

E ela enumerou os protagonistas de sua obra gigantesca. Naturalmente, ela tinha preferências por determinados heróis, determinada heroína. Ela colocava, acima de todos, Eugénie Grandet, de quem ele havia lhe falado quando era ainda apenas um esboço e *A Comédia Humana* flutuava em sua mente ainda de forma nebulosa.

— Não importa, ele continuou, eu ainda sou um desafortunado. Aos meus louros misturam-se os cardos. As notificações dos oficiais de justiça coexistem lado a lado

com os manuscritos em minha escrivaninha. Eu escrevo transportado para um mundo imaginário, cavalgando meus sonhos. Os golpes furiosos dados em minha porta pelo padeiro ou açougueiro que reivindicam o que lhes é devido me trazem de volta à realidade nauseante.

Do céu, caio de volta na lama... Minha querida Marie-Lise, compadeça-se do mais miserável dos homens ilustres.

E, então, ardorosamente regressou para sua carruagem, onde ele talvez não tivesse como pagar o condutor.

— Depressa! Depressa! gritou-lhe. Estou sendo aguardado em Paris!

Quem o aguardava?... Outros heróis que lutavam em seu tinteiro, desejando sair de lá e correr sobre o papel. Os credores que deveriam ser ressarcidos com urgência.

Os cavalos extraordinários partiram novamente em uma velocidade relâmpago. A mão de Balzac vibrava em uma porta, em sinal de adeus.

Marie-Lise voltou para a sua solidão, que lhe parecia ainda mais cinza após a fulgurante passagem do brilhante escritor. Para marcar essa passagem, ele havia lhe deixado, engrandecido por uma dedicatória, um de seus últimos romances: *Memórias de duas jovens esposas*. E ele havia prometido a Marie-Lise que lhe enviaria outros, para animar suas vigílias no campo.

Vários meses se passaram sem que ela tivesse contato com qualquer viva alma que não fosse sua querida criada, Poirel e La Ramée. Este último tinha um filho que o sucederia em suas funções, assim como ele mesmo havia sucedido seu pai. Os La Ramée constituíam uma bela dinastia de caçadores. O jovem Hubert, apaixonado pelo canil e pela floresta, certamente não desmerecia seus ancestrais. Marie-Lise tinha pelo pai e pelo filho o mesmo carinho.

O novo castelo erguia-se do chão. Os pedreiros lá trabalhavam ativamente. Suas idas e vindas, suas canções animavam o antigo parque com estátuas mitológicas. Assim que o prédio começou a tomar forma, a sra. Clicquot passou a vir frequentemente, acompanhada do ar-

quiteto. A fim de estimular os trabalhadores, ela conversava com eles e oferecia-lhes champanhe, democraticamente.

Um dia ela chegou com os Mortemart. Marie-Lise nunca mais os havia visto desde os eventos que motivaram seu exílio em Boursault. A sra. de Mortemart estava prestes a dar à luz. O encontro das duas amigas foi frio, e o beijo que trocaram, reticente. Quanto a Mortemart, ele mostrava um desconforto evidente, ainda assim, sua sogra tratava Marie-Lise mais friamente do que nunca. A reconciliação entre as duas partes nunca seria franca. Marie-Lise estava ansiosa para poder se livrar dessas presenças hostis e recuperar uma solidão que, antes dessa visita, começava a pesar sobre ela.

Ela voltou a ser solitária por anos e, em uma tarde em que contemplava o novo castelo terminado, cuja fachada, conforme os desejos da sra. Clicquot, trazia o lema "*Matis Mater*", ouviu o galope de um cavalo sobre as pedras do parque.

Ela virou-se. Do cavalo, saltava, com a flexibilidade de um jovem, Horace Sébastiani. Ela quase desmaiou de felicidade com o choque, no entanto, passada essa vertigem momentânea:

— Você! Você, meu amor! Esperei tanto tempo por você em vão, que julgava não mais o encontrar nesta vida.

E, sem se preocupar com Poirel, que, empunhando uma tesoura de jardim, olhava surpreso para a cena, ela jogou-se nos braços da querida aparição.

O tempo estava bom e ameno. Enquanto Poirel levava o cavalo de Horace ao estábulo, os amantes sentaram-se em um banco à sombra de um arco de rosas. De seu pedestal, uma mulher de pedra sorria-lhes, tocando flauta. O rosto de Marie-Lise estava radiante, mas o semblante de Horace exprimia tanto tristeza como alegria.

— Minha querida, ele disse, eu venho até você após uma interminável ausência, afortunado e desafortunado ao mesmo tempo. Quando nos separamos, eu não era livre. Caso contrário, teria me casado com você.

Ele hesitou entre confessar toda a verdade a Marie-Lise ou recorrer a alguma nova invenção romântica. Optou pela verdade. Além disso, essas coisas se sucederam há muito tempo no passado... Não haviam prescrito?

— Minha querida Marie-Lise, disse ele, eu me declaro culpado. Se, outrora, eu não pedi sua mão à condessa de Chevigné, é porque eu era casado. Casado e pai de uma filha já crescida.

Ambos ficaram em silêncio por um minuto. Estupefação por parte dela e, por parte dele, medo da reação de Marie-Lise.

Ele continuou:

— Então, faltei com a minha obrigação por duas vezes. Uma primeira vez para com a minha esposa, companheira irrepreensível; e uma segunda, para com você, de quem eu, sem qualquer consideração, arruinei o futuro. Mas o amor que você me inspirou abafou a voz de minha consciência. Meu remorso não é menos cruel; e acredite que me julgo com a máxima severidade.

Marie-Lise respondeu:

— Culpemos antes o destino... Sim, o destino é o grande culpado.

Sobre um dos ombros da fauna de pedra, que lhes sorria ao tocar flauta, tinha-se empoleirado um pombo, cuja plumagem iridescente brilhava ao sol. Uma grande abelha rondava ao redor deles, mergulhando seu corpo de veludo pardo e tigrado de preto nas flores circundantes.

Sébastien retomou:

— Agora estou livre... E, no entanto, não posso mais me casar com você. Sou demasiado velho para você. Recuso-me ao direito de fazê-la compartilhar a morosa existência de um velho.

Ela exclamou:

— Mas eu também, também já não sou mais jovem, meu pobre amigo! Passei dos quarenta anos, e sr. Balzac apresenta “a mulher de trinta anos” como já sendo velha.

— Balzac fala de modo geral. Existem exceções a essa regra. Você representa uma delas, Marie-Lise. Além disso, para mim, você será eternamente a mais bela.

— Você me vê, meu amigo, com os olhos do amor. Com o que, acredite, estou comovida para além do que poderia dizer!

Lamartine, Hugo, Musset reinavam naquela época, os amantes de então usavam a linguagem romântica.

Ele continuou:

— De qualquer forma, em comparação a mim, você é jovem. E, como você foi tão injustamente privada dos prazeres da vida, você teria o direito de conhecê-los através do casamento. Entretanto, o que um marido como eu poderia lhe oferecer? Noites ao pé da lareira, vestindo roupão e chinelos.

Marie-Lise protestou:

— Essa perspectiva não me assusta, acredite, querido Horace. Eu vou ler para você, enquanto saboreamos bebidas doces.

Horace, como que por prazer, torna a imagem de sua vida conjugal cada vez mais sombria:

— Pobre de mim! Há algo pior. Minha saúde se deteriorará, meu temperamento ficará amargo. De leitora de um velho, você se tornaria enfermeira de um inválido amargurado.

Marie-Louise rebelou-se:

— Velho, inválido, você! É inconcebível! Por enquanto, eu o vejo como um cavaleiro arrojado. Que facilidade, que elegância você tinha, há pouco, em seu cavalo! Mesmo que você tivesse

vinte anos, você não teria colocado os pés no chão com tanta elegância.

— Meu Deus, ele disse com um toque de vaidade, quando servimos na cavalaria da Guarda Imperial, alguma coisa sempre permanece.

E não foi sem emoção que, neste banco de parque à sombra de um arco de rosas, diante deste flautista de pedra, ele tinha a seu lado uma sobrinha de seu deus, Napoleão, a qual ignorava esse glorioso parentesco.

Marie-Lise não pretendia absolutamente perder Sébastiani. Dessa vez, ele deveria casar-se com ela, ele deveria mesmo levá-la embora naquele momento. Sua situação morando com a condessa, que a fazia sentir, em todas as oportunidades, que ela vivia à sua custa, esse encarceramento em Boursault, a qual ela inicialmente se acomodara tornaram-se intoleráveis para ela.

— Meu amor, disse ela suplicante, mesmo velho, mesmo miserável, eu o seguiria até uma espelunca. Eu não o veria tal como você seria, e não importa como viria a ser, a mim a nossa união pareceria esplêndida. E depois, eu estou definhando, estou me consumindo, estou morrendo neste castelo...

Ela diz que está exausta de seu encarceramento e de viver à custa dos outros, e esperava dele e somente dele, através do amor, a independência.

Ela continuou:

— Muitas vezes, em meus sonhos, imaginei-me uma princesa medieval presa em um calabouço por um cavaleiro maligno ou um feiticeiro perverso. Entretanto, estava confiante de que, cedo ou tarde, um trovador destemido surgiria e viria me salvar. Ele subiria à minha janela, por uma escada de seda, serraria as barras. Sob o luar, desceríamos até o chão, abraçados. E, então, fugiríamos a cavalo, eu, deitada no topo da sela.

Ela acrescentou:

— Naturalmente, o trovador tinha o seu rosto. Com

o passar do tempo, o salvador chegou. Ele não pode mais fugir. Ela segurou seus pulsos, agarrando-se desesperadamente a ele.

Sébastien ficou em silêncio por um momento, então disse com uma voz abafada:

— Minha pobre Marie-Lise, uma vez que você concorda em passar por cima de nossa diferença de idade, eu me casarei com você, está certo, mas...

— Mas?

Novamente uma objeção, novamente um adiamento. Marie-Lise sentiu-se arrasada.

— Depois da terrível tragédia familiar, a tragédia doméstica da qual você tem conhecimento, eu não tenho permissão para ser feliz. Seria imoral, monstruoso. E, depois, visões hediondas me atormentam constantemente, raramente me dão trégua. Elas atormentariam o nosso lar.

— Que tragédia? perguntou Marie-Lise. Sébastien manifestou a mais profunda surpresa:

— Como você ignora o que aconteceu em Faubourg Saint-Honoré, em agosto passado? Todas as publicações falaram sobre o “Caso Choiseul-Praslin”...

Marie-Lise desculpou-se, mas ela não lia os jornais, e as notícias, boas ou más, os ecos alegres ou dramáticos da capital não chegavam a Boursault. Aqui, os acontecimentos significativos consistiam no nascimento de uma ninhada no canil, na morte de um cordeiro no redil, nos males da geada ou do granizo.

— Pois bem! retomou Sébastien, minha filha se casou com o marquês de Choiseul-Praslin, a quem deu muitos filhos. Ele estava apaixonado pela governanta. Minha filha era um obstáculo ao adultério deles. Ele removeu esse obstáculo de forma abominável. Ele apunhalou a duquesa com golpes de faca. O quarto jorrava sangue. Uma carnificina... A sombra dessa terrível tragédia paira sobre mim. Logo, você me perdoará se ainda adio nossa união. Assim que eu estiver, não digo

confortado (nunca nos recuperamos de uma provação como essa), mas um pouco mais sereno, um pouco menos perturbado, voltarei, dessa vez para levá-la embora!

Ele parou por um segundo e continuou:

— Em nossa lua de mel, viajaremos para a Córsega, esse belo país selvagem. (Pensava, gentilmente, que, como ele, a mãe de Marie-Lise havia nascido lá). Conheço perfeitamente a ilha. Eu era deputado e sou popular por lá. Eu lhe mostrarei os principais locais, todos de uma magnitude selvagem. Vou apresentá-la às tradições e aos costumes singulares. Vou apresentá-la aos grupos de resistência.

— Mas os criminosos? ela se assustou. Eles não nos machucarão?

Imaginou Horace e ela caindo nas mãos deles e sendo torturados, mortos por eles. Horace sorriu:

— Machucar?... Eles me farão as honras e nos cercarão de gentilezas. Na Córsega, o marechal Sébastiani é respeitado inclusive nos grupos de resistência.

Mas tudo isso não passava de um sonho. Marie-Lise, por falta de um alimento mais substancial, contentou-se com isso. Esperar, ter paciência, essa era a parte que lhe cabia.

Sébastieni pediu seu cavalo. Ele retornou à sela com a mesma flexibilidade juvenil que demonstrou ao saltar do cavalo e desapareceu no crepúsculo.

Nesse meio tempo, a condessa de Mortemart deu à luz uma filha, Anne-Clémentine, que se tornou a duquesa de Uzès e envolveu-se na história da Terceira República.

Passaram-se dois anos sem que Sébastiani cumprisse sua promessa. No entanto, não deveríamos atribuir sua conduta à deslealdade, deveríamos responsabilizar a enfermidade. O assassinato da duquesa de Choiseul-Praslin havia abalado sua saúde: ele havia tido vários ataques, para dizer a verdade, benignos. No entanto, ele sobrevivia à espera do golpe final. Como, nessas condições, ele poderia se casar novamente? Seguramente, Marie-Lise o aceitaria paralisado, moribundo e se oferecia a ele como uma enfermeira-esposa; mas, para tentar esse casamento de sacrifício e abnegação, teria sido necessário abordá-lo com frequência. No entanto, ele estava preso em seu leito em Paris, e ela estava reclusa em Boursault.

Um dia, para sua grande surpresa, Marie-Lise viu chegar inesperadamente de Paris a condessa de Chevigné, os Montemart e toda a sua criadagem. Pouco depois, imediatamente depois, Joseph, pálido sob o uniforme, deu ordens a seus subordinados para uma limpeza e uma arrumação adequada dos dois castelos. Espanavam-se os móveis, batiam-se os tapetes, encerava-se o chão com uma energia sem precedentes.

Marie-Lise foi, por sua vez, convocada.

— Você vai colocar a melhor toalha de mesa, ordenou-lhe a condessa, as melhores louças.

— Eu posso saber, senhora, perguntou à sua protetora, o porquê de todos esses preparativos, para quem é toda essa agitação?

Ainda que, desde o desentendimento, a sra. de Chevigné não lhe desse muita importância, desta vez, seguramente por vaidade, ela não a esnobou com a falta de informação.

O príncipe-presidente Luís Bonaparte faria no dia seguinte uma visita semioficial ao Oriente. Ele queria curvar-se diante da lápide sobreposta por uma Águia, que comemora as últimas e sublimes expansões do Grande Exército, e, depois, visitar as adegas de Epernay. Antes de re-

tornar à capital, ele havia manifestado o desejo de passar por Boursault, para conhecer o conde de Mortemart, que ele sabia ter pertencido ao batalhão de seu tio. Os senhorios de Boursault naturalmente se apressaram a submeter-se a um desejo tão lisonjeiro.

O visitante ilustre era esperado por volta do meio da tarde. Na sala de jantar do novo castelo, uma grande mesa havia sido preparada para um lanche. Joseph e os dois criados sob suas ordens tinham assumido o estábulo.

Antes da chegada do príncipe-presidente, o conde de Mortemart conversou com os seus e com Marie-Lise:

— Esse pobre Luís Bonaparte encontra-se em conflito permanente com os deputados. A demagogia e a anarquia assolam a Assembleia Legislativa; o presidente deseja, como seu tio, restaurar a ordem e a prosperidade. Como terminará o duelo entre o Palácio do Eliseu e o Parlamento?...

Luís Bonaparte recebeu o projeto de reiterar, em curto prazo, o 18 do Brumário, com a colaboração de seu irmão uterino, Morny, e de uma audaciosa camarilha.

— Eu estou com o presidente! declarou Mortemart.

Às três horas, uma fila de carruagens landau emparelhava-se no parque, com uma escolta de lanceiros. De um dos carros, em frente ao alpendre do novo castelo, descia um homem bastante pequeno, com uma barbicha e bigodes espessos com pontas afiladas, o peito amplamente riscado de vermelho. O grupo de senhorios o recebeu respeitosamente. Havia uma menina lhe estendendo um grande buquê, que não era senão a herdeira de Mortemart, a pequena Anne-Clémentine, futura duquesa de Uzès. O príncipe-presidente inclinou-se em sua direção, ergueu-a em seus braços, beijou-a em ambas as faces e, tendo a colocado de volta ao chão, pegou o buquê e entrou no vestíbulo com seu séquito.

Cabeças de cervos, veados e javalis decoravam as paredes, lembranças de grandes caças.

A condessa de Chevigné levou Luís-Napoleão à sala de jantar.

Na sequência, viu-se o general de Saint-Arnaud, em trajes de gala, e Fialin de Persigny, dois dos principais organizadores do 2 de Dezembro.

O príncipe dirige-se a Mortemart:

— Você sabe a importância que eu dou a tudo o que diz respeito ao meu tio. Eu considero como amigos aqueles que, como você, serviram sob suas ordens imediatas.

Ele falava em voz abafada; seus olhos eram, ao mesmo tempo, olhos de um sonhador e de um homem aflito, de um homem melancólico. Neste inverno de 1851, ele certamente planejava seu golpe de Estado, do qual apenas dez meses o separavam.

Mortemart, curioso, tentou atraí-lo à temática da política.

— Príncipe, ele disse, os bons franceses, dos quais me orgulho de fazer parte, contam com Vossa Majestade para colocar as coisas em ordem. Assim como aqueles de ontem — no final do Diretório — apostavam, sem quaisquer reservas, no seu glorioso tio.

No entanto, Luís Bonaparte desviava a conversa:

— Eu fiquei extremamente interessado na visita que fiz às adegas de Epernay.

Mortemart entendeu que o presidente da República pretendia não se comprometer e não tocou mais no assunto.

Luís-Napoleão continuou:

— Você sabe o que me deixou mais impressionado, eu diria até mesmo admirado? O público o escutava de maneira atenta e deferente.

— É o movimento de um homem cujo trabalho consiste em mover suavemente, cuidadosamente cada

garrafa. Caminhando em silêncio e com passos sorrateiros ao longo do interminável túnel sombrio, ele apresenta um aspecto sobrenatural. Parece um fantasma... O fantasma das adegas.

Um excelente título para Eugène Süe, observou o sr. de Persigny.

Joseph enchia as taças com um espumante dourado. O príncipe-presidente mergulhava o grande bigode na sua, com prazer.

Marie-Lise retraía-se e não bebia. O futuro Napoleão III era bom: inclinado ao socialismo e jamais esqueceria o revés sangrento do 2 de dezembro, que derrubou, sobre as ruas de Paris, trabalhadores e estudantes republicanos, nem o campo de batalha de Solferino, de onde chegavam até ele a queixa dos feridos e dos moribundos. Então, ele foi atraído pela discrição de Marie-Lise, por seu ar de mártir, e pediu que o apresentassem a ela. O que foi feito imediatamente.

Tendo notado que, ao contrário de todo mundo, ela não tinha um copo na mão, disse-lhe:

— Você não bebe, senhorita?

A condessa de Mortemart veio em auxílio de sua timidez e respondeu por ela:

— Príncipe, Marie-Lise tem essa originalidade de viver em Champagne e de não gostar, aliás, de odiar vinho.

— De que prazer ela se priva! declarou o presidente da Segunda República, enquanto a condessa, demasiado ciumenta dessa honra para cedê-la a qualquer outro, enchia novamente a taça que ele lhe estendia, com um sorriso nos lábios. E Luís Bonaparte não se ocupou mais de Marie-Lise. No entanto, antes de sua partida, dirigiu-se a ela, acompanhado do general de Saint-Arnaud e de Persigny. Não se limitava mais à simples cortesia, como há pouco, mas agora a examinava com uma curiosidade simpática. Marie-Lise perguntava-se

qual poderia ser o motivo dessa nítida mudança? Bem! A condessa de Mortemart havia tido a ideia de revelar ao futuro Napoleão III as origens de sua protegida e o noivado com Sébastiani. Isso ajudaria a incrementar, na mente do príncipe, sua parada em Boursault, deixando-lhe uma lembrança indelével. Ele, como de costume, apressou-se a confiar essa notícia a seus dois companheiros de viagem. Naturalmente, a anfitriã havia-lhe recomendado expressamente para não falar, se necessário, com Marie-Lise sobre nada que não fosse a respeito de Sébastiani, pois ela havia sido mantida na mais completa ignorância sobre seu nascimento, ignorância na qual deveria morrer.

— De acordo, havia respondido Luís Bonaparte, seremos discretos.

Eu acredito, disse ele a Marie-Lise, com um sorriso ainda mais ambíguo do que o habitual, que se você não experimenta o vinho de Champagne, pelo qual tenho muito apreço, pelo menos professamos igual admiração por Napoleão I?

— Na verdade, Príncipe, o marechal Lefebvre, que me criou como se eu fosse sua filha, nunca se cansava de exaltar sua genialidade diante de mim, de me contar suas vitórias. Ele me transmitiu sua adoração pelo grande homem!

O príncipe-presidente a escutou falar dessa maneira, com uma evidente satisfação.

Ele continuou, estendendo a conversa sobre esse assunto até os limites extremos permitidos:

— Você não conheceu outro eminente chefe do exército imperial, favorito de Napoleão?

— Sim, — disse ela, corando — o marechal Sébastiani.

— Um bravo dentre os bravos, disse Luís Bonaparte... Infelizmente, ele está muito doente. A idade, o terrível fim de sua filha, a duquesa de Choiseul-Praslin...

E, para si mesmo, acrescentou a essas causas de desgaste os galantes excessos do “Cupido do Império”.

— Seria melhor para ele, concluiu, morrer na guerra. A morte violenta é a forma de morte que de-

veria ser conhecida por todos os homens de ação... Eu, pessoalmente, desejo terminar meus dias em um campo de batalha, ou em meu landau de gala, morto pela arma de um fanático.

O general de Saint-Arnaud, como um bom cortesão, afirmou:

— Ah! Quanto a ser morto no exercício de suas funções presidenciais, príncipe, não conte com isso! Você é popular demais para isso.

— Ora! ele respondeu, deixemos à mercê do destino!

E, depois de se despedir de todos os seus convidados — de Marie-Lise, com uma benevolência mais acentuada, — voltou para sua carruagem, cercado pela escolta de lanceiros, com o general de Saint-Arnaud e Fialin de Persigny.

— Marie-Lise, é absolutamente necessário que você participe da caça de amanhã.

Anne-Clémentine de Mortemart, que havia acabado de enviar essa intimação à protegida de seus pais, era uma jovem alta, de natureza viril e de modos bruscos, masculinos, como sua bisavó, a sra. Clicquot, que agora jazia no túmulo. Marie-Lise a amava ao extremo, e ela retribuía essa afeição.

Anne-Clémentine revelou-se uma grande caçadora precoce e sonhava em expandir a equipe de Boursault. Ela costumava passar horas no canil, observando e tratando os animais, aprendendo tudo sobre caça. La Ramée estava morto, como a sra. Clicquot; era o filho dele, Hubert, que a instruía. (La Ramée, com a pele áspera como uma casca, havia sido enterrado em sua querida floresta, onde havia coagido tantos veados e cervos, ao pé de um carvalho, cujo tronco trazia, em uma placa de metal, a data dupla de seu nascimento e de sua morte).

— Marie-Lise, você não responde? insistiu Clémentine.

— Minha querida, veja, eu não estou com vontade de caçar.

— Você perdeu o homem que amava, seu noivo, mas isso já faz dez anos!

De fato, no dia 4 de setembro de 1851, o marechal morreu e da maneira menos heroica, mais prosaica, como um burguês de Daumier, enquanto almoçava. Essa data jamais seria apagada do coração de Marie-Lise, assim como o belo funeral que Luís Bonaparte, ainda presidente da República, preparou-lhe.

— Para recusar o convite, minha querida — disse Marie-Lise — eu posso apelar, independentemente do meu luto, para a minha idade e, sobretudo, para a minha saúde deplorável.

Ela sofria de insuportáveis queimações no estômago (úlceras? câncer?) e, em alguns dias, ela tinha dificuldades para andar, para ficar em pé.

Com a obstinação de uma criança mimada, cujos caprichos são prontamente satisfeitos, com o egoísmo da juventude unido à riqueza, Clémentine não a deixava em paz:

— Naturalmente, não pedimos que você acompanhe a caça a cavalo. Você irá de carruagem.

Marie-Lise, em nome da afeição que nutria pela jovem, sua única amiga, e também pela fadiga procedente da doença, opunha-se com uma resistência decrescente:

— Mas é inverno, está frio. Eu sofrerei nesse carro, correrei o risco de agravar minhas enfermidades...

Eu me certificarei de que haja cobertores, cobertores bons e grandes, peles. Você ainda terá um aquecedor.

Marie-Lise rendeu-se:

— Bem! Que seja. Se eu vier a sucumbir durante esse passeio imprudente, você saberá a quem acusar... E, depois, no fim das contas, se eu morrer, você estará me fazendo um favor. Uma velha acamada e dependente dos outros não tem lá uma vida muito invejável.

— Cale-se, por favor, Marie-Lise, sua malvada! ex-

clamou a jovem, com lágrimas nos olhos, abraçando-a com uma ternura sincera.

Em seguida, ela se dirigiu ao canil, que agora comportava cerca de cinquenta cães, para ajudar a preparar a caça do dia seguinte. No caminho, ela parou nos estábulos, visitou a baía de sua égua, Proserpine, um animal nobre de pelagem castanho-queimada, com o qual ela se entendia muito bem. Ela a examinou com a ciência de um veterinário.

No dia seguinte, ela foi a primeira a vestir a jaqueta vermelha com pequenos bascos, colocar o chapéu tricorne e calçar as botas envernizadas. Uma chuva de gelo havia caído durante toda a noite, uma brisa de fevereiro cortava a pele como uma navalha. Os caçadores chegavam. As senhoras vestiam algumas variações próximas ao traje de Clémentine de Mortemart; os homens, trajados de vermelho, exibiam, como peça de chapelaria, o capacete de veludo preto. Mas nenhuma dessas vestimentas tinha o brilho do novo, todas eram mais ou menos usadas e desbotadas. Assim era a moda entre os caçadores naquela época. Um jovem subtenente sobressaía-se entre eles por estar uniformizado. Hubert e dois caçadores, com a trompa sobre os ombros, e os cães de caça estavam ocupados. A matilha, sedenta pela carnificina, uivava.

Antes de montar, Clémentine tentou ela mesma acomodar Marie-Lise em sua carruagem. Ela envolveu-a em uma pele de cabra e colocou o aquecedor debaixo de seus pés.

No carro, dois cavalheiros tomaram seus lugares: o conde de Viel-Castel, um venenoso memorialista que se acreditava o Saint-Sion do Segundo Império, e um jovem engenheiro, Saulce de Freycinet, que estava destinado à vida política e a se tornar um eminente parlamentar da Terceira República. Ele seria o favorito do presidente Jules Grévy, e, nas horas difíceis, sua tábua de salvação. Então, excessivamente magro, pálido, movendo-se a passos largos, ele res-

pondia pela alcunha de “O Rato Branco”. No presente, ele era um jovem correto e de expressão severa.

A equipe partiu na direção da floresta. Uma amazona trotava à altura da carruagem, enquadrando-se na porta.

— Mas é Rosa Bonheur! exclamou o sr. de Freycinet.

Em seguida, com ar solene:

— Uma grande artista!

Rosa Bonheur, jovem pintora de animais, destacava-se na pintura de cavalos e bois. Uma cena rústica, *Labourage nivernais*, havia sido o ponto alto do Salão de 1848, valendo-lhe uma Primeira Medalha. Ela não tinha mais do que 26 anos e hoje estava com 38 anos.

— Que futuro brilhante ela tem pela frente! declarou o engenheiro, quando ele apresentou essas referências.

Marie-Lise informou aos dois companheiros que Clémentine de Mortemart acabara de pedir à Rosa Bonheur seu retrato equestre.

Entraram na floresta. Um sol exausto brilhava nas folhagens úmidas.

— Nesta temporada, disse o conde de Viel-Castel, a caça se aninha no fundo dos arbustos para se proteger do frio.

Como estávamos precisamente na estação ruim, a matilha percorria a floresta sem resultados.

O landau apenas seguia os caçadores de uma distância suficiente, ao longo de uma estrada pouco transitável. Às vezes, conseguia-se distinguir, na longitude nebulosa, uma mancha vermelha, que se tratava de um deles.

No entanto, a carruagem passou pelo jovem oficial, cujo cavalo mancava.

— Quem é? perguntou Viel-Castel.

Freycinet não tinha ideia, mas Marie-Lise foi capaz de responder-lhe:

— Seu nome é Boulanger. Não sei mais nada sobre ele.

Freycinet não fazia ideia de que ele presidia, sob um novo governo, um gabinete onde este mesmo Boulanger seria ministro da guerra... Para suspeitar dele, teria sido necessário, de fato, ser um profeta clarividente.

— Ouçam! disse Marie-Lise, eis algo novo...

Uma fanfarra acabara de estourar, o que fez vibrar os prados. Um cervo acabara de aparecer e Hubert tocava “La Vue”.

A esse respeito, Marie-Lise declarou:

— Hubert poderia tocar a trompa indefinidamente, sem se cansar. Ele herdou de seu pai esses pulmões de fole.

No fundo da carruagem, eles ouviram a matilha emitindo latidos alegres.

Dirigiram uma boa hora sem encontrar uma viva alma. Então, descobriram-se em uma grande reunião, onde estavam Clémentine e Rosa Bonheur. Caçadores, alguns a cavalo, outros a pé, conversavam, gesticulavam, pareciam confusos e aborrecidos.

Clémentine encostou-se à porta da carruagem, a fim de informar os ocupantes. A caça, um cervo esplêndido, com chifres gigantescos, havia desaparecido. Em que matagal ele se escondia? A não ser que ele tenha saído da floresta para ganhar o campo?

Era mais de meio-dia, estávamos com fome. No entanto, por iniciativa de Clémentine, um pavilhão de caça havia sido construído no coração da floresta, onde era costume comer e onde uma refeição fria havia sido preparada. Todos se dirigiram ao local e, então, sentaram-se. A caça seria retomada após o almoço.

Os caçadores, sobretudo aqueles em ação, não saberiam falar sobre outra coisa que não fosse sobre a caça. Eles não se privaram disso.

Clémentine espantava pelo seu conhecimento do assunto, não temendo parecer arrogante.

— O senhor sabia, ela disse ao subtenente Boulanger, bastante estupefato, que depois dos bloodhounds pretos e dos cachorros cinza de Saint-Louis, veio o primeiro cachorro branco, que se chamava Souillard?

— Acredite se quiser, mas, não, senhorita, ele confessou sem constrangimento.

Ela continuou:

— Souillard teve com Baude, a linda cachorra de Anne de Beaujeu, Mirault, Briffaut, Clérait e Hoise... Quanto à raça azul da Gasconha, foi Gaston Phœbus, conde de Foix, que obteve, cruzando a linhagem de Ariège com os bloodhounds pretos. Os cachorros de Virelade foram os últimos representantes deles.

— Céus! exclamou um cavaleiro arqueado e grisalho, a senhorita poderia, dou a minha palavra, dar lições até a um macaco velho como eu.

Aplausos ligeiramente irônicos soaram ao redor da jovem.

Mas era preciso encontrar o cervo. Os caçadores montaram em seus cavalos, Marie-Lise e seus dois companheiros voltaram para dentro do carro.

Os caçadores distanciaram-se rápido, e bastante. Assim, os ocupantes do landau não souberam de mais nada sobre a caça. Eles mal ouviam, intermitentemente, fanfarras e latidos confusos. Toda a conversa tinha acabado. O conde de Viel-Castel e Freycinet dormitavam. Marie-Lise teria feito o mesmo se dores agudas, atrozes, não a tivessem impedido.

Houve um incidente. Um cachorro da matilha jazia, estripado, no meio da estrada. O condutor saltou de seu assento para socorrê-lo: pegá-lo, levá-lo ao canil, onde ele receberia os cuidados necessários. Mas o pobre animal, vítima de uma chifrada, acabara de expirar. Ele o abandonou e voltou a seu assento.

De repente, eles perceberam que estavam perdidos na floresta invernal. O condutor acabou, no entanto, por desco-

brir um caminho que levava ao castelo, e decidiram entrar, sem se preocuparem mais com a caça. Já era quase noite.

Aproximando-se de Boursault, eles ouviram uma grande algazarra: latidos ferozes, clamores e, logo, uma fanfarra que os encobriu.

— É o halali! disse Marie-Lise.

Entrando no parque, ela e seus companheiros viram um estranho espetáculo. O cervo tinha saído da floresta e se refugiado no lago, onde, ereto sobre duas patas, ele encarava a matilha, que nadava até ele. Ele feriu gravemente seus adversários. Sangue tingia seus temíveis chifres. Os caçadores iluminavam o halali com tochas, cujos reflexos incendiavam a água. Hubert tocava a trompa freneticamente, e os caçadores esgoelavam-se gritando “Vitória!”.

No entanto, Marie-Lise, que amava tanto os animais e se sentia próxima de todos os oprimidos, não quis assistir até o fim a esse combate de certa forma fratricida, e voltou ao seu quarto. Além disso, a caça com cachorros a havia extenuado, como era fácil prever, já que ela estava seriamente doente.

## COMENTÁRIO

### SOBRE A QUARTA SESSÃO

*Em primeiro lugar, é necessário relevar os erros habituais de datas e calendário.*

*Marie-Lise fala de frutidor de 1851 e de termidor de 1856, ainda que há muito tempo o calendário republicano tenha desaparecido completamente. Reminiscência? É bem pouco verossímil para uma criança nascida apenas dois anos antes da supressão do calendário republicano e criada até a idade de 22 anos em um convento.*

*Marie-Lise estima as visitas ao castelo do general Boulanger, conviva favorito da duquesa Uzès, sobre o qual ela diz:*

*— ... O general Boulanger é o general que faz tudo o que a duquesa ordena... ele não é muito gentil... nem muito jovem... Estamos em 1855... tenho 51 anos... Só ele vem... nós bebemos champanhe... eu não gosto dele. (Supomos que não se trata do champanhe, mas do general!).*

*Ora, na época, o “general” Boulanger tinha 18 anos e ainda não era general!*

*No entanto, Marie-Lise é muito mais precisa nessas descrições da vida no castelo de Boursault.*

— ... Domingo, 13 do... termidor... é de manhã, são seis horas, há uma caça hoje, eu vejo ao longe, há muitos convidados, eles entram pelo lado, a cancela está completamente aberta, os cachorros correm latindo... Há o conde de Viel-Castel, ele está vestido de vermelho com ornamentos pretos... Também há a duquesa de Berry, ela chega a cavalo, ela é linda... Não vejo bem os outros... A duquesa recebe seus convidados, ela tem um vestido de veludo roxo e um pequeno chapéu de pontas... Estou na janela, não vou à caça... A duquesa não me convida, ela não gosta muito que eu apareça entre seus convidados... ela me fez entender... Todos eles estão se preparando, há trompas, eles tocam...

— O que você vai fazer?

— Deitar. Eu queria ver, é bonito... Eles se foram. Eu vou dormir até ouvir os sinos, é 8h30, eu me levanto... vou me lavar, não tem água, preciso ir a uma pequena porta que fica na adega e pegar água... Vou almoçar na cozinha, não no cômodo grande... hoje me sinto só, tomo leite e como pão amanteigado, não tenho direito de ir à missa já que a duquesa não está aqui, vou ver a Virgem em uma pequena capela na parte de trás, isso me ajuda a suportar, porque não estou muito feliz...

Ao longo dessa mesma sessão, descobrimos como terminou o idílio com Sébastiani. Ele foi para a Turquia, onde, diz-nos Marie-Lise, ele está com o sultão “Sulam”, o que está correto do ponto de vista histórico.

No castelo de Boursault, Marie-Lise espera impacientemente o seu retorno.

— Espero Sébastiani, ele deve voltar, a duquesa me disse, ele deve chegar esta noite... Estamos em 21 do frutidor de 1851... Ele chega a cavalo, eu o espero embaixo, no jardim, eu o vejo... Ele me abraça, me beija no rosto, ele é lindo, é velho, deve

*me salvar... A duquesa não está aqui, nós vamos para trás do castelo, ele me chama pelo meu nome, eu o chamo de Horace... Na frente da duquesa, não dizemos isso... Ele acha que ela é muito rígida comigo, estamos na parte de trás, há um parapeito, o vemos muito longe... Ele está voltando da Turquia, viu o sultão, ele diz: é preciso evitar a guerra... Ele deixa tudo de lado, está muito feliz perto de mim, quer ver a duquesa, nós entramos pela parte de trás... Ele quer se casar, iríamos para a Córsega, ele tem cabelos brancos, não tem problema... eu queria sair deste castelo...*

*— O que você está fazendo?*

*— Não se pode dizer essas coisas...*

*— A idade dele?*

*— Ele tem entre 70 e 80 anos, acho que temos 26 anos de diferença... (Sébastieni, na verdade, tem 70, ou seja, 32 anos a mais que Marie-Lise). A duquesa se coloca entre nós dois, ela tem medo que eu fale ou que ele fale, ela viu que, no jardim, estávamos juntos...*

*Os projetos de Sébastiani não se concretizaram por uma razão que ignoramos, porque a própria Marie-Lise não sabe.*

*Ele tinha me dito: minha querida Marie-Lise, você não ficará muito mais tempo aqui, logo eu volto e nos casaremos... a duquesa olha por trás de sua janela, ela não quer que a gente se afaste do castelo... Ele se foi, Horace!... Ele morreu!... Horace morreu!... no mesmo ano... (Ela chora). A duquesa me disse, disse... disse... nunca mais verei Horace de novo! (Ela chora).*

## QUINTA SESSÃO

*ESTA sessão, que também teve como cenário o castelo de Boursault, certamente foi a mais trágica ou, pelo menos, a mais impressionante.*

*Ela nos faz reviver a morte de Marie-Lise, que, como se poderá julgar, cercava-se de circunstâncias dolorosas. Todos nós estávamos mais ou menos cansados, estressados pelas numerosas experiências que tínhamos acabado de tentar e essa última sessão ainda deveria nos deixar mais abatidos.*

*O sr. Collard, o sr. Caille, a sra. Dupil, a sra. Neuville, que assistiram em companhia da guardiã do castelo, não nos desmentirão.*

*Vejamos Marie-Lise viver seus últimos anos; em seguida, comentaremos os extraordinários resultados desta última sessão.*

\*

\*       \*

A CONTAR desse dia, a saúde de Marie-Lise declinou rapidamente. Ela não deixava mais seu quarto (ela morava, no momento, de novo no castelo) e arrastava-se entre sua cama e seu divã. Este estava localizado perto da janela, que dava para o parque. Pelas nuances do lago, ela sabia as horas. Ela pensava que o barão que lhe havia explicado as estátuas mitológicas estava morto e, depois dele, a sra. Clicquot, Poirel, La Ramée e mesmo o filho de La Ramée, Hubert. Ele sucumbiu em uma queda do cavalo. Ela não duvidava que os seguiria em breve para o túmulo. O pároco vinha, todos os dias, para prepará-la para a grande travessia. Ela acreditava, mas não era uma devota. O pároco reprovava sua hesitação, aplicava-se a reavivar sua fé.

A criada, ligada a ela desde a sua instalação definitiva em Boursault e que, então, era quase uma criança, hoje era uma velhusca. Contudo, sua devoção não havia envelhecido.

Seu único consolo, ao fim de uma vida pavimentada por desgostos e tristezas, era a fervorosa solicitude com que a jovem Clémentine de Mortemart a envolvia. Para ela, apenas para ela, ela abandonava sua linguagem rude e seu aspecto ríspido. Agora, ela censurava-se por a haver maltratado frequentemente, como ela fazia com os caçadores e seus cachorros, os cavalos e os cavaleiros dela, e esforçava-se para reparar essa atitude redobrando seus cuidados. Ela era uma leitora e uma enfermeira incomparável.

Marie-Lise morreu em uma bela tarde de primavera. Clémentine fechou seus olhos, colocou o crucifixo entre suas mãos cruzadas, acendeu círios de cada lado da cama. A fiel criada, no entanto, fechava as persianas vertendo lágrimas quentes. Clémentine,

de coração viril, aparentemente ficou impassível apesar de seu sofrimento.

Confinada por muitos dias neste quarto, ouvindo as reclamações e depois os grunhidos de uma agonia, respirando os odores de chá e de remédios farmacêuticos, Clémentine sentia uma necessidade irresistível de ar puro, de sol. Ela desceu, por um momento, ao parque. Ela foi sentar-se neste banco dominado por um arco de rosas e próximo da fauna tocando flauta, onde Marie-Lise teve seu primeiro encontro com Sébastiani. A luz de maio iluminava o gramado, as flores, as estátuas. Com a ajuda de sua juventude, Clémentine esquecia Marie-Lise, estendida lá em cima em seu leito fúnebre, e cujo cadáver esperava ser fechado em um caixão e, depois, descido a terra enquanto sua alma alada já habitava regiões desconhecidas.

Uma abelha, atraída pelas rosas, alterou subitamente o curso de seus pensamentos. Essa abelha a fez pensar no Império. Ela era resolutamente legitimista. Considerava o conde de Chambord “o filho do milagre”, único pretendente indiscutível ao trono da França, que aguardava, no exterior, uma oportunidade de substituir Napoleão III, outro usurpador. Assim, ela entendia mal esses antigos aristocratas, esses aristocratas de sangue azul que faziam pacto com os Bonaparte, e ela respeitosamente culpava os seus a esse respeito. Não, não se devia permitir que as abelhas imperiais saqueassem os lírios da realeza.

No entanto, se uma vidente estivesse a seu lado, neste banco, no perfume das rosas, e ela a houvesse consultado, eis o que ela teria ouvido:

— Em breve, o Segundo Império ruirá, após uma guerra desastrosa. De suas ruínas, saíra uma Terceira República. Governada por magistrados, ela será, a princípio, íntegra e receberá a estima das outras nações. Depois virão os escândalos e os franceses se

separação do regime para se voltarem para um general de barba loira, acampado sobre um corcel negro, que falará a eles sobre desforras. Será esse tímido subtenente chamado Boulanger, que a senhorita surpreendeu com sua erudição canina durante um almoço de caça. Quando for duquesa, a senhorita acreditará que esse Boulanger será capaz de caçar a República e restabelecer o rei. A senhorita o ajudará com seus milhões. Mas seu corcel negro será, para a senhorita, o cavalo errado, e a senhorita fracassará como egeria política. É como caçadora que a duquesa d'Uzès, “a duquesa Anne”, permanecerá na memória dos homens.

## COMENTÁRIO

### SOBRE A QUINTA SESSÃO

*ESTA sessão foi marcada por um incidente que poderia ter tido consequências graves.*

*Nós queríamos examinar o lugar em que Marie-Lise tinha afirmado ter sido enterrada. Ou seja, o cemitério que circundava a igreja. Essa igreja foi demolida e reconstruída e o cemitério foi suprimido, os túmulos sendo retirados e transportados para um outro local da cidade.*

*No entanto, andamos ao redor da pequena igreja em fila indiana, trocando nossas impressões, quando, bruscamente, sem que ninguém pudesse prever o incidente, Denise desabou como uma pedra. Felizmente, nenhum obstáculo encontrava-se em seu caminho. Ela caiu na grama enquanto olhávamos atordoados. André Dupil logo se incumbiu de prestar-lhe socorro. Ela estava em estado de completa letargia.*

*É necessário dizer que um minuto antes ela estava em perfeito estado de vigília? No entanto, ao chegar à vila de Boursault, ela tinha se queixado de sentir uma espécie de angústia.*

*Quando ela voltou a si e pudemos a-*

*fastá-la da igreja, ela nos confiou que sentiu como se mãos apertassem seus tornozelos... e uma espécie de dormência a envolveu no momento em que ela se sentiu atraída para o chão. Ela ficou com medo e desmaiou.*

*Analisando as declarações de Marie-Lise registradas ao longo da sessão e o testemunho de Denise, deveríamos constatar que o incidente tinha se produzido no mesmo local em que Marie-Lise afirmava ter sido enterrada!*

*No entanto, não tínhamos chegado ao fim de nossas emoções. No interior do castelo, André Dupil começou a adormecer Denise para fazê-la contar o seu fim. Essa narrativa constitui o essencial do que o leitor acaba de ler, mas é necessário ter vivido, como nós fizemos, esses minutos para entender o que essas experiências de hipnose têm de perturbadoras.*

*Escutemos o diálogo entre a médium e o hipnotizador:*

*— Você está no castelo, Sébastiani morreu, o que você está fazendo?*

*— Agora o espero... espero... Eu rezo à Virgem Maria, para que ela me ajude... Eu não tenho mais ninguém... (ela chora).*

*— Quantos anos você tem?*

*— Tenho 58 anos, penso bastante, fico entediada... fico entediada neste castelo... Muitas vezes fico mal do estômago, queimações, arde... arde... Não cuidam de mim, não vejo o médico. A duquesa cuida de mim, o doutor não vem... Não precisa... fico mal todos os dias, não consigo mais comer, arde... Acontece que eu não consigo comer... não consigo comer... o tempo passa...*

*— Quantos anos você tem agora?*

*— Tenho 61 anos, eu espero, sei que não existo mais há muito tempo... Eu sei... Estou no meu quarto,*

*estou no meu quarto, deitada na minha cama, estou muito mal, não consigo mais me levantar... A duquesa vem de tempos em tempos me ver... E eu morro... e eu morro... Eu não quero! (Ela geme e se debate). Eu não quero!... Estão me levando... a duquesa e um homem... Estão me levando a um subterrâneo, eu não quero... Eles atravessam o parque... Estão me levando por um grande buraco... (Ela chora e se agita; é preciso acordá-la).*

*Adormecida, Denise conduz-nos até o quarto de Marie-Lise, o mesmo que ela sempre descreveu perfeitamente em suas hipnoses. Mas quando chegamos a esse quarto, ela agita-se violentamente e, escapando de nós, foge pelo corredor absolutamente aterrorizada. Temos muita dificuldade de alcançá-la e é preciso acordá-la para que ela se acalme.*

*Descemos novamente do primeiro andar; Denise agora está acordada e não se lembra de nada. Ela anda na frente, na companhia de Pierre Neuville. Chegando ao térreo, ela designa um corredor, dizendo “Não sei por quê, mas não iria por aqui”. Intrigado, Neuville aventura-se sozinho pelo corredor, que conduz ao escritório e às cozinhas; ele termina em uma escada que leva ao subsolo.*

*Discretamente, compartilhamos com André Dupil a apreensão de Denise por essa parte do castelo. A médium é adormecida no grande salão, sob os olhares desaprovadores da guardiã, que ainda está emocionada pela cena do quarto e que, certamente, nos toma por perigosos e sádicos.*

*André Dupil tenta conduzir Denise devagar, agora durante o sono, para o corredor que ela parecia temer tanto momentos atrás; ela o segue com um pouco de relutância. Ao chegar ao topo da escada, seu terror torna-se visível, André Dupil avança apesar disso e Denise desce os degraus a contragosto; lá embaixo, ela dá três passos e depois, de repente, grita e, escapando de nós*

*de novo, sobe a escada precipitadamente e é muito difícil encontrá-la e acalmá-la.*

*Quando descemos as escadas sem ela alguns instantes mais tarde, descobrimos o túnel pelo qual, de acordo com as próprias declarações em hipnose, ela foi retirada do castelo após a sua morte para ser levada através do parque até a igreja.*

*É necessário mencionar que Denise nunca havia colocado os pés em Boursault antes desta sessão e que ela ignorava toda a história do castelo, aliás, como todos nós?*

*Ao longo de uma sessão precedente, Marie-Lise falou do guarda-caça Poirel, que ajudou a duquesa a tirá-la do castelo e a enterrá-la atrás da igreja. Aproveitamos a nossa passagem por Boursault para nos informarmos sobre a exatidão desse fato. Poirel existiu de fato! Ele morreu, claro, mas tem um filho hoje septuagenário que ainda mora na vila.*

*Colocamo-nos em delegação junto a esse bom homem para perguntar a ele se seu pai já havia falado de Marie-Lise ou pelo menos de uma mulher que vivia no castelo e que ele teria ajudado a enterrar. O sr. Poirel não tem nenhuma lembrança e está certo de que nunca ouviu falar dessa história, nem mesmo de nada que pudesse estar relacionado, próxima ou remotamente.*

*E mais, analisando as datas fornecidas por Marie-Lise, descobrimos que, se Poirel realmente se ocupava das funções de guarda-caça da duquesa, isso foi apenas depois de 1867, data em que chegou a Boursault, ou seja, dois anos depois da morte de Marie-Lise! Mais uma vez o problema do tempo é um obstáculo em nossas pesquisas.*

*Marie-Lise morreu. Para encerrar essa última sessão, queríamos saber o que aconteceu com ela após*

*sua morte, antes de reencarnar no corpo físico de Denise, nossa médium.*

*É um momento tão emocionante quanto o que já vivemos na primeira vez em que chegamos ao que Morey Bernstein chama de “a grande ponte”, essa passagem entre a vida atual e a vida passada.*

*Dessa vez, voltemos no tempo. Marie-Lise acaba de ser enterrada.*

*— Você era Marie-Lise, morreu aos 61 anos no castelo de Boursault, onde você está agora?*

*— Estou com os vivos, com todas as pessoas que estão no mundo... Flutuo... flutuo... vejo... converso... não me entendem, sim, vejo todo mundo, mas eles não conseguem nos ver... Vejo tudo... vejo tudo... entendo tudo...*

*— E então? Depois?*

*— Estou entre o céu e a terra, vou, volto, distingo as pessoas, é longe.*

*— Você revê aqueles que você amava e pode dizer algo para eles?*

*— Não, não vejo... não vejo Sébastiani... sou uma sombra, mas que vê, uma sombra transparente. Não sofro. Revejo muito bem minha vida passada, vemos tudo...*

*— Então, quem era Marie-Lise? Quem era seu verdadeiro pai?*

*— Era... o marechal Lefebvre, tenho certeza...*

*— O que acontece com você depois?*

*— Esperamos... esperamos... o tempo parece longo... Depois, tornei-me Denise C...*

*— Quero saber, quando você estava morta, para sair do seu corpo, como você fez?*

*— É difícil de explicar...*

*— Quando você estava no buraco...*

*— É quando morremos que deixamos o nosso corpo, é o corpo que vai para o buraco... Vi colocarem*

*meu corpo no buraco, via me colocarem no buraco, era só o meu corpo...*

*— Ele ainda está lá?*

*— Nem tudo foi retirado, perto do muro da igreja, atrás da igreja, no lugar em que eu caí... sim!*

*— Você estava sozinha no túmulo?*

*— Sim, estava sozinha, vieram nos incomodar para aumentar a igreja... Restam os ossos...*

*— O que é?*

*— Não resta muita coisa, mas restam... dois ossos... ah!... ah!...*

*— Quem estava ao seu lado, nos outros túmulos?*

*— Tinha gente, mas estavam muito afastados...*

*— Quem?*

*— ...*

*— Sob qual nome você foi enterrada?*

*— Não... não... enterraram-me de manhãzinha... Não, não... Não há nada além de uma cruz em que está escrito Marie-Lise... Só isso...*

*— Onde encontrar rastros de sua passagem pela terra?*

*— Ninguém tem nada... ninguém, porque não se podia saber!*

*— Quando você flutua, você consegue ver outras sombras?*

*— Sim! somos muitas, há outras sombras flutuando como eu... elas flutuam, caminham... as sombras não se falam, não sabemos de nada...*

*— Quem lidera?*

*— Ninguém lidera... Nada acontece, nunca... Somos sozinhos, sozinhos... Sem calor, sem frio... É sempre a mesma temperatura... Está claro, sim, não distinguimos muito bem a luz da noite...*

*— Como são essas sombras?*

*— Lembram um corpo humano transparente... e*

*no meio alguma coisa se destaca muito bem, é tudo branco... Ninguém pode ver, não somos nem homens nem mulheres, todos parecidos... Não nos reconhecemos...*

*— Você viu pessoas que você conhecia?*

*— Não, não vi ninguém... É difícil ver... Não, não gostamos uns dos outros... Não conversamos... não conseguimos... Vivemos sozinhos da mesma forma... esperando.*

*— Sim, voamos, voamos... não vamos muito longe, não conseguimos ir muito alto...*

*— Alguém impede?*

*— Não sei por quê...*

*— Você foi punida?*

*— Ah! não, porque somos muitos... muitos...*

*— Mas antes de ser Marie-Lise, quem você era e onde?*

*— Eu flutuava... sim, sim, eu era alguém... Não vejo muito bem... Ah! sim, muito tempo antes... sim, muito tempo antes... eu era... vejo que eu morava nesse corpo, uma sombra, eu a vejo... moro em um outro corpo...*

*— Quem era você? Em que época?*

*— Em... 17... 90... Foi a sua morte...*

*— Quem era você?*

*— Eu era um homem... sim, sim... mas um homem que trabalhou para educar todos os seus filhos...*

*— O nome dele?*

*— ... Nicaise... Nicaise... Ah!... Ah!...*

*Denise visivelmente sente um mal-estar e é preciso acordá-la.*

## CONCLUSÃO

Assim como dissemos no começo deste livro, nossa intenção não é tirar conclusões das experiências de que fomos testemunhas atentas e objetivas, nem dos fenômenos que observamos e que seriam muito difíceis de explicar.

Deixamos ao leitor que se interessa por esses problemas a preocupação de encontrar uma solução que satisfaça suas próprias crenças, se as possuir.

Pelo menos podemos concluir essa curiosa história de Marie-Lise expressando um desejo, o mesmo que formulou Morey Bernstein no fim de *O Caso de Bridey Murphy*:

[...] Espero que muitos pesquisadores — experimentadores qualificados, médicos, psicólogos — coloquem em prática seu programa de investigações pessoais. É mesmo possível que uma ou mais de nossas mais importantes fundações nacionais se interessem por ele. O desafio vale certamente a pena...

É mesmo lamentável que esses problemas sejam acolhidos com tal indiferença — quando não são abertamente combatidos — pelos meios científicos clássicos e que seja necessário se reportar a trabalhos que datam do começo do século, como os do coronel de Rochas, para atestar sua seriedade e incontestável interesse.

Um único pesquisador de verdade, ao longo desses últimos cinquenta anos, debruçou-se cientificamente sobre esses fenômenos de regressão de memória: o doutor Aléxis Carrel. As conclusões às quais ele chegou deviam ter feito nascer uma profusão de continuadores; nada aconteceu e podemos concluir que o sinal essencial que marca o mundo científico de nossos tempos é a falta de curiosidade.

O doutor Aléxis Carrel diz, a respeito de fenômenos similares aos que constatamos:

[...] As forças psíquicas do ser humano, quer sejam consideradas como o produto das células cerebrais ou como se manifestando por intermédio das células cerebrais, são as verdadeiras donas de nosso organismo. Elas não estão localizadas apenas no cérebro. Sua manifestação depende do estado de todos os órgãos e elas podem modificar o estado desses órgãos. Ao lado da consciência, há elementos psíquicos que provavelmente determinam e regulam o desenvolvimento dos órgãos, antes mesmo que sejam localizados no sistema neuro-simpático.

Esses elementos psíquicos determinam a forma do corpo durante sua formação por meio dos mecanismos psicológico e físico-químico que conhecemos. *É a presença desse elemento psíquico e de sua influência sobre o estado orgânico que explica as curas obtidas pela oração.* Um estímulo dessa força que determinou a forma do corpo pode tornar essa forma perfeita de novo, expulsando a doença. *Ela nos permite entrar em relação com as entidades puramente espirituais. Ela também permite a certos indivíduos sair do espaço e do tempo.*

E Aléxis Carrel ainda nota:

A telepatia sensorial, a sensibilidade a distância, por exemplo, é um fenômeno puramente físico.

— A clarividência, a previsão do futuro, a visão do passado é um fenômeno, sem dúvida, diferente. Trata-se, talvez, de um fenômeno que se passa em outras dimensões do universo, fora do continuum físico. O espírito sai do espaço e do tempo, do presente, e alcança a visão do futuro e do passado. Esses fenômenos não são suscetíveis de medidas quantitativas; são apenas qualitativos. É um erro querer medir tudo. Há um domínio para a quantidade e outro para a qualidade.

Existência de um mundo outro que não o mundo familiar que nos cerca, o do tempo e do espaço. Esse mundo é, talvez, idêntico ao dos místicos. A imanência da transcendência de Deus.

O espírito não é inteiramente compreendido no continuum físico. O meio de detectar onde ele se encontra e de estudar o que ele pode fazer. A predição do futuro mostra que ele pode sair do espaço e do tempo.

E ainda:

É absolutamente necessário considerar a psicologia como uma parte da fisiologia do cérebro se quisermos fazer progressos verdadeiros. A natureza da energia nervosa nos escapa completamente. Provavelmente, seria necessário abordar esse problema por métodos convergentes. Mas não conhecemos, no momento, um método que permita o estudo das células cerebrais nem da força da energia que elas liberam. No entanto, esse estudo deve ser feito pelos filósofos; e, sob a luz da fisiologia e da física, a forma de energia que elas liberam será descoberta.

Também poderíamos, talvez, estudar um aspecto dessa energia nervosa nos fenômenos de tele-

patia e de clarividência. *Certamente alguns indivíduos têm contato de forma direta com outros indivíduos e com alguns objetos invisíveis.* Há, portanto, alguma força que escapa de nós e coloca-nos em relação com o que não vemos. *Parece certo também que alguns indivíduos predizem o futuro. Isso indica, portanto, que se pode sair do espaço e do tempo.* Esses são problemas graves cuja solução nos esclareceria singularmente sobre nossa natureza.

Pensamos, modestamente, que uma obra como esta pode ajudar na busca por essa solução.

Kant escreveu: “No que me concerne, a ignorância em que estou sobre a forma como o espírito humano entra neste mundo e como dele sai impede-me de negar a verdade de diversas narrativas existentes. Por uma reserva que parecerá singular, permito-me relegar à dúvida cada caso particular e, no entanto, crer neles como verdadeiros em seu conjunto”.

É, acreditamos, nesse estado de espírito que é preciso ler e meditar sobre a extraordinária aventura de Marie-Lise. No prefácio de seu livro *As vidas sucessivas*, o coronel Rochas já escrevia:

Se ainda não soubemos reconhecer as leis que regem as regiões que apenas começamos a explorar, isso não as impede de existir mais que a incoerência aparente do movimento dos planetas não os impedia de obedecer às leis de Kepler antes que elas fossem formuladas. Séculos se passaram antes que o homem não duvidasse das forças que ele tinha sob as mãos no vapor e na eletricidade. Como poderíamos nos espantar por ainda não saber nos servir de uma forma correta das forças psíquicas de um manejo infinitamente mais delicado, já que elas estão vivas?

Pesquisadores obstinados — infelizmente muito pouco numerosos! — procuram definir essas leis. Que se trate de físicos como Joseph Roucoux, que pôde demonstrar que o sono hipnótico se deve a um desequilíbrio eletromagnético provocado pela ação do magnetizador.

Está provado, escreve Joseph Roucoux, “que essa ação separa o corpo carnal de sua parte espacial e que essa parte fantasmática pode deslocar-se à vontade, atravessar muralhas e ver, assim, locais distanciados de seu corpo... enquanto que a parte carnal permanece inerte e desprovida de qualquer sensibilidade”.

Qualquer que seja o nome com o qual a batizemos, uma experiência de radiestesia, de telepatia, de vidência espírita, se ela tem sucesso, é, para Roucoux, a prova de que houve uma ressonância entre a frequência individual do médium e a entidade. *E se havia ressonância, é sinal de que a entidade realmente existe no meio cósmico.*

O efeito de similitude só pode se produzir entre frequências similares e as vibrações cósmicas do pensamento do médium (dirigidas ou não por um operador) não poderiam entrar em ressonância com a entidade se ela não existisse realmente no meio cósmico. A ressonância do médium com a entidade é, portanto, uma possibilidade que parece provada pelos fatos e que merece ser considerada.

Os próprios espíritas, que encontrarão na história de Marie-Lise material que reforçará singularmente sua tese, não devem negligenciar esse lado científico da pesquisa. Allan Kardec, fundador da doutrina espírita, não disse: “O Espiritismo será científico ou não será”?

Estamos persuadidos de que pesquisadores como Hubert Forestier, Maurice Gay, Georges Gonzales encontrarão, assim como Joseph Roucous e seus amigos, neste livro, uma argumentação suscetível de fazer com que a ciência do homem progrida, quer ela se oriente para um espiritualismo puro ou para um materialismo construtivo. Ambos possuem apenas uma preocupação: a felicidade da humanidade.

De nossa parte, ficaremos satisfeitos se os materiais que transformamos em obra merecerem ser usados com esse objetivo.

Não pretendemos, aliás, ficar na história de Marie-Lise. Era, para nós, apenas uma etapa na apaixonante exploração que empreendemos em busca da Verdade.

Armamo-nos apenas com boa vontade e boa-fé.

Essa fé sobre a qual, no começo de seu livro *Os grandes iniciados*, Édouard Schuré diz:

A fé, disse um grande doutor, é a coragem do espírito que se joga para frente, certo de encontrar a verdade. Essa fé não é a inimiga da razão, mas sua chama; é a de Cristóvão Colombo e de Galileu, que quer a prova e a contraprova, *provando e ríproando*, e é a única possível hoje.

***Livro traduzido por Maria de Fátima, Everton Maraldi e Unyá Dias  
em 18 de dezembro de 2017.***